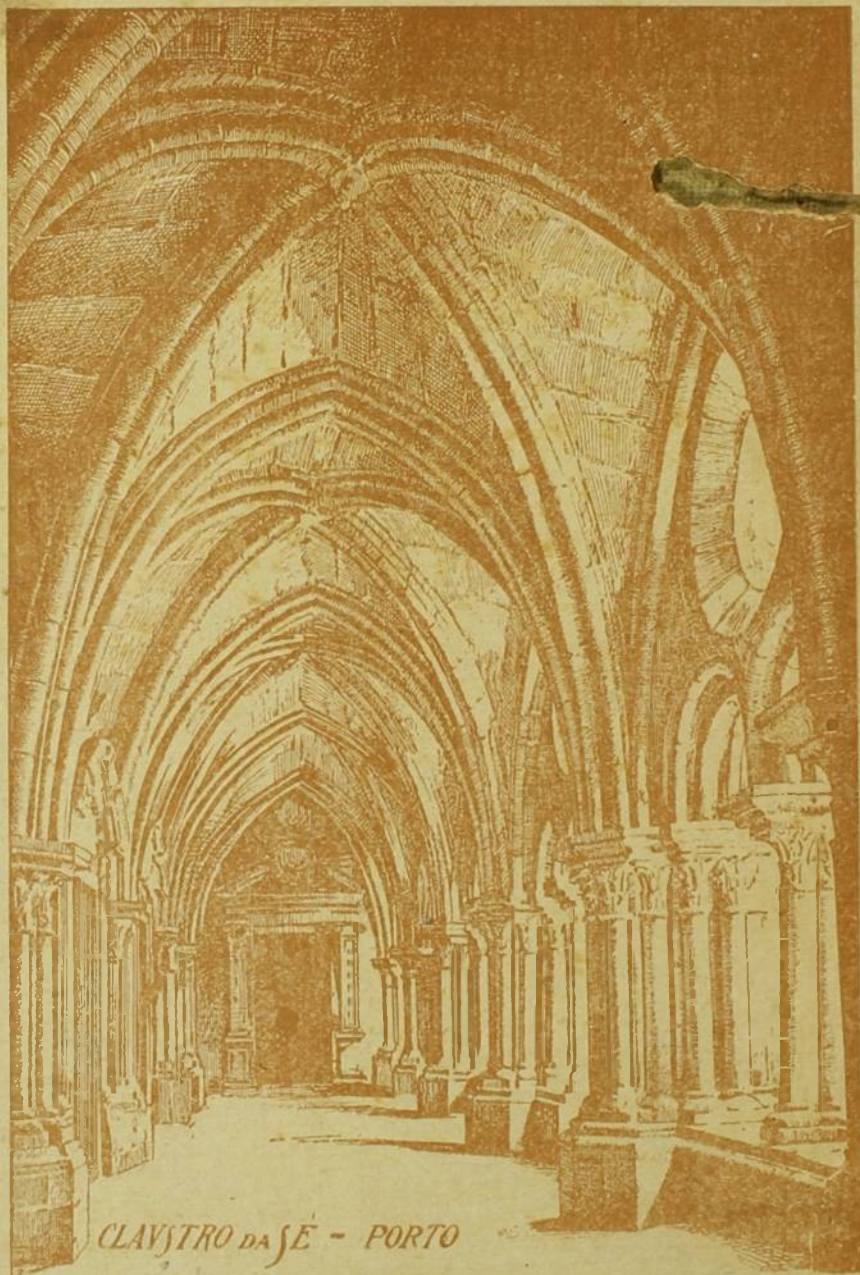


Falção.
Gonzaga.
Garrett.

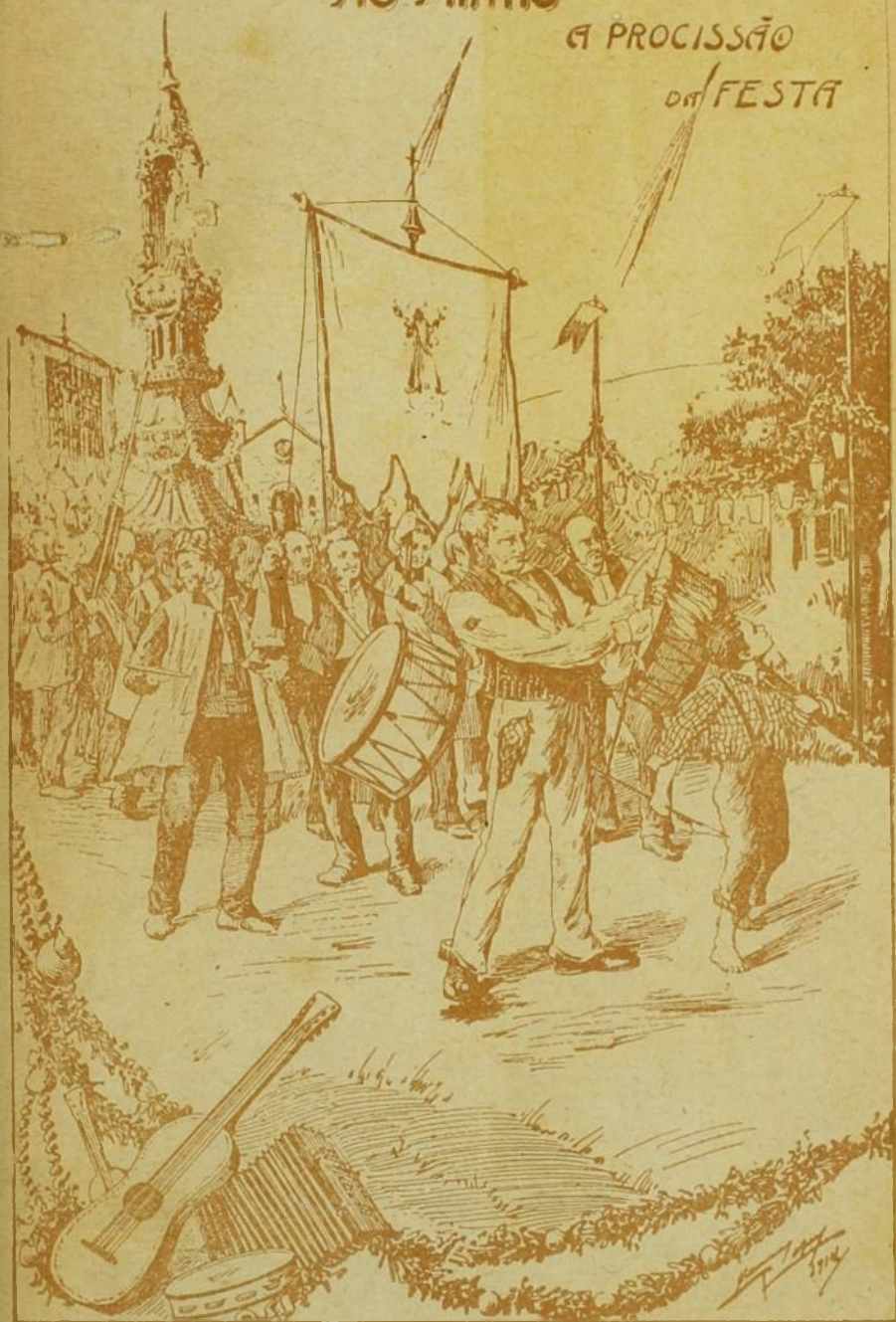
POETAS DO AMOR

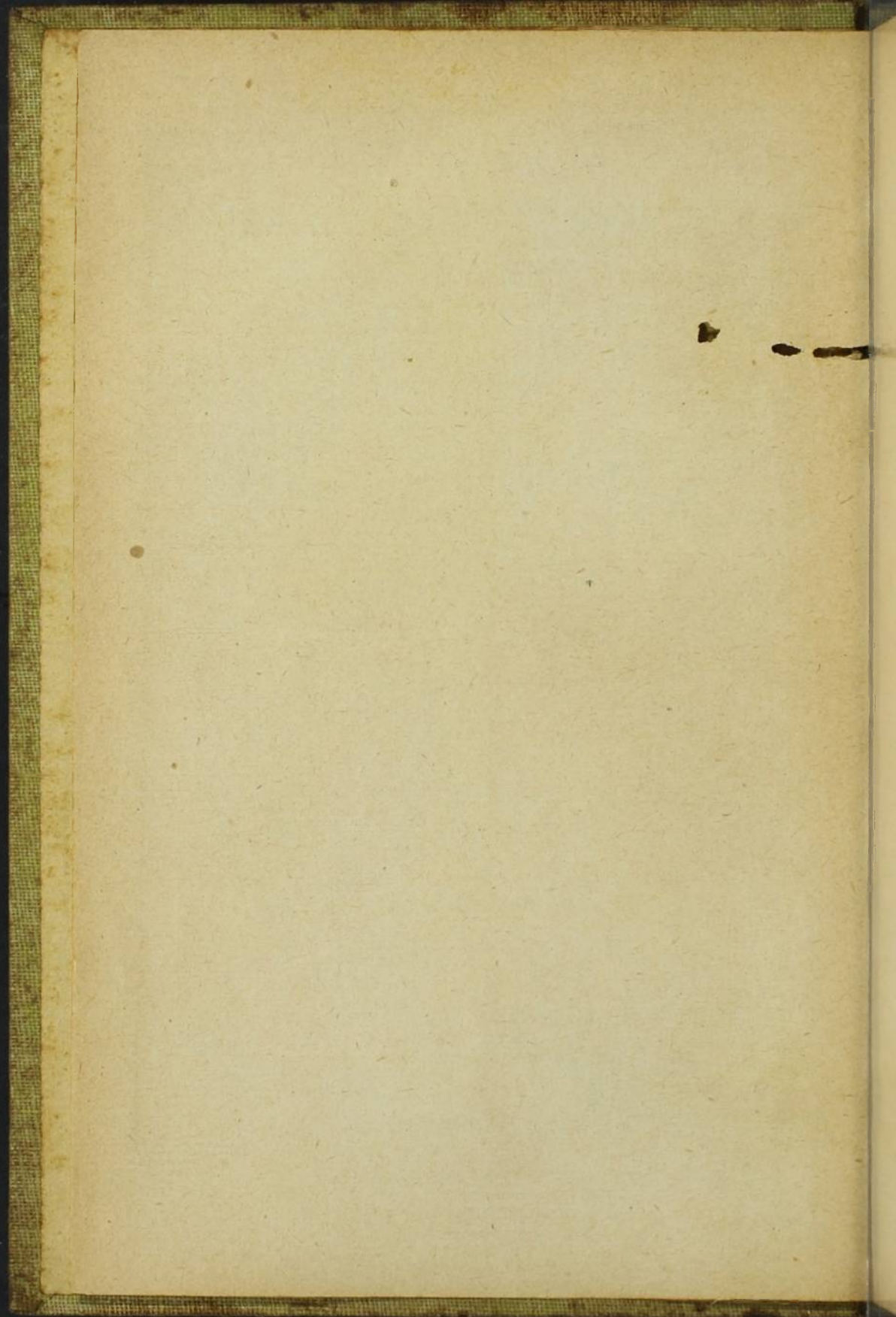


CLAVSTRO DA SÉ - PORTO

NO MINTHO

A PROCISSÃO
da FESTA





COLEÇÃO LUSITANIA

POETAS DO AMOR

Cristóvão Falcão — CRISFAL

Tomás A. Gonzaga — MARÍLIA DE DIRCEU

Almeida Garrett — FOLHAS CAIDAS

Collecção Lusitania



Esta collecção, de que já estão publicados 52 volumes, é a mais selecta, economica e elegante de quantas se têm editado em portuguez, e destina-se a vulgarizar não só as obras primas da litteratura patria, como tambem, em cuidadas traducções, as melhores da litteratura estrangeira.

Possuir a Collecção Lusitania completa, é o mesmo que possuir uma pequena bibliotheca.





Almeida Garrett

POETAS DO AMOR

Cristóvão Falcão — CRISFAL
Tomás António Gonzaga — MARÍLIA DE D'RCEU
Almeida Garrett — FOLHAS CAHIDAS

EDIÇÃO ORGANIZADA POR

JOSÉ PEREIRA TAVARES

Reitor do Liceu de Aveiro



LIVRARIA CHARDRON, de Lélo & Irmão.
L.^{da}, edit. Rua das Carmelitas, 144 — Pôrto

ARTES GRÁFICAS — PORTO

Poetas do amor ⁽¹⁾

Sobre amor poetaram inúmeros escritores portugueses desde os alvares da nossa literatura até a actualidade. « Poetas do amor » tem havido muitos, desde que Paio Soares de Taveiros, no século XII, dedicou a sua conhecida canção à estonteante « Ribeirinha », favorita de Sancho I, até que João de Deus, no século XIX, cantou a mulher em versos até então ainda não ouvidos.

Poetas do amor foram muitos dos trovadores cujas produções ficaram arquivadas nos cancioneiros medievais da Ajuda, da Vaticana e Colocci-Brancuti (hoje da Biblioteca Nacional), e mesmo no a êsse respeito insulso *Cancioneiro Geral*, onde o poeta, músico e historiógrafo Garcia de Resende, privado de D. João II, reuniu o labor poético dos poetas palacianos dessa época de frívolos amores. Poetas do amor foram Bernardim Ribeiro, o das *Saúdades*, tão português e tão simples ; Miranda, Ferreira e sobre todos Luís de Camões, o escritor máximo da nossa literatura. Poetas do

(1) O título deste volume foi sugerido há anos, em carta dirigida aos editores Lelos, pelo erudito historiador da literatura portuguesa, já falecido, Teófilo Braga. Da sua organização nos encarregaram os referidos editores no começo deste mês de Janeiro corrente.

amor foram Rodrigues Lôbo, e Rels Quita e Bocage, aquele do século XVII, êstes do século XVIII. Poeta do amor foi Castilho, o árcaico romântico ; e o mesmo poderemos dizer de João de Deus, porventura o nosso lírico mais espontâneo, e de tantos outros que em versos mais ou menos harmoniosos e sinceros cantaram o « eterno feminino », exaltando as suas musas inspiradoras ou queixando-se amargamente das suas ingratas esquivanças. Poeta do amor foi, é e há de ser sempre o povo, o vate anónimo cuja produção lírico-amorosa sobreleva quantitativa e muitas vezes qualitativamente todos os poetas que nós conhecemos pelas obras que a imprensa vai dando a lume.

Fixando as características da nossa literatura, Fidelino de Figueiredo considera, e muito bem, em primeiro plano, o *predomínio do lirismo*. Esse predomínio é palpável : reconhece-o facilmente quem percorrer a poesia portuguesa, arquivada em tantos volumes, e quem atentar na estupenda produção dos poetas anónimos, que as gerações nos foram transmitindo e que desde o advento do Romantismo vem sendo recolhida pelos coleccionadores do nosso folclore.

O número de poetas líricos é muito superior ao dos poetas épicos e satíricos. Camões é mesmo maior como poeta do amor do que como cantor das glórias lusitanas. A vela crítica e satírica do povo é muito inferior à manifestada por êle em numerosíssimas e variadíssimas quadras em que o assunto é o amor, com o seu acompanhamento de despedidas, ausências, saudades, ciúmes e desesperos. O povo português é o mais amoroso de todos. Não foi em vão, parece, que Vénus se lhe afelçou, ao reconhecer que onde estivesse um lusíada não faltaria quem sacrificasse nas suas aras . . .

Mas de todos êsses apaixonados nenhuns feriram talvez com maior sinceridade e sentimento as cordas da lira amorosa do que os três « poetas do amor », de que neste volume se recolhem carinhosamente as produções originadas pela sua desvairada paixão. Foi a Mulher que os fez sofrer de amor ; foi Ela a musa que os inspirou. Cristóvão Falkão e Maria Brandão ; Tomás António Gonzaga e Maria Joaquina Dorotheia de Selxas ; Almeida Garrett e a Viscondessa da Luz

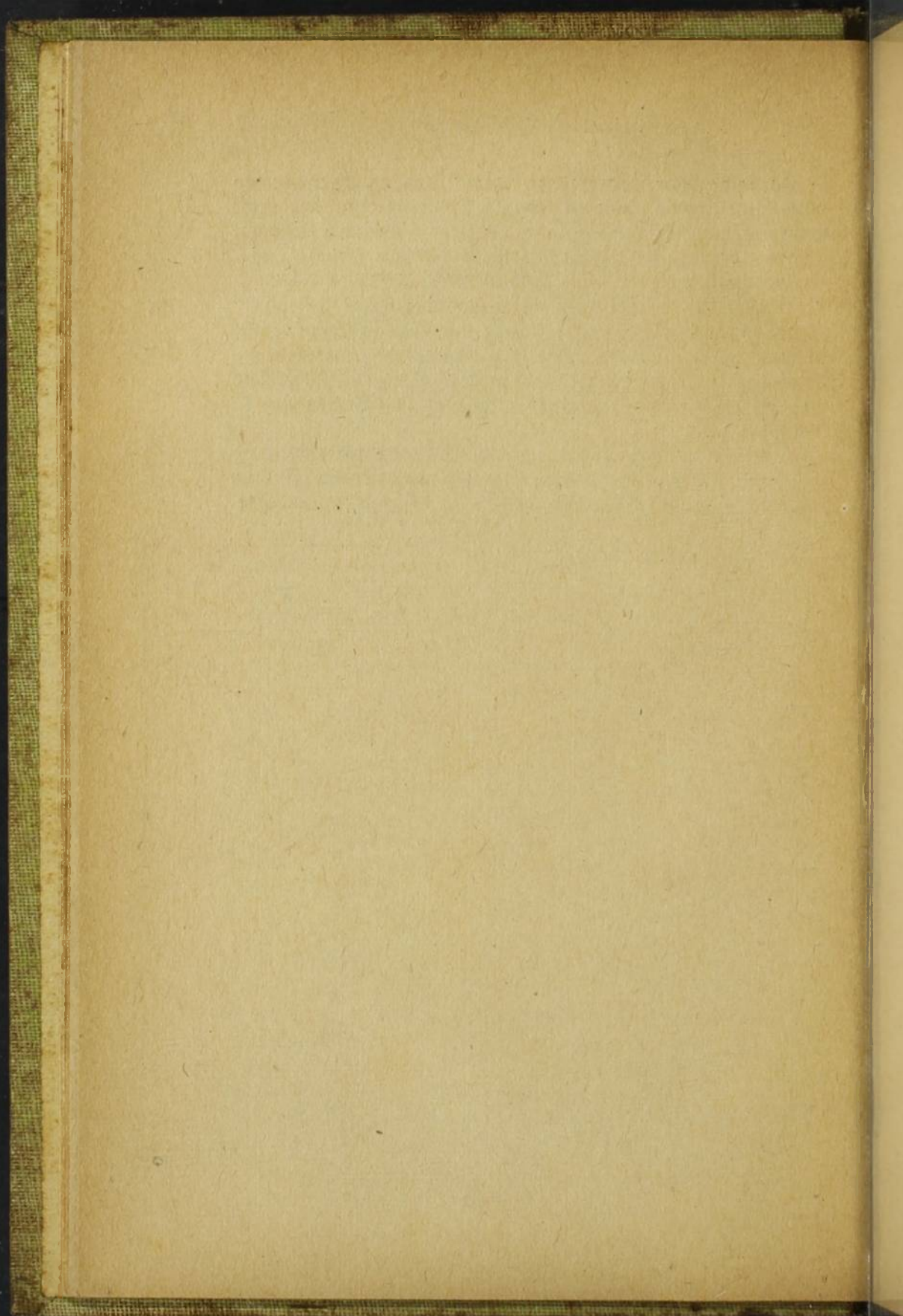
— são nomes que eternamente ficaram ligados, de modo tão indissolúvel como unida se acha a causa ao efeito. Sem essas mulheres, não teríamos hoje de admirar a égloga « *Crisfal* », nem a « *Marília de Dirceu* », nem as « *Fóllhas Caídas* », monumentos imperecíveis dos séculos XVI, XVIII e XIX.

Usámos na organização do presente volume de todo o cuidado e meticulosidade, de forma que êle ao mesmo tempo pudesse ser útil àqueles que simplesmente se quisessem deleitar com bons versos de bons poetas e àqueles que, além disso, pretendessem examinar e estudar textos clássicos fidedignos.

À frente de cada uma das obras aqui reúnidas verá o leitor como procedemos. Tôdas elas são acompanhadas dum prefácio, no qual falamos do autor e da respectiva produção.

Aveiro, Janeiro de 1928.

J. T.

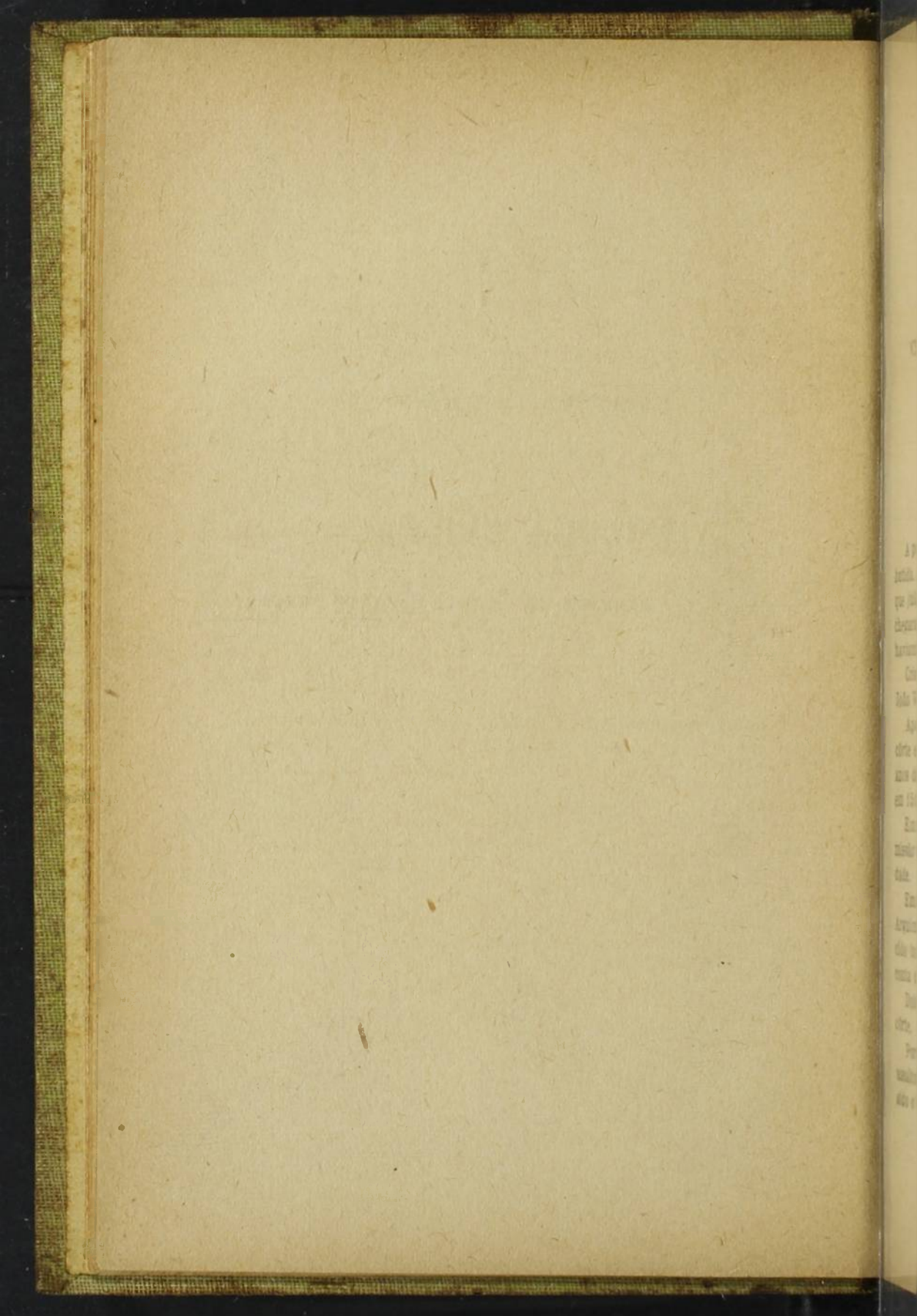


CRISTÓVÃO FALCÃO

A ÉGLOGA CRISFAL

SEGUIDA DA " CARTA ESTANDO PRESO ,

Edição segundo a de Ferrara (1554), reproduzida
na de Coimbra, de 1923.



CRISTÓVÃO FALCÃO e MARIA BRANDOA

EDIÇÕES DAS OBRAS DO POETA

A personalidade de Cristóvão Falcão tem sido muito debatida. Há ainda tantos pontos obscuros na sua biografia, que julgamos inútil dar curso a tudo quanto a seu respeito chegaram a aventar os criticos, convencidos talvez de que haviam dito sobre tal assunto a última palavra.

Cristóvão Falcão de Sousa, de Portalegre, era filho de João Vaz de Almada Falcão, capitão da Mina.

Aparece pela primeira vez nomeado nas moradias da côrte em 1527, sendo provável que nessa data tivesse nove anos de idade. A ser verdadeira essa hipótese, terá nascido em 1518.

Em 1542 encontrava-se em Roma, onde foi mandado em missão diplomática, prova de que já tinha chegado à maioridade.

Em 1545 foi nomeado felter e capitão da fortaleza de Arguim, por três anos; mas, segundo as conclusões do falecido investigador Braamcamp Freire, não chegou a tomar conta do cargo.

Dois ou três anos depois, estava em Portalegre, ido da côrte.

Por causa de um desacato ao meirinho da comarca, com assalto e ferimento, enlora o principal culpado houvesse sido o seu irmão Barnabé, de índole turbulenta, foi também

acusado, prêso, sentenciado, sôlto e finalmente absolvido em 1551.

Além destas, não há datas seguras, nem sequer a da morte, que muitos, sem provas, colocam em 1555, outros em 1557 (1).

Viva discussão foi provocada pelo Sr. Delfim Guimarães com a tese de que a *Égloga Crisfal* não era de outro autor senão do próprio Bernardim Ribeiro. Os argumentos apresentados lograram convencer vários espíritos; mas os últimos ecos da pugna apagaram-se, e a questão ficou no mesmo pé. D. Carolina Michaëlis, no estudo que acima se cita em nota, chama-nos a atenção para o seguinte, que é muito importante e convincente: — « O nome de *Cristovam Falcão*, como autor da *Égloga*, apareceu pela primeira vez na edição publicada em Ferrara » (2); regista-se, no verso do frontispício da edição, que Abraão Usque, seu editor, « havia juntado às obras de Bernardim Ribeiro: Hũa muy nomeada e agradável Egloga chamada *Crisfal*, . . . que dizem ser de *Cristovã Falcam* . . . ho que parece alludir o nome da mesma *Égloga* »; no texto, depois das obras atribuídas a Bernardim Ribeiro, segue-se a epígrafe: « *Egloga de Cristoram Falcam* chamada *Crisfal* » —, e a seguir à *Egloga* a « Carta do mesmo estando preso q̄ mādou a hũa senhora cõ q̄ era casado a furto cõtra vôtade de seus parentes della os quaes a queriã casar cõ outrem, sobre que fez, segundo parece, a passada *Egloga* »; estas declarações são de pêsso ainda hoje. « porque são a única e exclusiva origem da atribuição do *Crisfal* ao fidalgo de Portalegre, Cristóvão Falcão de Sousa,

(1) Nestes dados biográficos seguimos a exposição da saudável romancista D. Carolina Michaëlis, que pode ler-se na *Introdução* das « *Obras de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão* » (Coimbra, 1923) — reprodução da ed. de Ferrara (1554), pág. 261 e seguintes. Este prefácio tem mesmo o seu fundamento naquele admirável trabalho: não raras vezes empregamos as próprias palavras da autora.

(2) Ob. cit., pág. 259.

filho de João Vaz de Almada Falcão, único do nome que, no decénio de que se trata, gozava de certa fama na cõrte de D. João III » (1); « Nenhuns dos amigos de Bernardim, vivos em 1554, ano da edição de Ferrara das obras de Bernardim e Falcão, levantou a voz contra as declarações » dos editores (2).

No final dêsse seu estudo, cheio de erudição e seguríssima critica, traçou a illustre escritora estas palavras categóricas: — « Advogo por consequência que se continui a ensinar aos estudantes dos Liceus o nome pastoril *Crisfal*, como criptónimo de *Cristóvão Falcão*, tidaigo alentejano que esteve em Roma no ano de 1542 em missão diplomática, poeta a quem pertence também a *Carta de um preso* em dissonantes, e talvez pertençam algumas das Cantigas e dos Vilancetes contidos no *Cancioneirito*, editado juntamente com o *Idílio triste*, as cinco *Églogas* de Bernardim Ribeiro e a *Menina e Moça*, longe de Portugal, em 1554, por judeus portuguezes que procedendo assim prestaram um verdadeiro serviço às letras: E acho justo que se acrescente que êsse autor do *Crisfal* imitou o poeta do *Torrão*, sendo tamanhas as semelhanças técnicas e de espirito, que nos nossos dias surgiu um admirador sincero da sua musa bucólica que vindicou para êle a *Égloga Crisfal*. E pelo fervor da cruzada que empreendeu a favor dessa tese, ligou para sempre o nome Delfim Guimarães aos de Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. »

*

A tradição sempre apontou como heroína da *Égloga* uma Maria Brandão, ou *Brandoa*, filha de João Brandão, feitor de Flandres, cujo nascimento os eruditos julgam poder collocar-se entre 1518 e 1521, talvez em 1520, segundo a hipótese de D. Car. Michaëlis. Nos livros de genealogias andam associados os dois nomes — Cristóvão Falcão, ou melhor

(1) Ob. cit., pág. 261-262.

(2) Ob. cit., pág. 262.

Crisfal, e *Maria Brandoa* — com uma insistência a que uns não dão importância, mas que para outros merece o maior crédito. Segundo essa mesma tradição, o poeta ter-se há apaixonado muito novo por essa mulher: e, tendo êle 14. anos e ela 12 (na hipótese de haverem nascido respectivamente em 1518 e 1520), com ela se havia casado *a furto*, como era freqüente naquela época. Passar-se-ia isso em 1532. Descoberto o segredo dêsse casamento, Maria teria sido afastada para longe, para casa duns parentes de Elvas e mais tarde para o mosteiro de Lorvão; quanto ao poeta, teria sido mandado prender pelo pai, o capitão da Mina João Vaz de Almada Falcão, a quem já aludimos.

Tudo isto assenta sôbre hipóteses mais ou menos verosímeis, inventadas para se dar uma explicação à letra do texto.

De positivo, acêrca de Maria Brandão, sabe-se que casou em 1547, aos 27 anos, com um Luís da Silva e Meneses, de quem teve três filhos — Francisco da Silva e Meneses, Madalena e Ângela — (1); que enviuvou em 1555 e que faleceu em 1582 (2).

Anselmo Braamcamp Freire, que foi aliás uma autoridade indiscutível em matéria de investigação histórica, publicou um substancioso estudo na revista *Atlântida* (3), com o qual pretendeu deixar apeada do seu pedestal a mulher que durante séculos era apontada como a inspiradora do enamorado e infeliz poeta. A êsse artigo respondeu na mesma revista Teófilo Braga (4), defendendo doutrina oposta, e D. Car. Michaëlis, no prefácio que citámos — e ela não fazia afirmações sem base e sem uma forte convicção —, sustenta que Maria Brandoa deve ter sido realmente a musa do poeta do *Crisfal*.

Mas, seja como fôr, *sub judice lis est*. Aos eruditos é que pertence resolver a questão. A nós compete-nos estudar a

(1) Ob. cit., pág. 290-291, nota.

(2) Ob. cit., pág. 291.

(3) Ano I, n.º 6, pág. 518-538.

(4) Ano I, n.º 9, pág. 809-829.

soberba Égloga, uma das mais notáveis obras do século XVI, preocupando-nos mais com a sua beleza intrínseca do que com a sua história externa.

Da *Égloga Crisfal* as edições mais notáveis são :

I — *Trovas de Crisfal* — « Folheto in 4.º a 2 colunas, em título semi-gótico, de oito fôlhas não numeradas, sem data nem lugar », — a que Teófilo Braga atribui uma data entre 1542-1546.

II — *Egloga de Christovam Falcão chamada Crisfal* — que acompanha a *Hystoria da Menina e Moca*, de Bernardim Ribeiro, as *Églogas* deste, a *Carta estando preso* de Cr. Falcão e *Cantigas, Voltas e Esparsas*. Ferrara, 1554.

III — Edição de Colónia de 1559.

IV — Edição de Lisboa, 1571.

V — *Primeira e Segunda Parte de Crisfal* — Lisboa, 1619.

VI — *Idem*, 1632.

VII — *Idem*, 1668.

VIII — *Idem*, Lisboa, 1721.

IX — *Obras de Christovam Falcão*, etc., ed. de Teófilo Braga, reprodução da ed. de Colónia. 1871.

X — *Obras de Cristóvão Falcão*, 1893. Edição crítica de Epifânio da Silva Dias.

XI — *Trovas de Crisfal* — Edição de Delfim Guimarães, Lisboa, 1908, em que as poesias são atribuídas a Bernardim.

XII — *Obras de Christovam Falcão* — Edição da « Renascença Portuguesa », com um estudo de Teófilo Braga. 1915.

XIII — *Bernardim Ribeiro e Cristóvão Falcão. Obras* Nova edição, conforme a de Ferrara, preparada e revista por Anselmo Braamcamp Freire e prefaciada por D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

O texto que aqui apresentamos é o desta última edição citada, que patenteia variantes até hoje não conhecidas.

Não nos limitámos, porém, a transcrever o texto de Ferrara. Pontuámos à moderna e introduzimos no texto certas modificações, que todavia o não alteram profundamente:

1.^a — Eliminámos o *y*, como por exemplo em *ydade*, *mayor*, *caya* (= casa), *ysto*, *ynda*, *dobrey*, *poderey*, *notey*, *muyto*, *sey*, *ey*, *foy*, *faley*, *achey*, *gostey* (no texto ocorre, todavia, *sollei*);

2.^a — Actualizámos as formas como *estaa* (= está), *daar* (dar), *jaa* (já), *daraa* (dará), *daam* (dão); *atee* (até), *seer*, *teer*, *tee*, *cree*, *veem* (vem); *soo* (só), *doo*, *door boom*, *toom*; *nuus* (nus);

3.^a — Mudámos certos *v* em *u* e vice-versa: *rso* (uso), *vsanca* (= usança), *vsais* (= usais); *uendo* (vendo), *uüda* (vida), *uindo* (vindo), *uam* (vão), etc.;

4.^a — Actualizámos a grafia das seguintes palavras terminadas em sílaba nasal tónica, bem como a de certos monossílabos: *serviram* (servirão), *diram* (dirão), *dormiram* (dormirão), *creram* (crerão), *veram* (verão), *puderam* (= poderão, estância 10.), *coraçam*, *rezam* (rezão, razão), *entom*, *paixam*, *consolaçam*; *ram*, *nam*, *dam*;

5.^a — Separámos enclíticas e proclíticas;

6.^a — Emendámos a grafia das palavras seguintes, e outras: *cauzar*, *puzera* (também aparece *pus*), *quizera* (também *quisera*), *sima* (também *cima*), *pensoro*, *soubese*, *intere*, *interereiro*, *grosas* (grossas), *desemule*, *prezente*, *paço* (= passo), *amança*, *descança*, *descanço*, *cancada*; *guado*, *enemigo*, *comiguo*, *amiguas*, *fadiguas*, *periguo*, *briguo*, *Mondeguo*, *aguoa* (também *agoas*), *maguoas*, *aguora*, *salguada*, *loguo*, *luguar*, *paguo*, *longuo*; *podera* (pudera), *poder* (puder); *morreo* (morreu), *vio* (viu), etc.;

7.^a — Representámos à moderna as vogais ou ditongos nasais dos seguintes vocábulos: *sõbra* (sombra), *quãto* (quanto), *nõ* (nom), *beẽs* (bens), *pãis* (pães), *nhũs* (nenhuns);

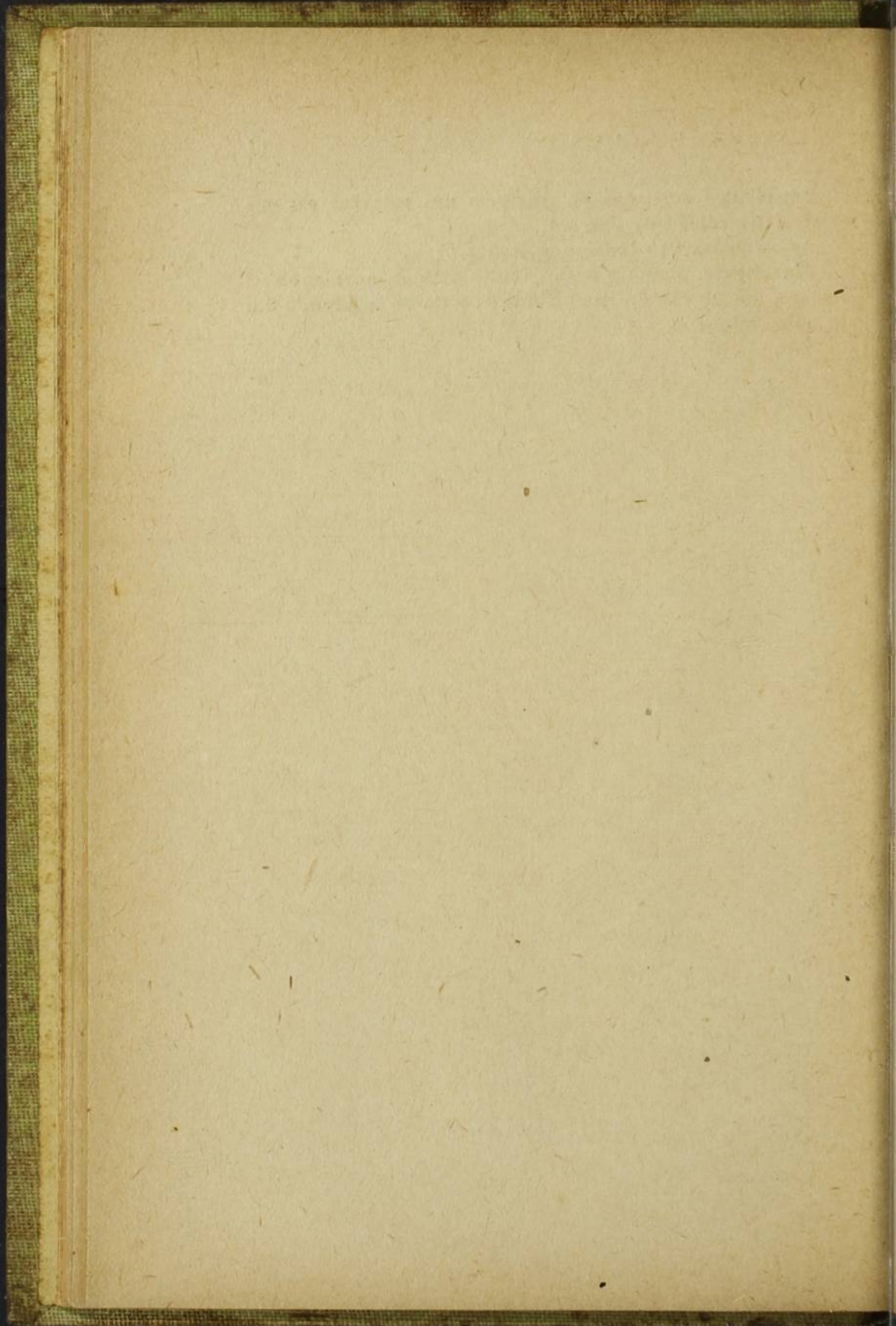
8.^a — Grafámos sem *h* as formas: *he* (é), *hũ* (um), *hũa* (ũa), *honde* (onde), *hi* (i = aí), *hir* (ir), *ho* (a), *ha* (a), *cafr* (cafr) (de que também ocorrem as formas *cayo* (= casu) e *caya* (= casa);

9.^a — Pusemos o *h* em *ouve* (v. *haver*), etc.

Consoantes dobradas só aparecem nas palavras em que existem na edição de Ferrara.

As estâncias vão tôdas numeradas.

Finalmente, algumas notas, muito sóbrias, acompanham o texto, outras vão no fim da *Égloga e Carta*, aclarando um ou outro ponto.



Egloga de Cristovão Falcão, chamada «Crisfal»

AUTOR

- (1) Antre Sintra, a mui prezada,
e serra de Riba-Tejo
que Arrabeda é chamada,
perto donde o rio Tejo
se mete nagua salgada,
houve um pastor e pastora
que com tanto amor se amarom,
como males lhe causarom
este bem, que nunca fora,
pois foi o que não cuidarom.
- (2) A ella chamavam Maria,
e ao pastor Crisfal,
ao qual, de dia em dia,
o bem se tornou em mal,
que elle tam mal merecia.
Sendo de pouca idade,
não se ver tanto sentiam,
que o dia que se não viam
se via na saudade
o que se ambos queriam.

(3) Algũas horas falavam,
andando o gado pascendo,
e então apascentavam
os olhos, que, em se vendo,
mais famintos lhe ficavam.
E com quanto era Maria
piquena, tinha cuidado
de guardar melhor que o gado
o que lhe Crisfal dezia ;
mas, em fim, foi mal guardado.

(4) Que depois de assi viver,
nesta vida e neste amor,
depois de alcançado ter
maior bem pera mor dor,
em fim se houve de saber
por Joana, outra pastora
que a Crisfal queria bem.
Mas o bem, que de tal vem,
nãõ ser bem maior bem fora,
por nãõ ser mal a ninguem.

(5) A qual, logo aquelle dia
que soube de seus amores,
aos parentes de Maria
fez certos e sabedores
de tudo quanto sabia.
Crisfal nãõ era então
dos bens do mundo abastado
tanto como do cuidado,
que por curar da paixãõ
nãõ curava do seu gado.

- (6) E como em a baixeza
do sangue e pensamento
é certa esta certeza
cuidar que o mericimento
está só em ter riqueza,
enquerirom que teria,
e do amor não curarom,
em que bem se descontarom
riquezas, se faleciam,
por males que sobejavam.
- (7) Então, descontentes disto,
levarom-na a longes terras,
esconderom-na entre ãas serras
onde o sol não era visto,
e a Crisfal deixarom guerras.
Alem da dor principal,
pera mor pena lhe dar,
puserom-na em lugar
mau para dizer seu mal,
mas bom pera o chorar.
- (8) Alli os dias passava
em magoas da alma saídas
dizer a quem longe estava,
e chorava por perdidas
as horas que não chorava,
em vale mui solitario,
sombrio e saudoso,
sendo monte temeroso,
pera o choro necessario,
pera a vida mui danoso.

(9) Dizer o que elle sentia,
em que queira, não me atrevo,
nem o chorar que fazia,
mas as palavras que escrevo
são as que elle dizia.
Alli, sobre ãa ribeira
de mui alta penedia,
donde a agua dalto caia,
dizendo desta maneira
estava a noite e o dia :

*

(10) Os tempos mudam ventura,
bem o sei pelo passar ;
mas, por minha gram tristura,
nenhuns poderão mudar
a minha desventura.
Não mudam tempos nem annos
ao triste a tristeza,
antes tenho por certeza
que o longo uso dos danos
se converte em natureza.

(11) Coitado de mim, cuitado,
pois meu mal não se amansa
com choro nem com cuidado ;
quem diz que o chorar descansa
é de ter pouco chorado,
que, quando as lagrimas são
por igual da causa dellas,
virá descanso por ellas ;
mas como descansarão,
pois que são mais as querellas ?

(12) Com tudo, olhos de quem
não vive fazendo al,
chorai mais que os de ninguem,
que o que é para maior mal
tenho já para maior bem.
Lgrimas manso e manso
prossigam em seu officio,
que não façam beneficio :
não servindo de descanso,
servirão de sacreficio.

(13) Minhas lagrimas cansadas,
sem descanso nem folgança
a minha triste lembrança
vos tem tam aviventadas
como morta a esperança.
Correi de toda vontade,
que esta vos não faltará ;
mas isto como será ?
pedi-la-ei á saudade,
e a saudade ma dará.

(14) Todos os contentamentos
da minha vida passarom,
e em fim não me ficarom
senão descontentamentos,
que de mim se contentarom.
Destes, polo meu peccado,
inda que nunca pequei,
a quem amo e amarei,
nunca desacompanhado
me vejo nem me verei.

(15) Faz-me esta desconfiança
ver meu remedio tardar,
e já agora esperar
não ousa minha esperança
por me mais não magoar.
Se por isto desmereço,
dê-se-me a culpa assim,
e seja já com a fim,
que ha muito que me conheço
aborrecido de mim.

(16) Meu coração, vós abristes
caminho a meus cuidados
pera virem a ser banhados
na agua de meus olhos tristes,
tristes, mal galardoados.
Necessario é que vamos
algum remedio buscar
para se a vida acabar ;
este bem que dessejamos,
este nosso dessejar.

(17) Iremos pella estrada
por onde os tristes vão,
porque nella, por rezão,
deve ser de nós achada,
achada consolação.
Subir-me-ei ao pensamento,
que alto de alli verei,
verei eu se poderei
ver algum contentamento
de quantos perdidos hei.

(17)—V. 1—No original—*Diremos*.—V. 8—No original—*ou*.

(18) Mas o que poderá ver
quem já da vista cegou ?
Porque quem me a mim levou
meu alongado prazer
nenhum bem ver me deixou !
Deixou-me em escuridade,
um mal sobre outro sobejo,
pello que triste me vejo
tam longe da liberdade
como do bem que dessejo.

(19) Verei a vida que vida
bem vista tanto aborrece,
aborrece a quem padece
tristeza mal merecida,
que minha fé mal merece.
Levarom-me toda a gloria
com quanto bem dessejei,
dessejei e alcancei ;
ficou-me só a memoria
por dor de quanto passei.

(20) Lembrança do bem passado,
que não divera passar,
esta me ha de matar.
Dá-me tal dor o cuidado,
qual se não pode cuidar.
Nada, se não for a morte,
me dará contentamento,
segundo sei do que sento,
não sento prazer tam forte
que conforto meu tormento.

(21) Não devo eu mal querer
a quem me aqui deixou,
que ouvido nom possa ser,
já me algum bem ficou,
que é meu mal poder dizer.
Mas, triste, não sei que digo.
isto é falar a esmo,
que assaz me foi de inimigo
quem se vingou de mim mesmo
com me só deixar comigo.

(22) Que me queira consolar,
o meu mal não tem conforto,
nem eu lho posso buscar ;
para o prazer sou morto,
e vivo para o pezar.
Quanto mal tam desvairado,
e todos para dar fim !
Tudo me é contrario assi :
descuido matou meu gado,
cuidado matou a mim.

(23) Vida de tão longos males,
como não cansa de ser,
que eu canso já de viver
e o eco destes vales
cansa de me responder ?
As ribeiras, em eu vê-las,
correm mais do que é seu foro,
entrando meu chorar nellas,
e, pois ajudam meu choro,
quero só falar com ellas.

(24) Companheiras do meu mal,
aguas que dalto correis,
onde caís, desigual,
parece que me dizeis :
— « Porque não choras, Crisfal ? » —
Contar-vos quero, amigas,
o que esta noite sonhei,
com o qual tal dor me dei,
que minhas muitas fadigas
em mais fadigas dobrei.

(25) Depois de ontem deixar
de vos contar os meus malles,
fui-me cá baixo geitar
no mais baixo destes valles,
antre pesar e pesar ;
onde, despóis que aos ventos
descobri minhas paixões,
gastadas muitas razões,
mudei os meus pensamentos
em minhas contemplações.

(26) Contente de descontente,
a noute sendo calada,
como é certo em quem sente,
não ficou cousa passada
que me não fosse presente.
Vindo-me á memoria dar,
em quando andava com o gado,
ter com Maria sonhado,
fez-me o dormir dessejar,
de mim pouco dessejado ;

- (27) e, crendo que aproveitasse
pera meu contentamento
se eu com ella sonhasse,
deu-me lugar meu tromento
que algum pouco repousasse.
E, como cansado estava
do que no dia passei,
a dormir pouco tardei,
e adormecido sonhava
o que vos ora direi :

[Sonho de Crisfal]

- (28) Sonhava, em meu sonhar,
onde dormindo estava
alli velando estar,
quando da parte do mar
gram vento se alevantava,
o qual com tal sobressalto
chegava onde eu jazia,
e que da terra me erguia
em tanto extremo alto,
que a vista me falecia.
- (29) Vendo-me em lugar tal,
baixei os olhos a terra,
vi craro dia, não al,
e os vales e a serra
tudo julguei ser igual ;
mas, como aborrecido
tanto da vida andasse,
que meu mal já dessejasse,
temor tam pouco temido
não creio eu que se achasse.

- (30) Depois de me ser mostrado
este perigo de morte,
a terra mais abaixado,
contra a parte do norte
sonhava que era levado.
Entre Tejo e Odiana
era o meu caminhar,
dónde poderei contar,
se o que notei nom me engana,
cousas bem pera notar.
- (31) Porque vi muitos pastores
andar guardando seus gados,
vestidos dalegres cores,
bem fora dos meus cuidados,
mas não dos de seus amores ;
não querendo mais haveres,
nem querendo mais riqueza,
porque amor tudo despreza :
mas todos os seus prazeres
foram pera mim tristeza.
- (32) Em um valle, descontente.
estar Natonio vi,
destes assaz diferente,
que casi não conheci,
sendo bem meu conhecente.
Aqueste é o pastor
que já veo aqui buscar-me,
não mais que por consolar-me,
e vi-o com tanta dor,
que dor me dá o lembrar-me.

- (33) Chorando lagrimas mil,
estava consigo só,
ao modo pastoril,
de dó bem para haver dó
tinto o habito vil.
Em ãa frauta tangendo
ao pé de um arvore estava ;
desque da boca a tirava
de dentro dalma gemendo
em vez de cantar chorava.
- (34) Quisera-o eu consolar,
mas em cujo poder ia
não me deu a mais lugar
que ouvir-lhe que dezia :
— « O' Guiomar, Guiomar,
« em vós pus minha esperança,
« e quanto ella encobre
« agora em dor se descobre.
« Perigos, de confiança,
« fizeram do rico pobre. »
- (35) Assi, por elle passando
— « Natonio tenhas prazer »
lhe dixе, gram brado dando,
té o da vista perder,
os olhos nelle deixando.
Deus lhe dê o contentamento,
pois que nos fez a ventura
companheiros na tristura,
em que seu e meu tormento
cada vez tem menos cura.

- (36) Daqui fomos percorrendo
até o Tejo passar,
a agua de quem eu vendo
me foi dor sobre dor dar,
indo já dor padescendo.
Chorando a lembrança della,
virada foi minha face
pera onde o gado pasce,
da grande serra da Estrella
da qual o Zezare nasce.
- (37) Posto no seu alto cume,
deixarom-me alli estar ;
o meu coração presume
que foi por me magoar,
como tinham por costume.
Dalli os pães semeados
ver a meus olhos deixaron,
que por não grados julgarom,
mas, posto que foram grados,
eu sei que não me agradarom.
- (38) Já o sol se encobria
a este tempo e mais
ficando a terra sombria,
e o gado aos currais
já então se recolhia.
Ouvi cães longe ladrar,
e os chocalhos do gado
com um tom tam concertado,
que me fizeram lembrar
de quanto tinha passado.

- (39) Por mais minhas queixas vãs,
vi berrar o gado moucho,
coberto das finas lãs,
e assoviar o moucho,
com o triste cantar das rãs.
Já as serranas ao brigo
se iam, os prados deixando,
as mais dellas suspirando ;
ũa dizia : — « Ai, Rodrigo ! »,
outra dizia : — « Ai, Fernando ! »
- (40) Ûa ciurnes temia,
outra de si tem receo ;
ũa ouvi que dizia :
— « Quam azinha a noite veo ! »
outra : — « Já tarda o dia. »
E por este experimento
foi amor de mim julgado
por não menos occupado
do que o pensamento,
que nunca está descansado.
- (41) Antre estas, só, saudosa,
vi antre duas ribeiras
ũa serrana queixosa
cercando ãas cordeiras,
sendo cordeira fermosa
como alli tem por uso,
em ãa roca fiando ;
mas, como que ia cuidando,
cala-se-lhe o fuso
da mão, de quando em quando.

- (42) Tendo parecer devino,
pera que melhor lhe quadre,
cantar cantou dele dino :
Yo me iba, la mi madre,
a Sancta Maria del pino.
O vestido lhe oulhei,
e vi que era um brial
de seda e não de saial ;
a qual eu afigurei
a Menga, la del boscal.
- (43) Depois dacabar seu canto,
dezia : — « Ninguem me crea
« por me ver alegre tanto ;
« visto-me a vontade alhea,
« e o meu cantar é pranto ;
« anda a dor dessimulada,
« mas ella dará seu fruto ;
« a minha alma traz o luito ;
« de pouco são esposada,
« mas descontente de muito.
- (44) ♦ Troquei amor por riqueza,
« porque mo trocar fizerom ;
« mas bem pago esta crueza,
« que, em que cem contos me derom,
« descontaram-se em tristeza.
« Meu esposo aborreço
« quando me a lembrança vem
« do primeiro querer bem ;
« ninguem venda amor por preço,
« pois elle preço não tem.

(45) « Não tenho que lhe falar,
« se não são cousas passadas ;
« se lhe estas quero contar,
« vão ser todas namoradas
« pera o pouco namorar.
« Fora elle o meu amor,
« e vivera eu pobremente.
« Que grande engano de gente,
« que pobreza ha i maior
« que a vida descontente ?

(46) « Quando com elle me assento,
« mil vezes caio em mingoa,
« porque, por esquecimento,
« falando, descobre a lingua
« o que está no pensamento.
« Faz-nos isto então ficar,
« eu muda e elle mudado ;
« ama-me como é amado ;
« pera me disto guardar,
« por bem hei guardar o gado.

(47) « Maria perdi, mesquinha ;
« logo, em sermos apartadas,
« de meu mal fui adevinha.
« Melhor sejam suas fadas
« do que foi a fada minha.
« Deus a dê ao seu Crisfal,
« por ambos contentes ter,
« e mais não lhe quero ver,
« mas já sei, pelo meu mal,
« o bem doutrem escolher. »

- (48) Quando a eu assi ouvi
doer-se de minha pena,
com novos olhos a vi,
e então que era Elena,
minha amiga, conheci.
Esta pastora e dama
certo que melhor lhe ia
quando a cantar ouvia,
dando fé que em sua cama
o velho não dormiria.
- (49) Pena me deu de não querer
vê-la em tal tristeza posta ;
quisera-lhe eu responder,
mas trespôs ãa trespоста,
pelo qual não pode ser.
Depois de ver-me sem ella,
os meus olhos me chorarom ;
quantas cousas lhe lembrarom
que antre mim, Maria, e ella
em outros tempos passarom !
- (50) Desque aqui com meu cuidado
me estive fazendo guerra,
sendo o dia já passado,
vi-me levado da terra,
contra as nuvcis alçado.
Então, como que voante
de quem me alli trouxera,
sonhei que levado era
contra onde a tarde ante
o sol vi que se pusera.

(51) Indo com não menos dor,
inda que já com mais sossego,
os ventos me foram por
depois de passar Mondego
sobre as serras de Lor.
Vão alli grandes montanhas
de alguns vales abertas,
todas de soutos cobertas,
e ós naturais estranhas,
mas a saudade certas.

(52) Junto de ãa fonte era
o lugar onde fui posto,
onde sê-lo não quisera,
sendo bem lugar de gosto
pera quem gosto tivera :
mas a mim nem o passado
nem o que me era presente
nada me não fez contente,
que nisto o magoado
é como o muito doente.

(53) Coberta era a fonte
de tam fresco arboredo,
que não sei como o conte,
mui quieto e mui quedo,
por ser antre monte e monte.
A noite de ventos muda,
como saudade escolha,
e por que mais prazer tolha,
chovia agua meuda
por cima da verde folha.

(54) Depois que alli chegava,
ou depois que alli cheguei,
sonhava que acordava,
e do que atrás passei
de ser sonho me lembrava.
O que então me era mostrado
tendo só por verdadeiro,
ao pé de um castanheiro
me pus triste assentado,
ouvindo o tom de um ribeiro.

(55) Meus olhos e eu passamos
alli a noite em clamores,
até que ao tempo chegamos
a que nós outros pastores
o diluculo chamamos.
Naqueste tempo corrompe
a ave que chamam leal
o silencio de seu mal,
que é quando a alva rompe
e ó dia faz sinal.

(56) Então, por que tudo fale,
contando minhas paixões
que rezão é que não cale,
ouvi gritar uns pavões
lá no mais baixo do vale.
Trás isto, pouco tardando,
um doce cantar ouvia,
que na minha alma caía,
o qual eu, bem escutando,
entendi que assi dizia :

- (57) *Não sei para que vos quero,
pois me dolhos não servis,
olhos a quem eu tanto quis !*
- (58) *Pera ver me fostes dados,
vós só a chorar vos destes,
e, se eu tenho cuidados,
meus olhos, vós mos fizestes ;
desque nelles me pusestes,
do descanso me fugis,
olhos a quem eu tanto quis !*
- (59) *Meus olhos, por muitas vias
usais comigo cruezas ;
tomaís as minhas tristezas
pera vossas alegrias ;
então noites, então dias,
olhos, nunca me dormis,
olhos a quem eu tanto quis !*
- (60) *Quando vós primeiro vistes,
que não me era bom sabieis ;
mas, por gozar do que vieis,
em meu dano consentistes ;
o que então me encobristes
agora mo descobris,
olhos a quem eu tanto quis !*

(57) — V. 3 — *a quem*. No original — *agui*. O mote que constitui esta estância encontra-se desenvolvido em seis quintilhas na *Primavera* de Rodrigues Lobo (Parte II, *Floresta* 8.ª, pág. 183 da ed. de 1723).

(61) *Ando-vos a vós buscando
cousas que vos dem prazer,
e vós, quanto podeis ver,
tristezas me andais tornando ;
agora voit-vos cantando
vós a mim chorando me ts,
olhos a que eu tanto quis !*

(62) *Quem o que digo cantava,
desque o cantado teve,
não sei que o causava,
mas espaço se deteve,
assi como que cuidava.
Depois de cuidado ter,
a voz de novo alçou,
este cantar começou,
o qual devia de ser
aquilo em que cuidou :*

(63) *Como dormirão meus olhos ?
Não sei como dormirão,
pois que vela o coração.*

(64) *Toda esta noite passada,
que eu passei em sentir,
nunca a pude dormir,
de ser muito acordada ;
dos meus olhos foi velada ;
mas como não velarão,
pois que vela o coração ?*

(61) — V. 7 — *a que*. É assim que está no original.

(62) — V. 2 — *cantado*. No original — *contado*.

- (65) *As horas della cuidei
dormi-las ; foram veladas ;
pois tam bem as empreguei,
dou-as por bem empregadas.
Todas as noutes passadas
neste pensamento vão,
pois que vela o coração !*
- (66) *Passaros, que namorados
pareceis no que cantais,
não ameis, que, se amais,
de vós sereis desamados.
Em meus olhos agravados
vereis se tenho razão,
pois que vela o coração.*
- (67) *Como a cantiga mostrava,
femenil, a meu cuidar,
era a voz de quem cantava,
quem, por mais de bem cantar,
eu ouvir me contentava ;
porque de quem ser podia
então suspeita me deu,
que todo o cantar seu
era o da minha Maria,
ou a do desejo meu.*
- (68) *Com um temeroso prazer,
que soe ter quem recea,
dessejava eu de ver
a quem eu ainda veja
antes da vida perder.*

Neste desejo, de cima
estando-a eu ouvindo,
a Deus ser ella pedindo,
vi-a vir o vale acima,
em seu cantar prossiguindo.

(69) Muito a vi eu mudada,
mas com tudo conheci
ser a minha desejada
a quem assi vendo vi,
a vista no chão pregada,
com o seu cantar pensoso,
e passadas esquecidas
ao tom delle medidas,
vestida vir de arenoso,
as mãos nas mangas metidas.

(70) Õa coifa não lavrada,
antes sem nenhum lavor,
e em cima, por mais dor,
ũa talhinha pedrada,
ou um pedrado atenor.
Quisera-a ir receber,
vendo-a ante mim presente,
mas não pude de contente,
que, indo pera me erguer,
de prazer me achei doente.

(71) Vendo então que me forçava
o prazer fazer demora,
olhei o que mais passava,
e via-a que aquella hora
comigo emparelhava ;

dando uns mui doces brados
saiados do coração,
á cantiga vinha então :
*Em meus olhos agravados
vereis se tenho rezão.*

(72) Ao que eu responder
me lembra : — « São agravados ?
« Podem logo os meus dizer
« que são bemaventurados,
« pois que vos puderos ver ! »
Como ella em me ouvir
gram sobressalto sentisse,
quis fugir ; mas quem lhe disse
que se pusesse em fugir
lhe fez com que não fugisse

(73) Nas mulheres o temor
tanto o poder empede
quanto o medo maior for,
e contra donde procede
os olhos costumam por.
Ela, fazendo-o assi,
vendo-me, ficou mudada ;
depois, já em si tornada,
se chegou mais pera mim,
a ser bem certificada.

(74) Depois de me visto ter,
e já que me conhecia,
lagrimas lhe vi correr
dos olhos, que não movia
de mim, sem nada dizer.

Eu lhe disse : — « Meu desejo »,
— vendo-a tal com assaz dor —
« desejo do meu amor,
« crerei eu ao que vejo,
« ou crerei ao meu temor ? »

(75) A isto, bem sem prazer,
me tornou então assi,
com voz de pouco poder :
— « Crisfal, que vos tu em mim
« que não seja pera crer ? »
Eu lhe respondi : — « Perder-vos
« de vos ver por tanto anno
« faz-me assim tener meu dano,
« que vejo meus olhos ver-vos,
« e temo que me engano ! »

(76) — « Pois crê, certo, que esta são »,
deu a isto por resposta,
ainda que alegre não,
« e quem em tal dor é posta
« o que della não crerão ?
« Bem é de crer o meu choro
« a que tu causa me deste ;
« não te espante o que fizeste,
« que quem me pôs neste foro
« tu és o que me puseste.

(77) « Por ti vim eu desterrada
« a estas estranhas terras
« de donde eu fui criada,
« e por ti antre estas serras
« em vida são sepultada ;

« onde a se me perderem
 « a frol dos anos se vão.
 « Ora julga se é rezão
 « das minhas lagrimas serem
 « menos daquestas que são. »

(78) Depois que isto falou,
 como quem em si respeita,
 as mãos ambas ajuntou,
 e postas na face direita
 dizer assi começou :
 — « Sobre o muito que perdi,
 « nenhũa cousa duvido
 « em ter o saber perdido,
 « pois tam mal me defendi
 « do que me era defendido. »

(79) Eu lhe preguntei a hora,
 mui triste de assi a ver :
 — « Quem teve tanto poder
 « que tenha poder, senhora,
 « de nada vos defender ? »
 Respondeu por antredentes,
 como fala quem se peja :
 — « Dir-to-ei, em que erro seja :
 « defendem-me meus parentes
 « que te não fale nem veja.

(80) « E, Crisfal, é-me forçado
 « fazer a vontade sua,
 « porque lho tenho jurado,
 « e tambem porque da tua
 « o certo me tem mostrado.

« que me dão certa certeza,
« porque fazem conhecer-me
« o que eu hei por gram crueza,
« o amor que mostras ter-me
« ser só por minha riqueza. »

(81) Ouvir-lhe eu isto me era
passar o trago mortal,
que não ha cousa tam fera
como é achar-se o mal
onde o bem achar se espera.
Vendo já que estava posta
em o que eu não esperei,
com minha dor trabalhei
por lhe dar esta reposta,
que me lembra que lhe dei :

(82) — « Ó Maria, ó Maria,
« brando achara meu mal.
« se para minha alegria
« vos vira a vontade tal
« como me ella ser devia.
« Mas não é nova usança
« quem grande bem esperou
« não ver o que dessejou ;
« muito pode a mudança,
« pois que vos tanto mudou !

(83) « Quem pudera suspeitar
« que no amor e na fé
« me haviéis de faltar !
« Mas, pois já isto assi é,
« tudo é pera cuidar,

• pois, por mal que se guarde,
 • sempre será meu amor
 • como a sombra, em quanto eu for :
 • quanto vai sendo mais tarde,
 • tanto vai sendo maior.

(84) • Quando vos dei a vontade,
 • inda vós ereis menina,
 • e eu de pouca idade ;
 • mas caiu minha mofina
 • sobre a minha verdade.
 • Muito vos quis bem primeiro
 • que de riquezas soubesse,
 • pois meu amor verdadeiro,
 • de quem só sois interesse,
 • quem me faz interesseiro.

(85) • Sobre a terra anda o gado,
 • e sobre ella ouro e riqueza,
 • mas pera que é dessejado,
 • que em fim não tira tristeza
 • e acrescenta cuidado ?
 • Não sei em que se encerra
 • ser esquecida e estranha
 • esta verdade tamanha :
 • que fica o haver na terra,
 • o amor a alma acompanha.

(86) • Nus neste mundo nascemos,
 • e nus sairemos delle ;

(84) — V. 2 — *ereis* — No original *erai*s.

« neste meio que vivemos
« só rico é aquelle
« que ser contente sabemos,
« E que grandes bens vos dessem
« aqueles que vo-los derom,
« eu sei bem que nus nascerom,
« e antes que os tivessem
« é certo que não tiverom.

(87) « Pois se isto é assi,
« e o eu tambem conheço,
« como se crerá de mim.
« que sofrer o que padecço
« pode ser a este fim ?
« Cuidar que cuidado tinha
« das vossa riquezas grossas ?
« Nas cousas passadas, nossas,
« vereis ser riqueza minha
« vós, que não riquezas vossas.

(88) « Mas que fosse assi e mais,
« que remedio vos dão,
« com quem conselho tomais
« á grande obrigação
« em que, quanto a Deus, me estais,
« que não são casos pequenos
« pera que se a alma não doa ? »
Respondeu : — « Essa é boa !
« Dizem que isso é o menos,
« que Deus que tudo perdoa.

- (89) « E dizem que eu moça era
 « ao tempo que isso foi ser ;
 « e como tempo de crescer
 « tinha, que assi justo me era
 « tê-lo de me arrepender.
 « Isto e mais se me diz
 « — crê que te falo verdade—
 « que não tinha liberdade
 « pera fazer o que fiz,
 « por minha pouca idade.
- (90) « Então me mandam que meça
 « amor com quam longe estamos,
 « pera que mais não me empeça,
 « e, se prazeres passamos,
 « os dessemule e esqueça ;
 « e que então me buscarão
 « um mui grande casamento,
 « tam de meu contentamento
 « quanto meus olhos verão,
 « e que o mais crea que é vento (1).
- (91) « E eu, de mui esquecida,
 « vou-lhe fazer o contrario.

(1) — A seguir a esta estância traz mais est'outra a edição da « Ren. Portuguesa »:

« Muitos pastores buscaram,
 mas ã pastor por ser-te amigo,
 e outro por ser-te enemigo,
 um e outro se escusaram ;
 e dam-lhe logo commigo
 gado, que farão mil queijos ;
 mas o que com que se despediam
 é já mostrar que temiam
 que o sabor dos teus beijos
 na minba bocca achariam ».

« A ser tal culpa sabida,
« sei, certo, que este desvairo
« pagarei com minha vida.
« E em isto ser assi
« assaz de razão seria,
« pois tam mal naqueste dia
« o seu mandado compri,
« como o que me a mim cumpria.

(92) « Não te veja aqui ninguem ;
« vae-te, Crisfal, desta terra ;
« não quero teu querer bem.
« porque me não dê mais guerra
« da que já dado me tem ».
Em lhe isto eu ouvindo,
fui pera lhe responder,
mas, depois de o dizer,
contra donde tinha vindo
se me tornou a bolver.

(93) Dei ãa voz mui dorida :
— « Porque me negais conforto,
« alma desagradecida ? »
Então caí como morto ;
oxalá perdera a vida !
Não sei eu o que passou
em quanto isto passei,
mas junto comigo achei
quem me este mal causou.
depois já que em mim tornei.

(94) E dizendo : — « Ó mesquinha,
« como pude ser tam crua ? » —

bem abraçado me tinha,
a minha boca na sua,
e a sua face na minha.
Lagrimas tinha choradas,
que com a boca gostei ;
mas, com quanto, certo, sei
que as lagrimas são salgadas,
aquellas doces achei.

- (95) Soltei as minhas então,
com muitas palavras tristes,
e tomei, por concurião :
— « Alma, porque não partistes,
« que bem tinheis de rezão ? »
Então ella, assi chorosa
de tam choroso me ver,
já pera me socorrer,
com ãa voz piadosa
começou-me assi dizer :
- (96) — « Amor de minha vontade,
« ora nom mais, Crisfal manso,
« bem sei tua lealdade ;
« ai, que grande descanso
« é falar com a verdade !
« Eu sei bem que não me mentes,
« que o mentir é diferente :
« não fala dalma quem mente ;
« Crisfal, não te descontentes,
« se me queres ver contente.
- (97) « Quando contigo falei
« aquella ultima vez,

« o choro que então chorei,
« que o teu chorar me fez,
« nunca o eu esquecerei.
« Foi esta a vez derradeira,
« mas começo de paixão,
« passando-me eu então
« para o casal da Figueira
« do Val de Pantalião.

(98) « Minha fé te é verdadeira,
« no mal que te fiz o vi,
« porque em fim, a derradeira,
« não quero mal contra ti
« que o meu coração queira.
« Por me ver libre de dor,
« deixara eu de te querer,
« se o pudera fazer ;
« mas poder e mais amor
« não podem estar num poder (1).

(99) Neste passo acordei eu,
e o meu contentamento,
que eu cuidava que era meu,
deu-me depois tal tormento
qual nunca cousa me deu.
Não sei eu que a Deus custava,
porque não me outorgara
que nesta gloria ficara,
ou, pois já que acordava,
que disto não me acordara

(98) — V. 9 — *Mais* — No original — *mis*.

(1) — Estas estâncias (97) e (98) são na edição da « Ren. Portuguesa » respectivamente as (98) e (97).

(99) — V. 6 — No original, entre *que* e *a* há a pal. q.

(100) Assi como nos lugares
em morte e enterramento
os sinos dobram a pares,
morreu meu contentamento,
dobrarom-se meus pesares.
Por quam gram dita tivera
se por dar fim á tristura
eu neste tempo morrera !
Sabe Deus que eu bem quisera,
mas não quis minha ventura.

(101) Não vos posso mais contar,
aguas minhas, minhas aguas,
que me não deixa pesar.
Ora chorai minhas magoas,
que bem são pera chorar :
que, em que cem olhos tivera
como teve Argos pastor,
da vaca Io guardador,
mais olhos mister houvera
para chorar minha dor (1).

(1) — A seguir a esta estância trazem as edições da « Ren. Portuguesa » e Epifânio est'outra :

« Por me isto alembrar	
não vos pareça <i>historia</i> ,	(Epif.: — <i>estoria</i>)
que as cousas de muita gloria,	
com as de <i>grande pesar</i> ,	(Epif.: — <i>muito pesar</i>)
recebe bem a memória.	
Por sonho, antes vos ponho	(Epif.: — <i>ante vós ponho</i>)
o que <i>sem dormir os vi</i> ;	(Epif.: — <i>eu velando vi</i> ;)
por meu mal foi todo <i>ajim</i> ;	(Epif.: — <i>assi</i>)
mas seja pera vós sonho,	
pois sonho foi pera mi ».	

*

- (102) Isto que Crisfal dizia,
assi como o contava
ũa ninfa o escrevia
num alemo que ali estava,
que ainda então crescia.
Dizem que foi seu intento
de escrevê-lo em tal lugar
pera por tempo se alçar
onde baixo pensamento
lhe não pudesse chegar.
- (103) Eu o treladei dali
donde mais estava escrito
que aqui não escrevi,
porque mal tam infenito
não se lhe pode dar fim.
O que se fez de Crisfal
não sabe, certo, ninguem ;
muitos por morto o tem,
mas quem vive em tanto mal
nunca vê tamanho bem.

FINIS

*Carta do mesmo, estando preso, que mandou a ãa
senhora com quem era casado a furto contra vontade de
seus parentes della, os quaes a queriam casar com ou-
trem, sobre que fez, segundo parece, a passada egloga :*

Os presos contam os dias
mil años por cada dia ;
mas os meus sem alegria
como os contarei eu,
verdadeiro amor meu,
a quem por meu Deus conheço ?
Pois como preso padeço,
e como a quem vos não vê,
mal, cuja dor se não crê,
(10) de prisão e de ausencia ;
pois, sem pecar, penitencia
faço detrás de ãa grade.
Meus olhos de escuridade.
já não vem, já estão mortais ;
mas pera que era ver mais
desque vos elles não virom,
desque de vós se espedirom ?

V. (14) — *Vem*. No original *veem* (= *vem*). Vid. Prefácio,
pág. 16, 2.^a.

- Bem se enxerga nos danos
que estou preso ha cinco anos,
(20) afora os que hei de estar
passando em dessejar
o tempo que vos não vejo.
Vede que fé de dessejo
em que lugar me acompanha !
Nunca se viu fé tamanha
nem tam mal agradescida.
Não quis Deus que a minha vida
fosse para mais que isto ;
ainda que em vos ter visto
(30) não nasci em vão, senhora,
que a vida é de ãa hora,
este bem será eterno ;
que, quer estê no inferno,
quer estê no paraíso,
nunca me verão deviso
daqueste tamanho bem.
E não vos diga ninguem
que o mal que em tendes feito
me faz ter outro respeito,
(40) inda que fora rezão ;
mas não quer o coração
pelo muito que vos quer,
e sempre isto ha-de ser
em quanto eu vivo for.
Que verdade e que amor
pera se não ter em muito !
e quam pouco bom é o fruto
que delle tenho tirado !
Quem lançasse o meu cuidado

- (50) onde o não visse mais,
pois lembranças tam mortais
traz á minha fantasia,
que basta ũa de um dia
pera me os meus tirar !
Nelle vos vi eu chorar,
e nelle chorei tambem,
derradeiro do meu bem
e primeiro do meu mal.
Nada, senhora, me val.
- (60) não sei em que me sustenho ;
pois que vos escrito tenho,
porque não vejo reposta ?
Quem vos pôs no que estais posta ?
Que palavras vos disseram,
que mais que a rezão puderam
que já entre nós pusemos ?
Cuidai quanto nos quisemos.
e não vos possa mudar
dizer que vos podem dar
- (70) outrem que tenha mais que eu.
Poder ser, não nego eu ;
mas bem vos posso afirmar
que não podereis achar
outrem que vos tanto queira.
Olhai que, a derradeira,
riqueza não tira dor,
pois, antre ella e o amor,
qual é mais pera estimar
deve ser bern de julgar.
- (80) Mas, com quanto eu isto digo,
mal acabarei comigo,
senhora, que possa crer
mudar-se vosso querer

- por nenhuns outros quererés,
esquecendo os prazeres
do nosso tempo passado,
que me faz tam esforçado
que, em quanto, a meu cuidar,
a terra me não gozar.
(90) ninguem gozará de vós
se não meus cuidados sós,
que em vossa contemplação
os tempos gastando vão.
como se fosseis presente,
com ãa fé tam contente
como no tempo melhor.
E se isto ante vós for
que me pus a escrever,
querei, senhora, entender
(100) que tinha que dizer mais ;
mas lembraram-me os sinais
vossos, e olhos fermosos,
e os meus, de saudosos,
lembrando-se que vos virom,
com lagrimas me impediram
poder por mais por escrito.
Kaste o que tenho dito
pera haver por galardão
tres regras de vossa mão ;
(110) pera resposta das quais,
senhora, fique o mais
que aqui escrever divera,
se o escrever pudera.

FINIS

V. (90) — *Ninguem* — No original — *niaguem*.

V. (108) — *haver*. No original — *a veer*.

NOTAS

Égloga «Crisfal»

(1) V. 1 — *Antre*, forma antiga, ocorre com *entre*. V. 7, 8 e 10 — *Amarom*. Tôdas as 3.^{as} pess. do pret. perf. têm esta terminação na *Égloga*.

(4) V. 4 — *Pera* — Também aparece *para*.

(9) V. 2 — *Em que* = ainda que (conjunção concessiva).

(11) V. 1 — Neste verso ocorrem as formas *coitado* e *cuitado*.

(12) V. 4 e 5 — Outras edições trazem *mor* em vez de *maior*.

(16) V. 9 e 10 (*dessejamos, dessejar*) — Grafia arcaica, que na opinião de Epifânio representa a pronúncia originária.

(20) V. 8 — *Sento* — Forma arcaica, por *sinto*.

(21) V. 8 — *Assaz de enemigo* — Construção vulgar no português antigo.

(25) V. 3 — *Geitar* — Forma antiquada. Outras edições trazem *deitar*.

Nesta estância ocorre *despois*, mas também se encontra na égloga — *depois*.

(27) V. 4 — *Tromento*, por *tormento*. É vulgar esta metátese no português arcaico.

(29) V. 3 — *Al* — outra coisa (*alius*).

(32) V. 3 — *Casi* — quási.

(33) V. 8 — *Desque* — desde que.

(36) V. 5 — *Padescendo* — Forma primitiva (do hipotético *patescere*).

(39) V. 2 — *Gado moucho* (mocho) — gado lanígero.

V. 6 — *brigo* — Forma popular de *abrigo*.

(42) V. 4-5 — Referência a uma poesia castelhana. Diz D. Car. Michaëlis (Introdução da ed. cit., pág. 196: — «... a Égloga contém, ou nela se alegam, poesias *alheias, populares, castelhanas*, das que se cantavam na côrte espanhola e portuguesa». No último verso há referência à pastora *Mengua, la del Boscal* (ou *Bustar*).

(43) V. 9 — *São* — sou. Forma arcaica da 1.ª pess. do ind. pres., corrente no séc. XVI.

(45) V. 9 — *i* = *ái*.

(48) V. 10 — *O velho não dormiria* — Referência a uma cantiga tornada vulgar no séc. XVI, a que Camões também se refere no «El-rei Seleuco».

(49) V. 4 — *Trespor* = transpor; *tresposta* — assomada.

(51) V. 5-6 — A sílaba *Lor* do primeiro verso com a primeira palavra do segundo formam a palavra *Lorvão*, em cujo mosteiro deve ter sido encerrada a amada do poeta.

(53) V. 2 — *Arboredo* — É assim que está no original.

(55) V. 10 — *ó* = ao. Forma popular, vulgaríssima.

(56) V. 1 — *Fale* — diga.

(61) V. 2 — *Dem* — Forma antiga, verdadeiramente legítima, semelhante a *tem, vem* (*ver e vir*), *lem*, plurais ao depois substituídos por *dêem, têm, vêem, vêem, leem*.

(70) V. 5 — *Atenor* — Espécie de vasilha.

(77) V. 7 — *Frol* — flor.

(79) V. 1 — *A hora* — então.

(81) V. 9 — *Reposta* — Forma popular e arcaica de *resposta*.

(92) V. 10 — *bolver* — É assim que vem no original.

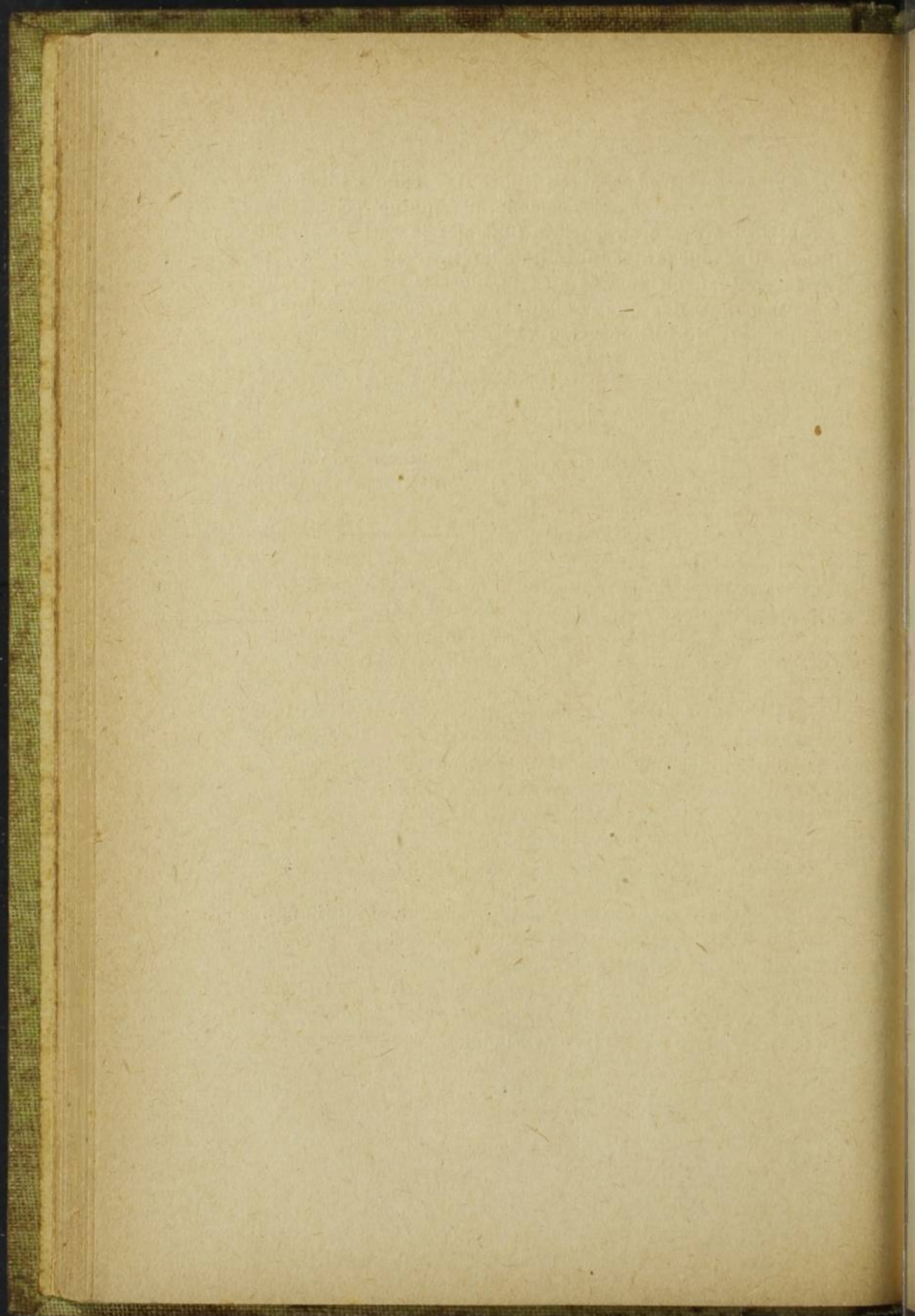
(95) V. 3 — *Concrusão* — Forma arcaica de *conclusão*.

V. 9 — *Piadosa* — Forma popular.

(98) V. 6 — *Libre* — É assim que ocorre no original.

(102) V. 4 — *Alemo* — álamo.

(103) V. 1 — *Treladei* — trasladei.



TOMÁS ANTÓNIO GONZÁGA

MARÍLIA DE DIRCEU

TOMÁS ANTÓNIO GONZAGA (Dirceu)

Tomás António Gonzaga era filho do desembargador João Bernardo Gonzaga, brasileiro, e de D. Tomásia Isabel Clark, descendente de ingleses. Nasceu no Pôrto no dia 11 de Agosto de 1744, sendo baptizado na freguesia de S. Pedro de Miragaia, como está hoje seguramente averiguado.

Em 1759 foi o pai nomeado desembargador da cidade da Baía, e o pequeno Tomás teve de o acompanhar e lá se conservou até 1762. No ano seguinte matriculou-se na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra e saú formado em 1768.

Seguiu a carreira da magistratura : foi Juíz-de-Fora em Beja, mais tarde nomeado « Ouvidor da Capitania de Vila-Rica » (15 de Maio de 1782) e depois « Provedor da Fazenda dos Defuntos e Ausentes, Capelas e Resíduos da Comarca de Vila-Rica » (25 do mesmo mês e ano), Minas Gerais.

Foi nesta localidade que o magistrado e poeta se apaixonou por uma menina de rara beleza, que ao tempo contava, ao que parece, dezasseis anos, chamada Maria Joaquina Doroteia de Seixas. Como êle próprio confessa na lira XXXIII da Parte I da sua obra « *Marília de Dirceu* », essa paixão levou-o a queimar os versos que anteriormente havia escrito sob a inspiração de outra ou outras mulheres.

Em Novembro de 1786 foi nomeado desembargador da Relação da cidade da Baía.

Tratava de unir-se pelo casamento à sua Marília, quando em 1789, ou por maquinações de inimigos, a que não seria estranho um tio da própria noiva, ou por justos motivos, foi prêso como implicado na conspiração de Minas, na qual igualmente se acharam envolvidos os seus amigos, também magistrados e também poetas da « escola mineira », Cláudio Manuel da Costa (designado « Glauceste » na *Arcádia de Minas*) (1729-1789) e Inácio José de Alvarenga Peixoto (« Alceu ») (1744-1793). Teófilo Braga nas suas obras « Filinto Elísio e os Dissidentes da Arcádia » e « Arcades » dá-o como inocente do crime que lhe imputavam : de ser um dos cabeças do movimento revolucionário de Minas, tendente ao estabelecimento de uma república independente naquela capitania ; é de opinião contrária o brasileiro Sílvia Romero, que na sua « História da Literatura Brasileira » escreveu : — « Não há razões sérias para arredar da sua frente a auréola de patriota santificado pelo sofrimento. Sim : o poeta teve o sonho revolucionário : este grande título deve religiosamente ser-lhe conservado pela História . . . Dirceu quis o levante, quis a república, quis a independência. É por isso que elle tem sido e continuará a ser um dos guias imortais do povo brasileiro ».

Como quer que seja, o poeta, apertado em longos interrogatórios, negou sempre a sua cumplicidade, o que não impediu que em 1792 fôsse condenado a degrêdo perpétuo para Angoche (Angola) ; mas a pena foi comutada a destêro por dez anos para Moçambique. Dos seus biógrafos que consultámos, Ronald de Carvalho dá-o como tendo morrido entre 1807 e 1809 ; Sílvia Romero diz que elle morreria louco em 1807 ; Teófilo Braga afirma : — « Os dezassete anos que viveu em Moçambique foram uma agonia lenta, caracterizando-se os quinze anos últimos por acessos de melancolia e de completa loucura, expirando em 1809 ».

Quanto a Marília, não são concordes os historiadores : ao passo que Teófilo Braga nos afirma que ella chegou a uma idade propecta (87 anos, visto que nascera em 1767 e falecera em 1854), sempre solteira, — Sílvia Romero sustenta que a célebre inspiradora das *liras* de Dirceu acabou em 1854

com oitenta e quatro anos, e em nota da sua « *Historia* » (pág. 241) escreveu que « *Marília* viveu mais tarde em aliança com um dos Queirogas de Minas, de quem teve filhos e existem netos. »

No que são concordes os críticos é em considerar Tomás António Gonzaga como um dos maiores poetas do seu tempo. Frisando a influência que sôbre o estro do poeta haviam exercido as *modinhas baianas*, Teófilo aproxima-o de João de Deus, que se sabe se entusiasmava com a leitura da obra de Gonzaga ; Ronald de Carvalho diz que a « *Marília de Dirceu* é o livro de Amor mais estimado da lingua portuguesa » e que depois da edição princeps (1792) já se fizeram nada menos de trinta e quatro edições ; finalmente Silvio Romero assevera que Gonzaga « é o mais célebre dos poetas mineiros » ; que « tem sido um dos poetas mais lidos da nossa lingua » ; que « não tinha grandes recursos da forma, nem audácias de pensamento, mas tinha suavidade na expressão, clareza nas idéas, e o seu sentimento era real » ; que « Gonzaga era um verdadeiro talento, porque através das roupagens . . . arcádicas deixa notar as belezas de um lirismo franco e até as verdades de um realismo perfeito ».

Este livro de amor consta de duas partes bem distintas : na primeira, que se compõe de trinta e sete *liras*, mostra-se o poeta cheio de felicidade, a trasbordar de alegria pela esperança da realização dos seus sonhos ; na segunda parte, 38 *liras*, a alegria cede o lugar à tristeza e desalento, filhos da prisão aonde o infortúnio o conduziu. A primeira parte da *Marília* foi publicada em 1792, em Lisboa, no próprio ano da ida do poeta para o destêrro de Moçambique. A segunda parte apareceu com a primeira numa edição sem data, mas que é anterior a 1800, ano da publicação duma *terceira parte*, que por muitos críticos é, com tóda a razão, julgada apócrifa.

Ainda se não fez uma edição definitiva, indispensável para bem nos podermos pronunciar àcerca da matéria poé-

tica do infeliz poeta e das circunstâncias em que as diferentes *liras* foram produzidas. Na presente edição somente se reproduzem as duas partes sôbre cuja autenticidade não há dúvidas.

Além das edições acima citadas, há as de 1801, 1802, 1810 (Rio de Janeiro), 1811, 1812, 1812 (Rio), 1812 (Baía), 1813 (Baía), 1817, 1818, 1819, 1820, 1822, 1823, 1824, 1825, 1827 (Lisboa, 2 ed. diferentes), 1827 (Baía), 1833, 1835, 1840, 184? (Rio), 1842 (Rio), 1842 (Pernambuco), 1845 (Rio), 1845 (Rio), 1850 (Baía), 1855 (Rio); outra do Rio, sem data; 1862 (Paris), 1862 (Rio), 1882 e 1912 (Rio). — Existem também traduções: francesa (1825) e italianas (1844 e 1855), e latina (1868).

Marilia de Dirceu

PARTE I

LYRA I

Eu, Marilia, não sou algum vaqueiro,
Que viva de guardar alheio gado,
De tosco trato, d'expressões grosseiro,
Dos frios gelos, e dos sóes queimado.
Tenho proprio casal, e n'elle assisto ;
Dá-me vinho, legume, fructa, azeite,
Das brancas ovelhínhas tiro o leite,
E mais as finas lãs, de que me visto.

Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Eu vi o meu semblante n'uma fonte,
Dos annos inda não está cortado :
Os pastores, que habitam este monte,
Respeitam o poder do meu cajado.
Com tal destreza toco a sanfoninha,
Que inveja até me tem o proprio Alceste :

Ao som d'ella concerto a voz celeste ;
Nem canto letra, que não seja minha.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Mas tendo tantos dotes da ventura,
Só apreço lhes dou, gentil pastora,
Depois que o teu affecto me segura,
Que queres do que tenho ser senhora.
É bom, minha Marilia, é bom ser dono
De um rebanho, que cubra monte e prado.
Porém, gentil pastora, o teu agrado
Vale mais, que um rebanho e mais que um throno.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Os teus olhos espalham luz divina ;
A quem a luz do sol em vão se atreve
Papoila, ou rosa delicada e fina.
Te cobre as faces, que são côr de neve :
Os teus cabellos são uns fios d'ouro ;
Teu lindo corpo balsamos vapóra.
Ah ! não, não fez o céu, gentil pastora,
Para gloria de amor igual thesouro.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Leve-me a sementeira muito embora
O rio sobre os campos levantado :
Acabe, acabe a peste matadora,
Sem deixar uma rez, o nédio gado.
Já d'estes bens, Marilia, não preciso ;
Nem me cega a paixão, que o mundo arrasta :

Para viver feliz, Marilia, basta,
Que os olhos movas e me dês um riso.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Irás a divertir-te na floresta
Sustentada, Marilia, no meu braço ;
Ali descansaréi a quente sésta,
Dormindo um leve somno em teu regaço.
Emquanto a lucta jogam os pastores,
E emparelhados correm nas campinas,
Toucarei teus cabellos de boninas,
Nos troncos gravarei os teus louvores.
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

Depois que nos ferir a mão dá morte,
Ou seja n'este monte, ou n'outra serra,
Nossos corpos terão, terão a sorte
De consumir os dous a mesma terra.
Na campa, rodeada de cyprestes,
Lerão estas palavras os pastores :
« Quem quizer ser feliz nos seus amores,
« Siga os exemplos, que nos deram estes. »
Graças, Marilia bella,
Graças á minha estrella !

LYRA II

Pintam, Marilia, os poetas
A um menino vendado,
Com uma aljava de settas,
Arco empunhado na mão,

Ligeiras azas nos hombros,
O terno corpo despido,
E de Amor, ou de Cupido,
São os nomes, que lhe dão.

Porém eu, Marilia, nego,
Que assim seja Amor ; pois elle
Nem é moço, nem é cego,
Nem settas, nem azas tem.
Ora pois, eu vou formar-lhe
Um retrato mais perfeito ;
Que elle já feriu meu peito,
Por isso o conheço bem.

Os seus compridos cabellos,
Que sobre as costas ondeam,
São que os de Apollo mais bellos ;
Mas de loura côr não são.
Teem a côr da negra noite ;
E com o branco do rosto
Fazem, Marilia, um composto
Da mais formosa união.

Tem redonda e lisa testa,
Arqueadas sobrançelhas,
A voz meiga, a vista honesta
E seus olhos são uns sóes.
Aqui vence Amor ao céu,
Que no dia luminoso
O céu tem um sol formoso,
E o travesso Amor tem dois.

Na sua face mimosa,
Marília, estão misturadas
Purpureas folhas de rosas,
Branças folhas de jasmim.
Dos rubins mais preciosos
Os seus beijos são formados,
Os seus dentes delicados
São pedaços de marfim.

Mal vi seu rosto perfeito,
Dei logo um suspiro, e elle
Conheceu haver-me feito
Estrago no coração.
Punha em mim os olhos, quando
Entendia eu não olhava :
Vendo que o via, baixava
A modesta vista ao chão.

Chamei-lhe um dia formoso ;
Elle, ouvindo os seus louvores,
Com um gesto desdenhoso
Se sorriu e não falou.
Pintei-lhe outra vez o estado,
Em que estava esta alma posta ;
Não me deu tambem resposta,
Constrangeu-se e suspirou.

Conheço os signaes, e logo
Animado de esperança,
Busco dar um desafogo
Ao cansado coração.

Pégo em seus dedos nevados,
E querendo dar-lhe um beijo,
Cubriu-se todo de pêjo,
E fugiu-me com a mão.

Tu, Marília, agora vendo
De Amor o lindo retrato.
Comtigo estarás dizendo,
Que é este o retrato teu.
Sim, Marília, a copia é tua,
Que Cupido é Deus supposto ;
Se ha Cupido, é só teu rosto ;
Que elle foi quem me venceu.

LYRA III

De amar, minha Marília, a formosura
Não se podem livrar humanos peitos.
Adoram os heróes ; e os mesmos brutos
Aos grilhões de Cupido estão sujeitos.
Quem, Marília, despreza uma belleza,
A luz da razão precisa ;
E se tem discurso, pisa
A lei, que lhe ditou a natureza.

Cupido entrou no céu. O grande Jove
Uma vez se mudou em chuya de ouro.
Outras vezes tomou as varias fôrmas
De general de Thebas, velha, e touro.
O proprio Deus da guerra deshumano
Não viveu de amor illeso ;
Quiz a Venus, e foi preso
Na rede, que lhe armou o Deus Vulcano.

Mas sendo amor igual para os viventes,
Tem mais desculpa, ou menos, esta chamma :
Amar formosos rostos acredita,
Amar os feios de algum modo infama.
Quem lê, que Jove amou, não lê, nem topa.
 Que amou vulgar donzella :
 Lê, que amou a Danae bella,
Encontra, que roubou a linda Europa.

Se amar uma belleza se desculpa
Em quem ao proprio céu e terra move ;
Qual é a minha gloria, pois igualo,
Ou excedo no amor ao mesmo Jove ?
Amou o Pae dos Deuses Soberano
 Um semblante peregrino :
 Eu adoro o teu divino,
O teu divino rosto, e sou humano.

LYRA IV

Marilia, teus olhos
São réos e culpados,
Que soffra, e que beije
Os ferros pesados
De injusto Senhor.
 Marilia, escuta
 Um triste pastor.

Mal vi o teu rosto,
O sangue gelou-se,
A língua prendeu-se,
Tremi, e mudou-se
Das faces a côr.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

A vista furtiva,
O siso imperfeito,
Fizeram a chaga,
Que abriste no peito,
Mais funda, e maior.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Dispuz-me a servir-te,
Levava o teu gado
À fonte mais clara,
À vargem, e prado
De relva melhor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se vinha da herdade,
Trazia dos ninhos
As aves nascidas,
Abrindo os biquinhos
De fome, ou temor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se alguém te louvava
De gosto me enchia ;
Mas sempre o ciúme
No rosto accendia
Um vivo calor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Se estavas alegre,
Dirceo se alegrava ;
Se estavas sentida,
Dirceo suspirava
À força da dôr.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Fallando com Laura,
Marilia dizia ;
Sorria-se aquella,
E eu conhecia
O erro de amor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Movida, Marilia,
De tanta ternura,
Nos braços me dêste
Da tua fé pura
Um doce penhor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu mesma disseste,
Que tudo podia
Mudar de figura ;
Mas nunca seria
Teu peito traidor.

Marilia, escuta
Um triste pastor.

Tu já te mudaste ;
E a olaia frondosa,
Aonde escreveste
A jura horrorosa,
Tem todo o vigor.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

Mas eu te desculpo,
Que o fado tyranno
Te obriga a deixar-me ;
Pois basta o meu damno
Da sorte, que fôr.
Marilia, escuta
Um triste pastor.

LYRA V

Oh ! Quanto póde em nós a vária estrella !
Que diversos que são os genios nossos !
Qual sólta a branca vella,
E affronta sobre o pinho os mares grossos.
Qual cinge com a malha o peito duro,
E marchando na frente das cohortes,
Faz a torre voar, cahir o muro.

O sordido avarento em vão defende,
Que possa o filho entrar no seu thesouro.
Aqui fechado estende
Sobre a taboa, que verga, as barras d'ouro.

Sacode o jogador do côpo os dados ;
E n'uma noite só, que ao somno rouba,
Perde o resto dos bens do pae herdados.

O que da voraz gula o vicio adora
Da lauta meza os seus prazeres fia.
E o terno Alceste chora
Ao som dos versos, a que o genio o guia.
O sabio Galileo toma o compasso,
E, sem voar ao Céu, calcula e mede
Das estrellas e sol o immenso espaço.

Emquanto pois, Marilia, a varia gente
Se deixa conduzir do proprio gosto,
Passo as horas contente,
Notando as graças do teu lindo rosto.
Sem cançar-me a saber se o Sol se move,
Ou se a terra voltêa, assim conheço
Aonde chega o poder do grande Jove.

Noto, gentil Marilia, os teus cabellos,
E noto as faces de jasmims e rosas :
Noto os teus olhos bellos,
Os brancos dentes e as feições mimosas :
Quem fez uma obra tão perfeita e linda.
Minha bella Marilia, tambem pôde
Fazer os Céus, e mais, se ha mais ainda.

LYRA VI

Acaso são estes
Os sitios formosos,
Aonde passava
Os annos gostosos ?
São estes os prados,
Aonde brincava,
Em quanto pastava
O gordo rebanho,
Que Alcêo me deixou ?
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

D'aquelle penhasco
Um rio cahia,
Ao som do sussurro
Que vezes dormia !
Agora não cobrem
Espumas nevadas
As pedras quebradas,
Parece que o rio
O curso voltou.
São estes os sitios ?
São estes : mas eu
O mesmo não sou
Marilia tu chamas ?
Espera, que eu vou.

Meus versos alegre
Aqui repetia :
O écco as palavras
Tres vezes dizia :
Se chamo por elle,
Já não me responde.
Cançado de dar-me
Os ais, que lhe dou.
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

Aqui um regato
Corria sereno
Por margens cobertas
De flôres e feno :
Á esquerda se erguia
Um bosque fechado,
E o tempo apressado,
Que nada respeita,
Já tudo mudou.
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

Mas como discorro ?
Acaso podia
Já tudo mudar-se
No espaço de um dia ?

Existem as fontes,
E os freixos copados :
Dão flôres os prados,
E corre a cascata,
Que nunca seccou.
São estes os sitios ?
São estes; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera que eu vou.

Minha alma, que tinha
Liberta a vontade,
Agora já sente
Amor, e saudade.
Os sitios formosos,
Que já me agradaram,
Ah ! não se mudáram ;
Mudaram-se os olhos,
De triste que estou.
São estes os sitios ?
São estes ; mas eu
O mesmo não sou.
Marilia, tu chamas ?
Espera, que eu vou.

LYRA VII

Vou retratar a Marilia,
A Marilia, meus amores ;
Porém como, se eu não vejo
Quem me empreste as finas côres :
Dar-m'as a terra não pôde ;

Não, que a sua côr mimosa
Vence o lirio, vence a rosa,
O jasmin e as outras flôres.

Ah ! soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do céu.

Mas não se esmoreça logo,
Busquemos um pouco mais,
Nos mares talvez se encontrem
Côres que sejam iguaes.
Porém não, que em paralelo
Da minha Nympha adorada
Perolas não valem nada
E nada valem coraes.

Ah ! soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do céu.

Só no céu achar-se pôdem
Taes bellezas, como aquellas,
Que Marilia tem nos olhos,
E que tem nas faces bellas.
Mas ás faces graciosas,
Aos negros olhos, que matam,
Não imitam, não retratam
Nem auroras nem estrellas.

Ah ! soccorre, amor, soccorre
Ao mais grato empenho meu !
Vôa sobre os astros, vôa,
Traz-me as tintas do céu.

Entremos, amor, entremos,
 Entremos na mesma esphera :
 Venha Palas, venha Juno,
 Venha a deusa de Cithéra.
 Porém não, que se Marilia
 No certame antigo entrasse,
 Bem que a Páris não peitasse,
 A todas as tres vencêra.

Vae-te, amor, em vão soccorres
 Ao mais grato empenho meu :
 Para formar-lhe o retrato
 Não bastam tintas do céu.

LYRA VIII

Eu sou, gentil Marilia, eu sou captivo ;
 Porém não me venceu a mão armada
 De ferro, e de furor :
 Uma alma sobre todas elevada
 Não cede a outra força, que não seja
 A tenra mão de amor.

Arrastam, pois, os outros muito embora
 Cadeias nas bigornas trabalhadas
 Com pesados martellos :
 Eu tenho as minhas mãos ao carro atadas
 Com duros ferros não, com fios d'ouro,
 Que são os teus cabellos.

Occulto nos teus meigos vivos olhos
 Cupido a tudo faz tyranna guerra :
 Sacode a setta ardente,
 E sendo despedida cá da terra,

As nuvens rompe, chega ao alto empyrio :
E chega ainda quente.

As abelhas nas azas suspendidas
Tiram, Marilia, os succos saborosos
Das orvalhadas flôres :
Pendentes de teus beijos graciosos
O mel não chupam, chupam ambrozias
Nunca fartos amores.

O vento quando parte em largas fitas
As folhas, que menêa com brandura ;
A fonte crystallina,
Que sobre as pedras cahe d'immensa altura
Não fórma um som tão doce, como fórma
A tua voz divina.

Em torno de teus peitos, que palpitam,
Exhalam mil suspiros desvelados
Enxames de desejos ;
Se encontram os teus olhos descuidados
Por mais que se atropellem, vao, chegam,
E dão furtivos beijos :

O cysne, quando corta o manso lago,
Erguendo as brancas azas, e o pescoço ;
A náu, que ao longe passa,
Quando o vento lhe infuna o pano grosso,
O teu garbo rão tem, minha Marilia,
Não tem a tua graça.

Estimem pois os mais a liberdade ;
Eu prézo o captiveiro : sim, nem chamo

Á mão de amor impia :
 Honro a virtude, os teus dotes amo :
 Tambem o grande Achilles veste a saia,
 Tambem Alcides fia.

LYRA IX

Marilia, de que te queixas ?
 De que te roube Dirceo
 O sincero coração ?
 Não te deu tambem o seu ?
 E tu, Marilia, primeiro
 Não lhe lançaste o grilhão ?
 Todos amam : só Marilia
 D'esta lei da natureza
 Queria ter isenção ?

Em torno das castas pombas
 Não rulam ternos pombinhos ?
 E rulam, Marilha, em vão ?
 Não se affagam c'os biquinhos
 E a provas de mais ternura
 Não os arrasta a paixão ?
 Todos amam : só Marilia
 D'esta lei da natureza
 Queria ter isenção ?

Já viste, minha Marilia,
 Avezinhas, que não façam
 Os seus ninhos no verão ?
 Aquellas com quem se enlaçam,
 Não vão cantar-lhes defronte
 Do molle pouso, em que estão ?

Todos amam : só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção ?

Se os peixes, Marilia, geram
Nos bravos mares e rios,
Tudo efeitos de amor são.
Amam os brutos impíos,
A serpente venenosa,
A onça, o tigre, o leão,
Todos amam : só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção ?

As grandes deusas do céu
Sentem a setta tyranna
Da amorosa inclinação.
Diana, com ser Diana,
Não se abrasa, não suspira
Pelo amor de Endymião ?
Todos amam : só Marilia
D'esta lei da natureza
Queria ter isenção ?

Desiste, Marilia bella,
De uma queixa sustentada
Só na altiva opinião.
Esta chamma é inspirada
Pelo céu ; pois n'ella assenta
A nossa conservação.
Todos amam : só Marilia
D'esta lei da natureza
Não deve ter isenção.

LYRA X

Se existe um peito,
Que isento viva
Da chamma activa,
Que accende amor,
 Ah ! não habite
N'este montado,
Fuja apressado
Do vil traidor.

Corra, que o impio
Aqui se esconde,
Não sei aonde ;
Mas sei que o vi.
 Tráz novas settas
Arco robusto ;
Tremi de susto,
Em vão fugi.

Eu vou mostrar-vos,
Tristes mortaes,
Quantos signaes
O impio tem.
 Oh ! como é justo
Que todo o humano
Um tal tyranno
Conheça bem !

No corpo ainda
Menino existe ;
Mas quem resiste
Ao braço seu ?

Ao negro inferno
Levou a guerra ;
Venceu a terra,
Venceo o ceo.

Jámais se cobrem
Seus membros bellos ;
E os seus cabellos
Que lindos são !
 Vendados olhos
Que tudo alcançam,
E jámais lançam
A setta em vão.

As suas faces
São côr da neve :
E a bocca breve
Só risos tem.
 Mas, ah ! respira
Negros venenos,
Que nem ao menos
Os olhos vêem.

Aljava grande
Dependurada,
Sempre atacada
De bons farpões.
 Fere com estas
Agudas lanças,
Pombinhas mansas,
Bravos leões.

Se a setta falta,
 Tem outra prompta.
 Que a dura ponta
 Jámais torceu.

Ninguem resiste
 Aos golpes d'ella :
 Marilia bella
 Foi quem lh'a deu.

Ah ! não sustente
 Dura peleja
 O que deseja
 Ser vencedor.

Fuja, e não olhe,
 Que só fugindo
 De um rosto lindo
 Se vence Amor.

LYRA XI

Não toques, minha musa, não, não toques
 Na sonora lyra,
 Que ás almas, como a minha, namoradas
 Doces canções inspira :
 Assopra no clarim, que apenas sôa,
 Enche de assombro a terra :
 N'aquelle, a cujo som cantou Homero,
 Cantou Virgilio a guerra.

Busquemos, ó musa,
 Empreza maior ;
 Deixemos as ternas
 Fadigas de amor.

Eu já não vejo as graças, de que fórma
Cupido o seu thesouro :
Vivos olhos e faces côr da neve,
Com crespos fios de ouro ;
Meus olhos só vêem gramas e loureiros ;
Vêem carvalhos e palmas ;
Vêem os ramos honrosos, que distinguem
As vencedoras almas.

Busquemos, ó musa
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Cantemos o heróe, que já no berço
As serpes despedaça ;
Que fere os Cácos, que destronca as hydras,
Mais os leões, que abraça.
Cantemos, se isto é pouco, a dura guerra
Dos Titães, e Tyfeos,
Que arrancam as montanhas, e atrevidos
Levam armas aos céus.

Busquemos, ó musa,
Empreza maior ;
Deixemos as ternas
Fadigas de amor.

Anima pois, ó musa, o instrumento,
Que a voz também levanto,
Porém tu deste muito a cima o ponto,
Dirceo não pôde tanto ;

Abaixa, minha musa, o tom, qu'ergueste ;
 Eu já, eu já te sigo.
 Mas, ah ! vou a dizer « heróe, e guerra. »
 E só « Marilia » digo.

Deixemos, ó musa,
 Empreza maior ;
 Só posso seguir-te
 Cantando de amor.

Feres as cordas d'ouro ? Ah ! sim, agora
 Meu canto já se afina,
 E a humana voz parece que ao som d'ellas
 Se faz tambem divina.
 O mesmo, que cercou de muro a Thebas
 Não canta assim tão terno,
 Nem pôde competir comigo aquelle,
 Que desceu ao negro inferno.

Deixemos, ó musa
 Empreza maior ;
 Só posso seguir-te
 Cantando de amor.

Mal repito « Marilia », as doces aves
 Mostram signaes de espanto ;
 Erguem os collos, voltam as cabeças,
 Param o ledo canto.
 Move-se o tronco, o vento se suspende ;
 Pasma o gado e não come :
 Quanto pôdem meus versos ! Quanto pôde
 Só de Marilia o nome !

Deixemos, ó musa
Empreza maior ;
Só posso seguir-te
Cantando de amor,

LYRA XII

Toppei um dia
Ao Deus vendado,
Que descuidado
Não tinha as settas
Na impia mão.

Mal o conheço,
Me sóbe logo
Ao rosto o fogo,
Que a raiva accende
No coração.

• *Morre, tyranno,*
Morre, inimigo : •
Mal isto digo,
Raivoso o apérto
Nos braços meus.

Tanto que o moço
Sente apertar-se,
Para salvar-se
Tambem me apérta
Nos braços seus.

O leve corpo
Ao ar levanto ;
Ah ! E com quanto
Impulso o trago
Do ar ao chão !

Póde suster-se
A vez primeira ;
Mas á terceira
Nos pés, que alarga,
Se firma em vão.

Mal o derrubo.
Ferro aguçado
No já cansado
Peito, que arqueja.
Mil golpes deu.

Suou seu corpo ;
Tremeu gemendo ;
E a côr perdendo,
Bateu as azas ;
Em fim morreu.

Qual bravo Alcides,
Que a hirsuta pelle
Vestiu d'aquelle
Grenhoso bruto,
A quem matou ;

Para que próve
A empreza honrada,
C'o a mão manchada
Recolho as settas,
Que me deixou.

Ouviu Marilia
Que amor gritava,
E como estava
Visinha ao sitio
Valer-lhe vem.

Mas quando chega
Espavorida,
Nem já de vida
O féro monstro
Indicio tem.

Então Marilia,
Que o vê de perto
De pó coberto,
E todo envolto
No sangue seu,
 As mãos aperta
No peito brando,
E afflicta dando
Um ai, os olhos
Levanta ao céu.

Chega-se a elle
Compadecida :
Lava a ferida
C'o pranto amargo,
Que derramou.
 Então o monstro
Dando um suspiro,
Fazendo um gyro
C'o a baça vista,
Resuscitou.

Respira a deusa ;
E vem o gosto
Fazer no rosto
O mesmo effeito,
Que fez a dôr.

Que louca idéa
 Foi, a que tive !
 Enquanto vive
 Marilia bella,
 Não morre Amor.

LYRA XIII

Minha bella Marilia, tudo passa ;
 A sorte d'este mundo é mal segura ;
 Se vem depois dos males a ventura,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.
 Estão os mesmos deuses
 Sujeitos ao poder do impio fado :
 Apollo já fugiu do céu brilhante,
 Já foi pastor de gado.

A devorante mão da negra morte
 Acaba de roubar o bem, que temos ;
 Até na triste campa não podemos
 Zombar do braço da inconstante sorte.
 Qual fica no sepulchro,
 Que seus avós ergueram, descançado ;
 Qual no campo, e lhe arranca os frios ossos
 Ferro de torto arado.

Ah ! Enquanto os destinos impiedosos
 Não voltam contra nós a face irada,
 Façamos, sim, façamos, doce amada,
 Os nossos breves dias mais ditosos.
 Um coração, que frouxo
 A grata posse de seu bem differe,
 A si, Marilia, a si proprio rouba,
 E a si proprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores,
E façamos de feno um brando leite,
Prendamo-nos, Marilia, em laço estreito,
Gozemos do prazer de sãos amores.

Sobre as nossas cabeças,
Sem que o possam deter, o tempo corre :
E para nós o tempo, que se passa,
Tambem, Marilia, morre.

Com os annos, Marilia, o gosto falta,
E se entorpece o corpo já cançado ;
Triste o velho cordeiro está deitado,
E o leve filho sempre alegre salta.

A mesma formosura
É dote, que só gosa a mocidade :
Rugam-se as faces, o cabello alveja,
Mal chega a longa idade.

Que havemos d'esperar, Marilia bella ?
Que vão passando os florescentes dias ?
As glorias, que vem tarde, já vem frias :
E póde em fim mudar-se a nossa estrella.

Ah ! não, minha Marilia,
Aproveite-se o tempo, antes que faça
O estrago de roubar ao corpo as forças,
E ao semblante a graça.

LYRA XIV

Oh ! quantos riscos,
Marilia bella,
Não atropella
Quem cego arrasta
Grilhões de amor !

Um peito forte,
De accordo falto,
Zomba do assalto
Do vil traidor.

O amante de Hero
Da luz guiado,
C'o o peito ousado
Na escura noite
Rompia o mar.

Se o Helesponto
Se encapellava,
Ah! não deixava
De lhe ir falar.

Do cantor Thracio
A heroicidade
Esta verdade.
Minha Marilia,
Prova tambem.

Cheio de esforço
Vae ao Cocyto
Buscar afflicto
Seu doce bem.

Que acção tão grande
Nunca intentada!
Ao pé da entrada
Já tudo assusta
O coração!

Pendentes rochas
Campos adustos,
Que nem arbustos,
Nem hervas dão.

Na funda fralda
De calvo monte
Corre Acheronte,
Rio de ardente
Mortal licôr.

 Tem o barqueiro
Testa enrugada,
Vista inflammada,
Que mette horror.

Que seguranças !
Que fechaduras !
As portas duras
Não são de lenhós ;
De ferro são.

 Por tres gargantas,
Quando alguém bate,
Raivoso late
O negro cão.

Dentro da cova
Soam lamentos ;
E que tormentos
Não mostra aos olhos
A escassa luz !

 Minos a pena
Manda se intime
Igual ao crime,
Que ali conduz.

Grande penedo
Este carrega ;
E, apenas chega

Do monte ao cume,
O faz rolar.

A pedra sempre
Ao valle desce,
Sem que elle cesse
De a ir buscar.

Nas limpas aguas
Habita aquelle :
Por cima d'elle
Verdejam ramos,
Que pomos dão.

Debalde a bocca
Molhar pretende ;
Debalde estende
Faminta não.

Tem outro o peito
Despedaçado :
Monstro esfaimado
Já mais descança
De lh'o roer.

A rôxa carne,
Que o abutre come,
Não se consome,
Torna a crescer.

Mas bem que tudo
Pavor inspira,
Tocando a lyra
Desce ao Averno
O bom cantor.

Não se entorpece
A lingua, e braço :
Não treme o passo,
Não perde a côr.

Ah ! tambem, quanto
Dirceo obrara,
Se precisara,
Marilia bella,
Do esforço seu :
 Rompra os mares
C'o peito terno,
Fôra ao inferno,
Subira ao céu.

Aos dois amantes
De Thracia, e Abydo
Não deu Cupido
Do que aos mais todos
Maior valor.

 Por seus vassallos
Forças reparte,
Como lhes parte
Os graus de amor.

LYRA XV

A minha bella Marilia
Tem de seu um bom thesouro.
Não é, doce Alceo, formado
 Do buscado
 Metal louro.

É feito de uns alvos dentes,
É feito de uns olhos bellos,
De umas faces graciosas,
De crespos, finos cabellos,
E de outras graças maiores,
Que a natureza lhe deu :
Bens, que valem sobre a terra,
E que teem valor no céu.

Eu posso romper os montes,
Dar ás correntes desvios,
Pôr cercados espaçosos
 Nos caudosos
 Turvos rios.

Posso emendar a ventura
Ganhando astuto a riqueza ;
Mas ah ! caro Alceo, quem póde
Ganhar uma só belleza
Das bellezas, que Marilia
No seu thesouro metteu ?
Bens, que valem sobre a terra
E que teem valor no céu.

Da sorte que vive o rico
Entre o fausto alegremente,
Vive o guardador de gado
 Apoucado,
 Mas contente.

Beije pois torpe avarento
As arcas de barras cheias :
Eu não beijo os vis thesouros :
Beijo as douradas cadeias,
Beijo as settas, beijo as armas

Com que o cego amor venceu :
Bens, que valem sobre a terra,
E que teem valor no céu.

Ama Apollo e o fero Marte ;
Ama Alceo, o mesmo Jove :
Não é, não, a vã riqueza,
 Sim belleza,
 Quem os move.

Posto ao lado de Marilia
Mais que mortal me contemplo.
Deixo os bens, que aos homens
Sigo dos deuses o exemplo :
Amo virtudes e dotes ;
Amo enfim, presado Alceo,
Bens, que valem sobre a terra
E que teem valor no céu.

LYRA XVI

Minha Marilia,
Tu enfadada ?
Que mão ousada
Perturbar póde
A paz sagrada
Do peito teu ?
 Porém que muito
Que irado esteja
O teu semblante !
Tambem troveja
O claro céu.

Eu sei, Marília,
Que outra pastora
A toda a hora,
Em toda a parte
Cega namora
Ao teu pastor.

 Ha sempre fumo
Aonde ha fogo :
Assim, Marília,
Ha zelos, logo
Que existe amor.

Olha, Marília,
Na fonte pura
A tua alvura,
A tua bocca,
E a compostura
Das mais feições.

 Quem tem teu rosto
Ah ! não reccia
Que terno amante
Solte a cadeia,
Quebre os grilhões.

Não anda Laura
N'estas campinas
Sem as boninas
No seu cabelo,
Sem pelles finas
No seu gibão.

 Porém que importa ?
O rico acelo
Não dá, Marília,

Ao rosto feio
A perfeição.

Quando appareces
Na madrugada,
Mal embrulhada
Na larga roupa,
E desgrenhada
Sem fita, ou flór ;
 Ah ! que então brilha
A natureza !
Então se mostra
Tua belleza
Inda maior.

O céu formoso,
Quando alumia
O sol de dia,
Ou estrellado
Na noite fria,
Parece bem.
 Tambem tem graça
Quando amanhece ;
Até, Marilia,
Quando anoitece
Tambem a tem.

Que tens, Marilia,
Que ella suspire !
Que ella delire !
Que corra os valles !
Que os montes gire
Louca de amor !

Ella é que sente
Esta desdita ;
E na repulsa
Mais se acredita
O teu pastor

Quando ha, Marilia,
Alguma festa
Lá na floresta
(Fala a verdade)
Dança com esta
O bom Dirceu ?

E se ella o busca,
Vendo buscar-se
Não se levanta,
Não vae sentar-se
Ao lado teu ?

Quando um por outro
Na rua passa,
Se ella diz graça,
Ou muda o gesto,
Esta negaça
Faz-lhe impressão ?

Se está fronteira,
E brandamente
Lhe fita os olhos,
Não põe prudente
Os seus no chão !

Deixa o ciume,
Que te desvela :
Marilia bella,

Nunca receies
Damno d'aquella
Que igual não fôr.
Que mais desejas ?
Tens lindo aspecto ;
Dirceu se alenta
De puro affecto,
De pundonor.

LYRA XVII

Não vês aquelle velho respeitavel
Que á muleta encostado
Apenas mal se move, e mal se arrasta ?
Oh quanto estrago não lhe fez o tempo !
O tempo arrebatado,
Que o mesmo bronze gasta.

Enrugáram-se as faces e perderam
Seus olhos a viveza ;
Voltou-se o seu cabello em branca neve :
Já lhe treme a cabeça, a mão, o queixo,
Nem tem uma belleza
Das bellezas, que teve.

Assim tambem serei, minha Marilia,
D'aqui a poucos annos ;
Que o impio tempo para todos corre.
Os dentes cahirão e os meus cabellos.
Ah ! sentirei os danos,
Que evita só quem morre.

Mas sempre passarei uma velhice
Muito menos penosa.

Não trarei a muleta carregada :
Descansarei o já vergado corpo
Na tua mão piedosa,
Na tua mão nevada.

Nas frias tardes, em que negra nuvem
Os chuveiros não lance,
Irei contigo ao prado florescente :
Aqui me buscarás um sitio ameno,
Onde os membros descance,
E o brando sol me aquente.

Apenas me sentar, então movendo
Os olhos por aquella
Vistosa parte, que ficar fronteira :
Apontando direi : « Ali falámos,
Ali, ó minha bella,
Te vi a vez primeira ».

Verterão os meus olhos duas fontes,
Nascidas de alegria :
Farão teus olhos ternos outro tanto :
Então darei, Marilia, frios beijos
Na mão formosa e pia,
Que me limpar o pranto.

Assim irá, Marilia, docemente
Meu corpo supportando
Do tempo deshumano a dura guerra.
Contente morrerei, por ser Marilia
Quem sentida chorando
Meus baços olhos cerra.

LYRA XVIII

Eu, Glauceste, não duvido
Ser a tua Eulina amada
 Pastora formosa,
 Pastora engraçada.

Vejo a sua côr de rosa,
Vejo o seu olhar divino,
Vejo os seus purpureos beiços,
Vejo o peito crystallino ;
Nem ha cousa, que assemelhe
Ao crespo cabello louro.
Ah ! Que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro !

Ella vence muito, e muito
Á laranjeira copada,
 Estando de flôres,
 E fructos ornada.
É, Glauceste, os teus amores ;
E nem por outra pastora,
Que menos dotes tivera,
Ou que menos bella fôra,
O meu Glauceste cansara
As divinas cordas de ouro.
Ah ! Que a tua Eulina vale,
Vale um immenso thesouro !

Sim, Eulina é uma deusa ;
Mas anima a formosura
 De uma alma de féra ;
 Ou ainda mais dura.
Ah ! Quando Dirceo pondera

Que o seu Glauceste suspira,
Perde, perde o soffrimento,
E qual enfermo delira !
Tenha embora brancas faces,
Meigos olhos, fios de ouro,
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

O fuzil, que imita a cobra,
Tambem aos olhos é bello :
Mas quando alumia,
Tu tremes de vil-o.

Que importa se mostre cheia
De mil bellezas a ingrata ?
Não se julga formosura
A formosura, que mata.
Evita, Glauceste, evita
O teu estrago e desdouro ;
A tua Eulina não vale,
Não vale immenso thesouro.

A minha Marilia quanto
Á natureza não deve !
Tem divino rosto,
E tem mãos de neve.
Se mostro na face o gosto,
Ri-se Marilia contente :
Se canto, canta comigo,
E apenas triste me sente,
Limpa os olhos com as tranças
Do fino cabello louro.
A minha Marilia vale,
Vale um immenso thesouro.

LYRA XIX

Emquanto pasta alegre o manso gado,
Minha bella Marilia, nos sentemos
Á sombra d'este cedro levantado.
 Um pouco meditemos
 Na regular belleza,
Que em tudo quanto vive, nos descobre
 A sabia natureza.

Attende, como aquella vacca preta
O novilhinho seu dos mais separa,
E o lambe, em quanto chupa a lisa teta.
 Attende mais, ó cara,
 Como a ruiva cadella
Supporta que lhe morda o filho o corpo,
 E salte em cima d'ella.

Repara, como cheia de ternura
Entre as azas ao filho essa ave aquenta,
Como aquella esgravata a terra dura,
 E os seus assim sustenta ;
 Como se encoleriza,
E salta sem receio a todo o vulto.
 Que junto d'elles piza.

Que gosto não terá a esposa amante.
Quando der ao filhinho o peito brando,
E reflectir então no seu semblante !
 Quando, Marilia, quando
 Disser comsigo : « É esta
De teu querido pae a mesma barba,
 A mesma bocca, e testa ! »

Que gosto não terá a mãe, que toca,
Quando o tem nos seus braços, c'o dedinho
Nas faces graciosas, e na bocca
Do innocente filhinho !
Quando, Marilia bella,
O tenro infante já com risos mudos
Começa a conhecê-la !

Que prazer não terão os paes ao verem
Com as mães um dos filhos abraçados ;
Jogar outros a lucta, outros correrem
Nos cordeiros montados !
Que estado de ventura !
Que até n'aquillo. que de peso serve,
Inspira amor doçura.

LYRA XX

Em uma frondosa
Roseira se abria
Um lindo botão.
Marilia adorada
O pé lhe torcia
Com a branca mão.

Nas folhas viçosas
A abelha enraivada
O corpo escondeu.
Tocou-lhe Marilia,
Na mão descuidada
A fera mordeu.

Apenas lhe morde,
Marilia gritando,
C'o dedo fugiu.
Amor, que no bosque
Estava brincando,
Aos ais acudiu.

Mal viu a rotura,
E o sangue espargido,
Que a deusa mostrou ;
Risonho beijando
O dedo offendido,
Assim lhe falou :

• Se tu por tão pouco
O pranto desatas,
Ah ! dá-me attenção ;
E como d'aquelle,
Que feres e matas,
Não tens compaixão ? •

LYRA XXI

Não sei, Marilia, que tenho,
Depois que vi o teu rosto ;
Pois quanto não é Marilia,
Já não posso ver com gosto.
N'outra idade me alegrava,
Até quando conversava
Com o mais rude vaqueiro :
Hoje, ó bella, me aborrece
Inda o trato lisonjeiro
Do mais discreto pastor.

Que effeitos são os que sinto ?
Serão effeitos de amor ?

Sáio da minha cabana
Sem reparar no que faço ;
Busco o sitio aonde moras,
Suspendo defronte o passo.
 Fito os olhos na janella,
Aonde, Marilia bella,
Tu chegas ao fim do dia :
Se alguém passa e te sauda,
Bem que seja cortezia,
Se accende na face a côr.
Que effeitos são os que sinto ?
Serão effeitos de amor ?

Se estou, Marilia, contigo,
Não tenho um leve cuidado ;
Nem me lembra, se são horas
De levar á fonte o gado.
 Se vivo de ti distante,
Ao minuto, ao breve instante
Finge um dia o meu desgosto ;
Jámais, pastora, te vejo
Que em teu semblante composto
Não veja graça maior.
Que effeitos são os que sinto ?
Serão effeitos de amor ?

Ando já com o juizo,
Marilia, tão perturbado,
Que no mesmo aberto sulco
Metto de novo o arado.

Aqui no centeio pégo,
N'outra parte em vão o cégo :
Se alguém comigo conversa,
Ou não respondo, ou respondo
N'outra cousa tão diversa,
Que nexo não tem menor.
Que effeitos são os que sinto ?
Serão effeitos de amor ?

Se geme o bufo agoureiro,
Só Marilia me desvela,
Enche-se o peito de magoa,
E não sei a causa d'ella.

Mal durmo, Marilia, sonho
Que fero leão medonho
Te devora nos meus braços :
Gela-se o sangue nas veias,
E sólto do somno os laços
Á força da immensa dôr.
Ah ! Que os effeitos, que sinto.
Só são effeitos de amor.

LYRA XXII

Muito embora, Marilia, muito embora
Outra belleza, que não seja a tua,
Com a vermelha roda, a seis puxada,
Faça tremer a rua.

As paredes da sala, aonde habita,
Adorne a sêda, e o tremó dourado ;
Pendãem largas cortinas, penda o lustre
Do tecto apainelado.

Tu não habitarás palacios grandes,
Nem andarás nos coches voadores ;
Porém terás um vate, que te preze,
Que cante os teus louvores.

O tempo não respeita a formosura ;
E da pallida morte a mão tyranna
Arrasa os edificios dos Augustos,
E arrasa a vil choupana.

Que bellezas, Marilia, florescêram,
De quem nem sequer temos a memoria ;
Só podem conservar um nome eterno
Os versos, ou a historia.

Se não houvesse Tasso, nem Petrarcha,
Por mais que qualquer d'ellas fosse linda
Já não sabia o mundo, se existiram
Nem Laura, nem Clorinda.

É melhor, minha bella, ser lembrada
Por quantos hão de vir sabios humanos,
Que ter urcos, ter coches, e thesouros,
Que morrem com os annos.

LYRA XXIII

N'um sitio ameno
Cheio de rosas,
De brancos lirios,
Murtas viçosas ;

Dos seus amores
Na companhia
Dirceu passava
Alegre o dia.

Em tom de graça
Ao terno amante
Manda Marilia
Que toque, e cante.

Péga na lyra,
Sem que a tempere,
A voz levanta,
E as cordas fere.

C'os doces pontos
A mão atina,
E a voz iguala
Á voz divina.

Ella, que teve
De rir-se a idéa,
Nem move os olhos
De assombro cheia :

Então Cupido
Apparecendo,
Á bella fala
Assim dizendo :

• Do teu amado
A lyra fias,

Só porque d'elle
Zombando rias ?

« Quando n'um peito
Assento faço,
Do peito subo
Á lingua e braço.

« Nem creias que outro
Estylo tome,
Sendo eu o mestre
A acção teu nome. »

LYRA XXIV

Encheu, minha Marília, o grande Jove
De immensos animaes de toda a especie
As terras, mais os ares,
O grande espaço dos salobros rios,
Dos negros, fundos mares.
Para sua defeza,
A todos deu as armas, que convinha
A sabia natureza.

Deu as azas aos passaros ligeiros,
Deu ao peixe escamoso as barbatanas :
Deu veneno á serpente,
Ao membrudo elefante a enorme tromba,
E ao javali o dente.
Coube ao leão a garra ;
Com leve pé saltando o cervo foge ;
E o bravo touro marra.

Ao homem deu as armas do discurso,
Que valem muito mais que as outras armas ;
 Deu-lhe dedos ligeiros,
Que podem converter em seu serviço
 Os ferros e os madeiros ;
 Que tecem fortes laços,
E forjam raios, com que aos brutos cortam
 Os vãos, mais os passos.

Às timidas donzellas pertenceram
Outras armas, que têm dobrada força ;
 Deu-lhes a natureza
Além do entendimento, além dos braços
 As armas da belleza.
 Só ella ao céu se atreve ;
Só ella mudar pôde o gelo em fogo,
 Mudar o fogo em neve.

Eu vejo, eu vejo ser a formosura,
Quem arrancou da mão de Coriolano
 A cortadora espada.
Vejo que foi de Helena o lindo rosto,
 Quem pôz em campo armada
 Toda a força da Grecia.
E quem tirou o sceptro aos reis de Roma
 Só foi, só foi Lucrecia.

Se podem lindos rostos, mal suspiram,
O braço desarmar do mesmo Achilles ;
 Se estes rostos irados
Podem soprar o fogo da discordia
 Em povos alliados ;

És arbitra da terra :
Tu podes dar, Marilia, a todo o mundo
A paz, e dura guerra.

LYRA XXV

O cego Cupido um dia
Com os seus genios falava
Do modo, que lhe restava
De captivar a Dirceu.

Depois de larga disputa,
Um dos genios mais sagazes
Este conselho lhe deu :

As settas mais aguçadas,
Como se em rocha batessem,
Dão no peito seu, e descem
Todas quebradas ao chão.

Só as graças de Marilla
Podem vencer um tão duro,
Tão isento coração.

A fortuna d'esta empreza
Consiste em armar-se o laço,
Sem que sinta ser o braço,
Que lh'o prepara, de Amor :

Que elle vive como as aves,
Que já deixaram as pennas
No visco do caçador.

Na força d'este conselho
O raivoso deus socega,

E á tropa a honra entrega
De o fazer executar.

Todos pretendem ganhá-la ;
Batem as azas ligeiros,
E vão as armas buscar.

Os primeiros se occultáram
Da deusa nos olhos bellos :
Qual se enlaçou nos cabellos,
Qual ás faces se prendeu.

Um amorinho cansado
Cahiu dos labios ao seio,
E nos peitos se escondeu.

Outro genio mais astuto
Este novo ardil alcança,
Muda-se n'uma creança
De divino parecer.

Esconde as azas e a venda,
Esconde as settas, e quanto
Póde dal-o a conhecer.

Ella que vê um menino
Todo de graças coberto,
Tão risonho, e tão esperto
Alli sosinho brincar,

A elle endireita os passos ;
Finge Amor ter medo, e a deusa
Mais se empenha em lhe pegar.

Ella corria chamando ;
Elle fugiu, e chorava :

Assim foram onde estava
O descuidado pastor.

Este, mal viu a belleza.
E o gentil menino, entende
A malicia do traidor.

Põe as mãos sobre os ouvidos.
Cerra os olhos, e constante
Não quer vêr o seu semblante,
Não o quer ouvir falar.

Qual Ulysses n'outra idade
Para illudir as Serpêas
Mandou tambores tocar.

Cupido, que a empreza via,
Julga o intento frustrado,
E de raiva transportado
O corpo no chão lançou.

Traçou a lingua nos dentes ;
Metteu as unhas no rosto,
E os cabellos arrancou.

O genio que se escondia
Entre os peitos da pastora,
Ergueu a cabeça fóra,
E o successo conheceu.

Deixa o socego em que estava,
E vai ligeiro metter-se
No peito do bom Dirceu.

Apenas do brando peito
Lhe tocou a neve fria,

Com o calor que trazia,
Lhe abraçou o coração.

Dá o pastor um suspiro,
Abre os seus olhos, e sólta
Do apertado ouvido a mão.

Logo que viram os Genios
No triste pastor disposto
Para vêr o lindo rosto,
Para as palavras ouvir,
Cada um as armas toma,
Cada um com ellas busca
Seu terno peito ferir.

Com os cabellos da deusa
Lhe fórma Cupido uns laços,
Que lhe seguram os braços,
Como se fossem grilhões.

O pastor já não resiste ;
Antes beija satisfeito
As suas doces prisões.

LYRA XXVI

Tu não verás, Marilia, cem captivos
Tirarem o cascalho e a rica terra,
Ou dos cercos dos rios caudalosos,
Ou da minada serra.

Não verás separar ao habil negro
Do pesado esmeril a grossa areia,
E já brilharem os granetes de ouro
No fundo da batéa.

Não verás derrubar os virgens mattos,
Queimar as capoeiras ainda novas ;
Servir de adubo á terra a fertil cinza :
Lançar os grãos nas covas.

Não verás enrolar negros pacotes
Das seccas folhas de cheiro-o fumo ;
Nem espremer entre as dentadas rodas
Da doce cana o sumo.

Verás em cima da espaçosa mesa
Altos volumes de enredados feitos ;
Ver-me-has folhear os grandes livros,
E decidir os pleitos.

Em quanto revolver os meus consultos,
Tu me farás gostosa companhia,
Lendo os factos da sabia mestra historia,
E os cantos da poesia.

Lerás em alta voz a imagem bella.
Eu vendo que lhe dás o justo apreço,
Gostoso tornarei a ler de novo
O cançado processo.

Se encontrares louvada uma belleza,
Marilia, não lhe invejes a ventura,
Que tens quem leve á mais remota idade
A tua formosura.

LYRA XXVII

O destro Cupido um dia
Extrahiu mimosas côres
De frescos lirios e rosas,
De jasmins e de outras flores.

Com as mais delgadas pennas
Usa de uma e de outra tinta,
E nos angulos do cobre
A quatro bellezas pinta.

Por fazer pensar a todos
No seu liso centro escreve
Um letreiro que pergunta :
• Este espaço a quem se deve ? •

Venus, que viu a pintura,
E leu a letra engenhosa,
Pôz por baixo : • Eu d'elle cedo :
Dê-se a Marilia formosa. •

LYRA XXVIII

Alexandre, Marilia, qual o rio,
Que engrossando no inverno tudo arraza,
Na frente das cohortes
Cerca, vence, abraza
As cidades mais fortes.
Fol na gloria das armas o primeiro ;
Morreu na flôr dos annos, e já tinha
Vencido o mundo inteiro.

Mas este bom soldado, cujo nome
Não ha poder algum, que não abata.
Foi Marilia, sómente,
Um ditoso pirata,
Um salteador valente.
Se não tem uma fama baixa e escura,
Foi por se pôr ao lado da injustiça
A insolente ventura.

O grande Cesar, cujo nome vóa,
Á sua mesma patria a fé quebranta ;
Na mão a espada toma,
Oprime-lhe a garganta,
Dá senhores a Roma.
Consegue ser heroe por um delicto ;
Se acaso não vencesse, então seria
Um vil traidor proscripto.

O ser heróe, Marilia, não consiste
Em queimar os imperios : move a guerra,
Espalha o sangue humano,
E despovôa a terra
Tambem o mau tyranno.
Consiste o ser heróe em viver justo :
E tanto póde ser heróe o pobre,
Como o maior Augusto.

Eu é que sou heróe, Marilia bella,
Seguindo da virtude a honrosa estrada :
Ganhei, ganhei um throno,
Ah ! Não manchei a espada,
Não o roubei ao dono.
Ergui-o no teu peito e nos teus braços :

E valem muito mais que o mundo inteiro
Uns tão ditosos laços.

Aos barbaros, injustos vencedores
Atormentam remorsos e cuidados ;
 Nem descançam seguros
 Nos palacios cercados
 De tropa, e de altos muros.
E a quantos nos não mostra a sabia historia
A quem mudou o fado em negro opprobrio
 A mal ganhada gloria !

Eu vivo, minha bella, sim, eu vivo
Nos braços do descanso, e mais do gosto :
 Quando estou acordado
 Contemplo no teu rosto
 De graças adornado :
Se durmo, logo sonho, e alli te vejo.
Ah ! Nem desperto, nem dormindo sóbe
 A mais o meu desejo.

LYRA XXIX

Tu, formosa Marilia, já lizeste
Com teus olhos ditosas as campinas
Do turvo ribeirão em que nasceste ;
 Deixa, Marilia, agora
 As já lavradas settas :
Anda afouta romper os grossos mares,
Anda encher de alegria estranhas terras ;
 Ah ! Que por ti suspiram
 Os meus saudosos lares!

Não corres como Sapho sem ventura,
Em seguimento de um cruel ingrato,
Que não cede aos encantos da ternura ;
 Segues um fino amante,
 Que a perder-te morria.
Quebra os grilhões do sangue, e vem, ó bella.
Tu já foste no Sul a minha guia,
 Ahl Deves ser do norte
 Tambem a minha estrella.

Verás o Deus Neptuno socegado,
Aplainar c'o tridente as crespas ondas ;
Ficar como dormindo, o mar salgado ;
 Verás, verás d'alheta
 Soprar o brando vento ;
Mover-se o leme, desrinzar-se o linho :
Seguirem os delfins o movimento,
 Que leva na carreira
 O empavezado pinho.

Verás como o leão na prôa arfando
Converte em branca espuma as negras ondas,
Que atalha, e corta com murmurio brando ;
 Verás, verás Marilia,
 Da janella dourada,
Que uma comprida estrada representa
A limpha crystallina, que pisada
 Pela popa que foge,
 Em borbotões rebenta.

Bruto peixe verás de corpo immenso,
Tornar ao torto anzol, depois de o terem
Pela rasgada bocca ao ar suspenso ;

Os pequenos peixinhos
Quaes passaros voarem ;
De toninhas verás o mar coalhado,
Ora surgirem, ora mergulharem,
Fingindo ao longe as ondas,
Que fórma o vento irado.

Verás que o grande monstro se apresenta,
Um repuxo formando com as aguas,
Que ao ar espalha da robusta venta ;
Verás, emfim, Marilia,
As nuvens levantadas,
Umhas de côr azul, ou mais escuras,
Outras de côr de rosa, ou prateadas,
Fazerem no horizonte
Mil diversas figuras.

Mal chegares á foz do claro Tejo,
Apenas elle vir o teu semblante,
Dará no leme do baixel um beijo.
Eu lhe direi vaidoso,
« Não trago, não, comigo,
Nem pedras de valor, nem montes de ouro,
Roubei as aureas minas, e consigo
Trazer para os teus cofres
Este maior thesouro. »

LYRA XXX

Cupido tirando
Dos hombros a aljava
N'um campo de flores
Contente brincava.

E o corpo tenrinho
Depois, enfadado,
Incauto reclina
Na relva do prado.

Marilia formosa,
Que ao Deus conhecia,
Occulta espreitava
Quanto elle fazia.

Mal julga que dorme
Se chega contente,
As armas lhe furta,
E o Deus a não sente.

Os faunos mal viram
As armas roubadas,
Sahiram das grutas
Soltando risadas.

Acorda Cupido,
E a causa sabendo,
A quantos o insultam
Responde, dizendo :

Ah! Temeis as settas
Nas minhas mãos cruas?
Vereis o que pôdem
Agora nas suas.

LYRA XXXI

O tyranno Amor risonho
Me apparece, e me convida
Para que seu jugo acceite ;
E quer que eu passe em deleite
O resto da triste vida.

« O sonoro Anacreonte
(Astuto o moço dizia)
Já perto da morte estava,
Inda de amores cantava ;
Por isso alegre vivia.

Aos negros, duros pesares
Não resiste um peito fraco,
Se amor o não fortalece :
O mesmo Jove carece
De Cupido e mais de Baccho. »

Eu lhe respondo : « Perjuro,
Nada creio do que dizes,
Porque já te fui sujeito :
Inda conservo no peito
Estas frescas cicatrizes.

Se o mundo conhece males,
Tu os maiores fizeste,
Sim, tu a Troia queimaste,
Tu a Carthago abrazaste,
E tu a Antonio perdeste. »

Amor, vendo que da offerta
Algum apreço não faço,
Me diz afouto que trate
De ir com elle a combate
Peito a peito, braço a braço.

Vou buscar as minhas armas :
Cinjo primeiro que tudo
O brilhante arnez, e á pressa
Ponho um elmo na cabeça,
Tómo a lança e o grosso escudo.

Mal no campo me apresento,
Marilia (oh! céus!) me apparece ;
Logo que os olhos me fita,
O meu coração palpita,
A minha mão desfallece.

Então me diz o tyranno :
« Confessa, louco, o teu erro,
Contra as armas da belleza
Não vale a extrema defeza
D'essa armadura de ferro. »

LYRA XXXII

Junto a uma clara fonte
A mãe de Amor se sentou ;
Encostou na mão o rosto,
No leve somno pegou.

Cupido, que a viu de longe,
Contente ao logar correu ;
Cuidando que era Marilia
Na face um beijo lhe deu.

Acorda Venus irada :
Amor a conhece ; e então
Da ousadia, que teve,
Assim lhe pede o perdão :

« Foi fácil, ó mãe formosa,
Foi facil o engano meu ;
Que o semblante de Marilia
É todo o semblante teu. »

LYRA XXXIII

Minha Marilia,
Se tens belleza,
Da natureza
É um favor.
Mas se aos vindouros
Teu nome passa,
É só por graça
Do Deus de amor,
Que tanto inflamma
A mente, o peito
Do teu pastor.

Em vão se viram
Perlas mimosas,

Jasmins e rosas
No rosto teu.
Em vão terias
Essas estrellas,
E as tranças bellas,
Que o céu te deu ;
Se em doce verso
Não as cantasse
O bom Dirceu.

O voraz tempo
Ligeiro corre ;
Com elle morre
A perfeição.
Essa, que o Egypto
Sábua moderna,
De Marco impera
No coração ;
Mas já Octavio
Não sente a força
Do seu grilhão.

Ah ! vem, ó bella,
E o teu querido,
Ao Deus Cupido
Louvores dar,
Pois faz que todos
Com igual sorte
Do tempo, e morte
Possam zombar :
Tu por formosa,
E elle, Marilia,
Por te cantar.

Mas ai! Marilia,
Que de um amante,
Por mais que cante,
Gloria não vem!
Amor se pinta
Menino, e cego :
No doce emprego
Do caro bem
Não vê defeitos,
E augmenta quantas
Bellezas tem.

Nenhum dos vates,
Em teu conceito,
Nutriu no peito
Nescia paixão?
Todas aquellas,
Que vês cantadas,
Foram dotadas
De perfeição?
Foram queridas ;
Porém formosas
Talvez que não.

Porém que importa
Não valha nada
Seres cantada
Do teu Dirceu?
Tu tens, Marilia,
Cantor celeste ;
O meu Glauceste
A voz ergueu ;
Irá teu nome

Aos fins da terra,
E ao mesmo céu.

Quando nas azas
Do leve vento
Ao firmamento
Teu nome fôr :
Mostrando Jove
Graça extremosa,
Mudando a esposa
De inveja a côr :
De todos ha de,
Voltando o rosto,
Sorrir-se Amor.

Ah! Não se manche
Teu brando peito
Do vil defeito
Da ingratição :
Os versos beija,
Gentil pastora,
A penna adora,
Respeita a mão,
A mão discreta,
Que te segura
A duração.

LYRA XXXIV

N'uma noite socegado
Velhos papeis revolvía,
E por vêr de que tratavam
Um por um a todos lia.

Eram copias emendadas,
De quantos versos melhores
Eu compuz na tenra idade
A meus diversos amores.

Aqui leio justas queixas
Contra a ventura formadas,
Leio excessos mal acceitos,
Doces promessas quebradas.

Vendo sem-razões tamanhas
Eu exclamo transportado :
« Que finezas tão mal feitas!
Que tempo tão mal passado!

Junto pois n'um grande monte
Os soltos papeis, e logo,
Porque reliquias não fiquem,
Os intento pôr no fogo.

Então vejo que o Deus cego
Com semblante carregado
Assim me fala, e crimina
O meu intento acertado :

« Queres queimar esses versos?
Dize, pastor atrevido,
Essas lyras não te foram
Inspiradas por Cupido?

Achas que de taes amores
Não deve existir memoria?
Sepultando esses triumphos,
Não roubas a minha gloria! »

Disse Amor ; e mal se cala,
Nos seus hombros a mão pondo,
Com um semblante sereno
Assim á queixa respondo :

« Depois, Amor, de me dares
A minha Marilia bella,
Devo guardar umas lyras,
Que não são em honra d'ella!

E que importa, Amor, que importa
Que a estes papeis destrua ;
Se é tua esta mão, que os rasga,
Se a chamma, que os queima, é tua? »

Apenas Amor me escuta
Manda que os lance nas brazas ;
E ergue a chamma c'o vento,
Que formou batendo as azas.

LYRA XXXV

Em cima dos viventes fatigados
Morfeu as dormideiras espremia,
Os mentirosos sonhos me cercavam ;
Na vaga fantasia
Ao vivo me pintavam
As glorias que desperto,
Meu coração pedia.

Eu vou, eu vou subindo á náu possante,
Nos braços conduzindo a minha bella ;
Volteia a grande roda, e a grossa amarra

Se enleia em torno d'ella ;
Já ponho a proa á barra,
Já cae ao som do apito
Ora uma, ora outra vela.

Os arvoredos já se não distinguem ;
A longa praia ao longe não branqueja ;
E já se vão sumindo os altos montes,
Já não ha que se veja
Nos claros horisontes
Que não sejam vapores,
Que céu, e mar não seja.

Parece vão correndo as negras aguas,
E o pinho qual rochedo estar parado ;
Ergue-se a onda, vem á náu direita,
E quebra no costado ;
O navio se deita,
E ella finge a ladeira
Sahindo do outro lado.

Vejo nadarem os brilhantes peixes,
Cahir do lais a linha que os engana ;
Um dourado no anzol está pendente,
Soffre morte tyranna,
Entretanto que a sente,
Ao tombadilho açouta
A cauda, e a barbatana.

Sobre as ondas descubro uma carroça
De formosas conchinhas enfeitada ;
Delfins a movem, e vem Thetis n'ella ;
Na popa está parada ;

Nem póde a deusa bella
Tirar os brandos olhos
Da minha doce amada.

Nas costas dos golfinhos vem montados
Os nús Tritões, deixando a esphera cheia
Com o rouco som dos buzios retorcidos.

Recreia, sim, recreia
Meus attentos ouvidos
O canto sonoro
Da musica sereia.

Já sobe ao grande mastro o bom gageiro,
Descobre arrumação, e grita terra ;
Á murada caminha alegre a gente ;
Alguns entendem que erra ;
Pelo immovel sómente
Conheço não ser nuvem,
Sim o cume d'alta serra.

De Mafra já descubro as grandes torres ;
(E que nova alegria me arrebat) :
De Cascaes a muleta já vem perto,
Já de abordar-nos trata ;
Já o piloto esperto,
Inda debaixo manda
Soltar mezena, e gata.

Eu vou entrando na espaçosa barra,
A grossa artilheria já me atroa ;
Lá ficam Paço d'Arcos, e a Junqueira :
Já corre pela proa
Uma amarra ligeira ;

E a náu já fica surta
Diante da grão Lisboa.

Agora, agora sim, agora espero
Renovar da amizade antigos laços ;
Eu vejo ao velho pae, que lentamente
Arrasta a mim os passos ;
Ah ! Como vem contente ;
De longe mal me avista
Já vem abrindo os braços.

Dóbro os joelhos, pelos pés o aperto,
E manda que dos pés ao peito passe :
Marilia, quanto eu fiz, fazer intenta ;
Antes que os pés lhe abrace
Nos braços a sustenta ;
Dá-lhe de filha o nome,
Beija-lhe a branca face.

Vou a descer a escada, oh céus, acordol
Conheço não estar no claro Tejo ;
Abro os olhos, procuro a minha amada,
E nem sequer a vejo.
Venha a hora afortunada,
Em que não fique em sonho
Tão ardente desejo.

LYRA XXXVI

Péga na lyra sonora,
Péga, meu caro Glauceste ;
E ferindo as cordas de ouro,
Mostra aos rusticos pastores

A formosura celeste
De Marilia, meus amores.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a copia

Se afaste d'ella.

Que concurso, meu Glauceste,
Que concurso tão ditoso!
Tu és digno de cantares
O seu semblante divino ;
E o teu canto sonoro
Tambem do seu rosto é dino.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a copia

Se afaste d'ella.

Para pintares ao vivo
As suas faces mimosas,
A discreta natureza
Que providencia não teve!
Creou no jardim as rosas,
Fez o lirio, e fez a neve.

Ah, pinta, pinta

A minha bella!

E em nada a copia

Se afaste d'ella.

A pintar as negras tranças
Peço que mais te disveles,
Pinta chusmas de amorinhos
Pelos seus fios trepando,

Uns tecendo cordas d'elles,
Outros com elles brincando.

Ah, pinta, pinta
A minha bella !
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

Para pintares, Glauceste,
Os seus beiços graciosos,
Entre as flores tens o cravo,
Entre as pedras a granada ;
E para os olhos formosos,
A estrella da madrugada.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

Mal retratares do rosto
Quanto julgares preciso,
Não dês a copia por feita ;
Passa a outros dotes, passa,
Pinta da vista, e do riso
A modestia, mais a graça.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

Pinta o garbo de seu rosto
Com expressões delicadas ;
Os seus pés, quando passeiam,
Pisando ternos amores ;

E as mesmas plantas calcadas
Brotando viçosas flores.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

Pinta mais, prezado amigo,
Um terno amante beijando
Suas douradas cadeias ;
E em doce pranto desfeito,
Ao monte, e valle ensinando
O nome, que tem no peito.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

Nem suspendas o teu canto,
Inda que, pastor, se veja
Que a minha bocca suspira,
Que se banha em pranto o rosto ;
Que os outros choram de inveja,
E chora Dirceu de gosto.

Ah, pinta, pinta
A minha bella!
E em nada a copia
Se afaste d'ella.

LYRA XXXVII

Convidou-me a vêr seu templo
O cego Cupido um dia ;
Encheu-se de gosto o peito,
Fiz d'este Deus um conceito,
Como d'elle não fazia.

Aqui vejo descórados
Os ternissimos amantes,
Entre as cadeias gemerem ;
Vejo nas pyras arderem
As entranhas palpitantes.

« A quem ama, quanto avistas
(Diz Cupido) não aterra ;
Quem quer cingir o loureiro
Tambem vac soffrer primeiro
Todo o trabalho da guerra.

Comtudo, que te dilates
N'este sitio não convenho ;
Deixa a estancia lastimosa,
Vem vêr a sala formosa
Aonde o meu solio tenho. »

Entrei n'outro grande templo :
Que perspectiva tão grata !
Tudo quanto n'elle vejo
Passa além do meu desejo,
E o discurso me arrebatá.

É de marmore e de jaspe
O soberbo frontispicio,
É todo por dentro de ouro,
E a um tão rico thesouro
Inda excede o artificio.

As janellas não se adornam
De sêdas de finas côres ;
Em logar dos cortinados,
Estão presos e enlaçados
Festões de mimosas flôres.

Em torno da sala angusta,
Ardem dourados brazeiros,
Queimam resinas que estalam,
E postas em fumo exhalam
Da Panchaya os gratos cheiros.

Ao pé do throno os seus genios
Alegres hymnos entôam,
Dançam as graças formosas,
E aqui as horas gostosas
Em vez de correrem vôam.

Estão sobre o pavimento,
Igualmente reclinados,
Nos collos dos seus amores
Os grandes reis, e os pastores
De frescas rosas corôados.

Mal o acôrdo restauro,
Me diz o moço risonho :

Como? ainda não reparas
Em tantas cousas tão raras,
De que este templo componho?

Sabes a historia de Jove?
Aqui tens o manso touro,
Tens o cysne decantado,
A velha em que foi mudado
Com a grossa chuva de ouro.

Applica, Direceu, agora
Os olhos para esta parte,
Aqui tens a lyra d'ouro
Que inda estima o pastor louro,
E a rede que enlaça a Marte.

Vês este arco destramente
De branco marfim ornado?
Á casta deusa servia,
E o perdeu quando dormia
Do gentil pastor ao lado.

Vês esta lyra? Com ella
Tira Orfeo ao bem querido
Dos infernos onde estava :
Vês este farol? Guiava
Ao meu nadador de Abido.

Vês estas duas espadas
Ainda de sangue cheias?
A Tisbe e a Dido matáram ;
E os fortes pulsos ornáram
De Pyramo, e mais de Eneas.

Sabes quem vac no navio,
Que n'este mar se levanta?
É Theseu. Vês esse pomo?
É de Cydippe, assim como
São aquelles de Atalanta.

Vê agora estes retratos,
Que destros pinceis fizeram.
Ah! Que pinturas divinas!
Todas são das heroínas,
Que mais victorias me deram.

Repara n'esse semblante.
É o semblante de Helena :
Lá se avista a grega armada,
E aqui de Troya abrasada
Se mostra a funesta scena.

Vês est'outra formosura?
É a bella Deidamia ;
Lá tens Achilles ao lado ;
De uma saia disfarçado,
Como com ella vivia.

Cleopatra é quem se segue ;
Ali tens lançando a linha
Marco Antonio socegado,
Ao tempo em que Augusto irado
Com armada mão caminha.

Aqui Herminia se figura ;
Vê um sabio dos maiores,

Qual infame delinquente,
Ir desterrado, sómente
Por cantar os seus amores.

Este é de Omphale o retrato ;
Aqui tens (quem o diria!)
Ao grande Hercules sentado
Com as mais damas no estrado,
Onde em seu obsequio fia.

Anda agora a est'outra parte,
Conheces, Dirceu, aquella?
Onde vais, lhe digo, explica,
Que belleza aqui nos fica,
Sem fazeres caso d'ella?

Ergo o rosto, ponho a vista
Na imagem não explicada.
Oh! Quanto é digna de apreço !
Mal exclamo assim, conheço
Ser a minha doce amada.

O coração pelos olhos
Em terno pranto sahia,
E no meu peito saltava ;
Disfarçando, Amor olhava
Para mim a furto e ria.

Depois de passado tempo,
A mim se chega, e me abala ;
Desperto de tanto assombro,
Elle bate no meu hombro,
E assim affavel me fala :

Sim, caro Dirceu, é esta
A divina formosura,
Que te destina Cupido :
Aqui tens o laço urdido
Da tua immortal ventura.

Um numen, Dirceu, um numen,
Que os trabalhos de um humano
D'esta sorte felicita,
Não é, como se acredita,
Não é um numen tyranno.

Olha se a cega fortuna,
De tudo quanto se cria,
Ou nos mares, ou na terra,
Em seus thesouros encerra
Outro bem de mais valia?

Lisas faces côr de rosa,
Branços dentes, olhos bellos,
Lindos beiços encarnados,
Pescoço, e peitos nevados,
Negros, e finos cabellos,

Não valem mais que cingires,
Com braço de sangue immundo,
Na cabeça o verde louro?
Do que teres montes de ouro?
Do que dares leis ao mundo?

Ah! ensina, sim, ensina
Ao vil mortal atrevido,

E ao peito que adora terno,
Que tem, para um o inferno,
Para outro um céu, Cupido.

Ao resto Amor me convida,
Eu chorando a mão lhe beijo,
E lhe digo : Amor, perdôa
Não seguir-te ; pois não vôa
A vêr mais o meu desejo.

PARTE II

LYRA I

Já não cinjo de louro a minha testa,
Nem sonoras canções o Deus me inspira :
Ah! que nem me resta
Uma já quebrada,
Mal sonora lyra!

Mas n'este mesmo estado, em que me vejo,
Pede, Marília, Amor que vá cantar-te :
Cumpro o seu desejo ;
E ao que resta supra
A paixão, e a arte.

A fumaça, Marilia, da candeia,
Que a molhada parede ou suja, ou pinta,
Bem que tosca, e feia,
Agora me pôde
Ministrar a tinta.

Aos mais preparos o discurso apronta ;
Elle me diz, que faça no pé de uma
Má laranja ponta,
E d'elle me sirva
Em lugar de pluma.

Perder as uteis horas não, não devo ;
Verás, Marilia, uma idéa nova :
Sim, eu já te escrevo,
Do que esta alma dicta
Quanto amor approva.

Quem vive no regaço da ventura,
Nada obra em te adorar, que assombro faça :
Mostra mais ternura
Quem te estima, e morre
Nas mãos da desgraça.

N'esta cruel masmorra tenebrosa
Ainda vendo estou teus olhos bellos,
A testa formosa,
Os dentes nevados,
Os negros cabellos.

Vejo, Marilia, sim, e vejo ainda
A chusma dos Cupidos, que pendentos
D'essa bocca linda,

Nos ares espalham
Suspiros ardentes.

Se alguém me perguntar onde eu te vejo,
Responderei : no peito, que uns Amores
De casto desejo
Aqui te pintaram,
E são bons pintores.

Mal meus olhos te viram, ah! n'essa hora
Teu retrato fizeram, e tão forte,
Que entendo, que agora
Só pôde apagal'ô
O pulso da Morte.

Isto escrevia, quando, ó céus, que vejo!
Descubro a lêr-me os versos o Deus louro :
Ah! dá-lhes um beijo,
E diz-me que valem
Mais que letras de ouro.

LYRA II

Morri, ó minha bella ;
Não foi a Parca impia,
Que na tremenda roca,
Sem ter descanso, fia ;
Não foi, digo, não foi a morte feia,
Quem o ferro moveu, e abriu no peito
A palpitante veia.

Eu, Marilia, respiro :
Mas o mal, que supporto,

É tão tyranno, e forte,
Que já me dou por morto ;
A insolente calunnia depravada
Ergueu-se contra mim, vibrou da lingua
A venenosa espada.

Inda, ó bella, não vejo
Cadafalso enlutado,
Nem de torpe verdugo
Braço de ferro armado ;
Mas vivo n'este mundo, ó sorte impia,
E d'elle só me mostra a estreita fresta
O quando é noite, ou dia.

Olhos baços e sumidos,
Macilento e descarnado,
Barba crescida, e hirsuta,
Cabello desgrenhado ;
Ah, que imagem tão digna de piedade!
Mas é, minha Marilia, como vive
Um réo de Magestade.

Venha o processo, venha ;
Na innocência me fundo :
Mas não morreram outros,
Que davam honra ao mundo!
O tormento, minha alma, não recuses,
A quem sabio cumpriu as leis sagradas,
Servem de solio as cruces.

Tu, Marilia, se ouvires,
Que ante o teu rosto afflicto
O meu nome se ultraja
C'o supposto delicto,

Dize sevêra assim em meu abono :
« Não tóma as armas contra um sceptro justo,
Alma digna de um throno! »

LYRA III

Esprema a vil calumnia muito embora
Entre as mãos denegridas e insolentes,
Os venenos das plantas,
E das bravas serpentes.

Chovam raios e raios, no meu rosto
Não has de vêr, Marília, o medo escripto :
O medo perturbado,
Que infunde o vil delicto.

Pódem muito, conheço, pódem muito,
As furias infernaes, que Pluto move ;
Mas póde mais que todas
Um dedo só de Jove.

Este Deus converteu em flôr mimosa,
A quem seu nome deram, a Narciso ;
Fez de muitos os astros,
Qu'inda no céu diviso.

Elle póde livrar-me das injurias
Do nescio, do atrevido ingrato povo ;
Em nova flôr mudar-me,
Mudar-me em astro novo.

Porém se os justos céus, por fins occultos,
Em tão tyranno mal me não soccorrem ;

Verás então, que os sabios,
Bem como vivem, morrem.

Eu tenho um coração maior que o mundo.
Tu, formosa Marilia, bem o sabes :
Um coração, e basta,
Onde tu mesma cabes.

LYRA IV

Succede, Marilia bella,
Á medonha noite o dia :
A estação chuvosa e fria
Á quente secca estação.
Muda-se a sorte dos tempos ;
Só a minha sorte não?

Os troncos nas primaveras
Brotam em flôres viçosas ;
Nos invernos escabrosos
Largam as folhas no chão.
Muda-se a sorte dos troncos ;
Só a minha sorte não?

Aos brutos, Marilia, cortam
Armadas redes os passos ;
Rompem depois os seus laços,
Fogem da dura prisão.
Muda-se a sorte dos brutos ;
Só a minha sorte não?

Nenhum dos homens conserva
Alegre sempre o seu rosto ;

Depois das penas vem gosto,
Depois do gosto afflicção.
Muda-se a sorte dos homens
Só a minha sorte não?

Aos altos deuses movêram
Soberbos gigantes guerra ;
No mais tempo o céu, e a terra
Lhes tributa adoração.
Muda-se a sorte dos deuses ;
Só a minha sorte não?

Ha de, Marilia, mudar-se
Do destino a inclemencia ;
Tenho por mim a innocencia,
Tenho por mim a razão.
Muda-se a sorte de tudo ;
Só a minha sorte não?

O tempo, ó bella, que gasta
Os troncos, pedras, e o cobre,
O véu rompe, com que encobre
Á verdade a vil traição.
Muda-se a sorte de tudo ;
Só a minha sorte não?

Qual eu sou, verá o mundo ;
Mais me dará do que eu tinha,
Tornarei a vêr-te minha ;
Que feliz consolação!
Não ha de tudo mudar-se,
Só a minha sorte não.

LYRA V

Já, já me vae, Marilia, branquejando
Louro cabello, que circula a testa ;
Este mesmo, que alveja, vae cahindo,
E pouco já me resta.

As faces vão perdendo as vivas côres,
E vão-se sobre os ossos enrugando,
Vae fugindo a viveza dos meus olhos ;
Tudo se vae mudando.

Se quero levantar-me, as costas vergam ;
As forças do meus hombros já se gastam ;
Vou a dar pela casa uns curtos passos,
Pesam-me os pés, e arrastam.

Se algum dia me vires d'esta sorte,
Vê que assim me não pôz a mão dos annos :
Os trabalhos, Marilia, os sentimentos,
Fazem os mesmos damnos.

Mal te vir, me dará em poucos dias
A minha mocidade o doce gosto ;
Verás brunir-se a pelle, o corpo encher-se
Voltar a côr ao rosto.

No calmoso verão as plantas séccam,
Na primavera, que aos mortaes encanta,
Apenas cae do céu o fresco orvalho,
Verdeja logo a planta.

A doença deforma a quem padece ;
Mas logo que a doença fez seu termo,
Torna, Marilia, a ser quem era d'antes,
O definhado enfermo.

Suppõe-me qual doente, ou qual a planta,
No meio da desgraça, que me altera :
Eu tambem te supponho qual saude,
Ou qual a primavera.

Se dão esses teus meigos, vivos olhos
Aos mesmos astros luz, e vida ás flôres,
Que effectos não farão, em quem por elles
Sempre morreu de amores?

LYRA VI

Os mares, minha bella, não se movem ;
O brando norte assopra, nem diviso
Uma nuvem sequer na esphera toda ;
O destro nauta aqui não é preciso ;
Eu só conduzo a náu, eu só modero
Do seu governo a roda.

Mas ah! que o sul carrega, o mar se empola,
Rasga-se a vela, o mastareo se parte!
Qualquer varão prudente aqui já teme ;
Não tenho a necessaria força, e arte.
Corra o sabio piloto, corra e venha
Reger o duro leme.

Como succede á nau no mar, succede
Aos homens na ventura e na desgraça ;

Basta ao feliz não ter total demencia ;
Mas quem de venturoso a triste passa,
Deve entregar o leme do discurso
Nas mãos da sã prudencia.

Todo o céu se cobriu, os raios chovem ;
E esta alma, em tanta pena consternada,
Nem sabe aonde possa achar conforto.
Ah! não, não tardes, vem, Marilia amada,
Toma o leme da náu, marêa o panno,
Vae-a salvar no porto.

Mas ouço já de Amor as sabias vozes :
Elle me diz que soffra, senão morro ;
E perco então, se morro, uns doces laços.
Não quero já, Marilia! mais soccorro ;
Oh! ditoso soffrer, que lucrar pôde
A gloria dos teus braços!

LYRA VII

Vou-me, ó bella, deitar na dura cama,
De que nem sequer sou o pobre dono :
Estende sobre mim Morfeo as azas,
E vem ligeiro o somno.

Os sonhos, que rodeiam a tarimba,
Mil cousas vão pintar na minha idéa ;
Não pintam cadafalsos, não, não pintam
Nenhuma imagem feia.

Pintam que estou bordando um teu vestido ;
Que um menino com azas, cêgo e louro,

Me enfia nas agulhas o delgado,
O brando fio de ouro.

Pintam que entrando vou na grande igreja ;
Pintam que as mãos nos damos, e aqui vejo
Subir-te á branca face a côr mimosa,
A viva côr do pejo.

Pintam que nos conduz dourada sege
Á nossa habitação ; que mil Amores
Desfolham sobre o leito as molles folhas
Das mais cheirosas flores.

Pintam que d'esta terra nos partimos ;
Que os amigos saudosos, e suspensos
Apertam nos inchados, roxos olhos
Os já molhados lenços.

Pintam que os mares sulco da Bahia,
Onde passei a flôr da minha idade :
Que descubro as palmeiras, e em dois bairros
Partida a grão cidade.

Pintam leve escaler, e que na prancha
O braço já te offereço reverente ;
Que te aponta c'ô dedo, mal te avista,
Amontoada gente.

Aqui, « áleria », grita o mau soldado ;
E o outro, « áleria estou », lhe diz gritando :
Acórdo com a bulha, então conheço,
Que estava aqui sonhando.

Se o meu crime não fosse só de amores,
A vêr-me delinquente, réu de morte,
Não sonhára, Marilia, só contigo,
Sonhára de outra sorte.

LYRA VIII

De que te queixas,
Lingua importuna?
De que a fortuna
Roubar-te queira
O que te deu?
Este foi sempre
O genio seu.

Levou, Marilia,
A impia sorte
Catões á morte ;
Nem sepultura
Lhes concedeu.
Este foi sempre
O genio seu.

A outros muitos,
Que vis nascêram,
Nem merecêram ;
A grandes thronos
A impia ergueu.
Este foi sempre
O genio seu.

Espalha a'cega
Sobre os humanos

Os bens e os damnos
E a quem se devam
Nunca escolheu.

Este foi sempre
O genio seu.

A quanto é justo
Jámais se dobra ;
Nem egual obra
C'os mesmos deuses
Do claro céu.

Este foi sempre
O genio seu.

Sóbe ao céu Venus
N'um carro ufano
E cáe Vulcano
Da pura esphera,
Em que nasceu.

Este foi sempre
O genio seu.

Mas não me rouba,
Bem que se mude,
Honra e virtude :
Que o mais é d'ella
Mas isto é meu.

Este foi sempre
O genio seu.

LYRA IX

Meu prezado Glauceste,
Se fazes o conceito,
Que, bem que réu, abrigo
A candida virtude no meu peito ;
Se julgas, digo, que mereço ainda
Da tua mão socorro ;
Ahl Vem dar-m'ó agora,
Agora sim que morro.

Não quero, que montado
No Pegaso fogoso,
Venhas com dura lança
Ao monstro infame traspassar raivoso.
Deixa que viva a pérfida calunnia,
E forje o meu tormento :
Com menos, meu Glauceste,
Com menos me contento.

Toma a lyra dourada,
E toca um pouco n'ella :
Levanta a voz celeste
Em parte que te escute a minha bella :
Enche todo o contorno de alegria ;
Não soffras, que o desgosto
Afogue em pranto amargo
O seu divino rosto.

Eu sei, eu sei, Glauceste,
Que um bom cantor havia,
Que os brutos amansava ;
Que os troncos e os penedos attrahia.

De outro destro cantor tambem affirma
A sabia antiguidade,
Que as muralhas erguêra
De uma grande cidade.

Orfeo as cordas fere ;
O som delgado, e terno
Ao rei Plutão abranda,
E o deixa que penetre o fundo Averno.
Ah! Tu a nenhum cedés, meu Glauceste,
Na lyra e mais no canto ;
Podes fazer prodigios ;
Obrar ou mais, ou tanto.

Levanta pois as vozes ;
Que mais, que mais esperas?
Consola um peito afflicto ;
Que é menos inda, que domar as fêras.
Com isto me darás no meu tormento
Um doce lenitivo ;
Que em quanto a bella vive,
Tambem, Glauceste, vivo.

LYRA X

Eu vejo, ó minha bella, aquelle numen
A quem o nome deram da Fortuna ;
Pega-me pelo braço,
E com voz importuna
Me diz que mova o passo ;
Que entre no grande templo, em que se encerra
Quanto o destino manda,
Que ella obre sobre a terra.

Que cousas portentosas n'elle encontro!
Eu vejo a pobre fundação de Roma ;
 Vejo-a queimar Carthago ;
 Vejo que as gentes doma ;
 E vejo o seu estrago.
Lá florece o poder do assyrio povo ;
 Aqui os Médos crescem,
 E os perde um braço novo.

Então me diz a deusa : « E que pretendes?
Todas estas medalhas vêr agora?
 Ah! não, não sejas louco!
 Espaço de annos fôra
 Para isso ainda pouco :
Deixa estranhos successos, vem comigo ;
 Verás quanto inda deve
 Acontecer contigo. »

Levou-me aonde estava a minha historia
Que toda me explicou com modo e arte.
 « Tirei-te libras de ouro,
 Me diz, e quero dar-te
 Todo aquelle thesouro. »
« Não suspira por bens um peito nobre,
 Severo lhe respondo,
 Vivo afeito a ser pobre. »

Aqui me enruga a deusa irada a testa,
E fica sem falar um breve espaço.
 « Alegra, alegre o rosto,
 Prosegue, ali te faço
 Restituir o posto. »

Respondo em ar de mófa, e tom sereno :

« Conheço-te, Fortuna,
Posso morrer pequeno. »

« Aqui te dou, me diz, a tua amada : »

Então me banho todo de alegria.

« Cuidei, me torna a cega,
Que essa alma não queria
Nem esta mesma entrega. »

« É esse o bem, respondo, que me move,
Mas este bem é santo,
Vem só da mão de Jove. »

Queria mais falar ; eu insoffrido

D'esta maneira rompo os seus accents :

« Basta, Fortuna, basta,
Estes breves momentos
Lá n'outras cousas gasta ;

Da minha sorte nada mais contemplo. »

E, chamando Marilia,
Suspiro, e deixo o templo.

LYRA XI

A estas horas
Eu procurava
Os meus amores ;
Tinham-me inveja
Os mais pastores.

A porta abria,
Inda esfregando
Os olhos bellos,

Sem flôr, nem fita
Nos seus cabellos.

Ah! Que assim mesmo
Sem compostura,
É mais formosa,
Que a estrella d'alva,
Que a fresca rosa.

Mal eu a via,
Um ar mais leve,
(Que dôce effeito!)
Já respirava
Meu terno peito.

Do cerco apenas
Soltava o gado,
Eu lhe amimava
Aquella ovelha
Que mais amava.

Dava-lhe sempre
No rio, e fonte,
No prado, e selva,
Agua mais clara,
Mais branda relva.

No collo a punha ;
Então brincando
A mim a unia ;
Mil cousas ternas
Aqui dizia.

Marilia vendo,
Que eu só com ella
É que falava ;
Ria-se a furto,
E disfarçava.

D'esta maneira
Nos castos peitos,
De dia em dia,
A nossa chamma
Mais se accendia.

Ah! Quantas vezes
No chão sentado,
Eu lhe lavrava
As finas rócas,
Em que fiava!

Da mesma sorte
Que á sua amada,
Que está no ninho,
Fronteiro canta
O passarinho :

Na quente sésta,
D'ella defronte,
Eu me entretinha
Movendo o ferro
Da sanfoninha.

Ella por dar-me
De ouvir o gosto,
Mais se chegava ;

Então vaidoso
Assim cantava :

« Não ha pastora,
Que chegar possa
Á minha bella,
Nem quem me iguale
Tambem na estrella :

Se amor concede
Que eu me recline
No branco peito,
Eu não invejo
De Jove o leito :

Ornam seu peito
As sãs virtudes,
Que nos namoram ;
No seu semblante
As graças moram. »

Assim vivia :
Hoje em suspiros
O canto mudo :
Assim, Marilia,
Se acaba tudo.

LYRA XII

Se acaso não estou no fundo Averno,
Padece, ó minha bella, sim padece
O peito amante, e terno,
As afflicções tyrannas, que aos precitos
Arbitra Rhadamantho em justa pena
Dos barbaros delictos.

As furias infernaes, rangendo os dentes,
Com a mão escarnada não me applicam
 As raivosas serpentes ;
Mas cercam-me outros monstros mais irados ;
Mordem-me sem cessar as bravas serpes
 De mil e mil cuidados.

Eu não gasto, Marilia, a vida toda
Em lançar o penedo da montanha,
 Ou em mover a roda,
Mas tenho ainda mais cruel tormento ;
Por cousas que me affligem, roda, e gyra
 Cansado pensamento.

Com retorcidas unhas agarrado
Às tépidas entranhas, não me come
 Um abutre esfaimado ;
Mas sinto de outro monstro a crueldade :
Devora o coração, que mal palpita,
 O abutre da saudade.

Não vejo os pomos, nem as aguas vejo,
Que de mim se retiram quando busco
 Fartar o meu desejo ;
Mas quer, Marilia, o meu destino ingrato
Que lograr-te não possa, estando vendo
 N'esta alma o teu retrato.

Estou no inferno, estou, Marilia bella ;
E n'uma cousa só é mais humana
 — A minha dura estrella :
Uns não pódem mover do inferno os passos ;
Eu pretendo voar, e voar cedo
 À gloria dos teus braços.

LYRA XIII

Arde o velho barril, arde a cabaça,
Em honra de João na larga rua ;
O credulo mortal agora indaga
Qual seja a sorte sua.

Eu não tenho alcachofra, que á luz chegue,
E n'ella orvalhe o céu de madrugada,
Para vêr se rebentam novas folhas
Aonde foi queimada.

Tambem não tenho um ovo, que despeje
Dentro de um copo de agua, e possa n'ella
Fingir palacios grandes, altas torres,
E uma náu á véla.

Mas ah! Eu bem me lembro ; eu tenho ouvido
Que na bôca um bochecho de agua tome,
E atraz de qualquer porta attento esteja,
Até ouvir um nome.

Que o nome, que primeiro ouvir, é esse
O nome, que há de ter a minha amada :
Póde verdade ser ; se fôr mentira,
Tambem não custa nada.

Vou tudo executar, e de repente
Ouvi dizer o nome de Filena :
Despejo logo a bôca : ah ! não sei como
Não morro alli de pena!

Apparece Cupido : então soltando
Em ar de zombaria uma risada :

« E que tal, me pergunta, esteve a peça?
Não foi tão bem pregada?

Eu já te disse, que Marilia é tua :
Tu fazes do meu dito tanta conta,
Que vaes acreditar o que te ensina
Velha mulher já tonta. »

Humilde lhe respondo : « Quem debaixo
Do açoite da fortuna afflicto geme,
Nas mesmas cousas, que só são brinquedos,
Se agouram males, teme. »

LYRA XIV

Ah, Marilia, que tormento
Não tens de sentir saudosa!
Não podem vêr os teus olhos
A campina deleitosa,
Nem a tua mesma aldeia,
Que tyrannos não proponham
Á inda inquieta idcia
Uma imagem de afflicção.
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando levares, Marilia,
Teu ledo rebanho ao prado,
Tu dirás : aqui trazia
Dirceu tambem o seu gado.
Verás os sitios ditosos
Onde, Marilia, te dava
Doces beijos amorosos
Nos dedos da branca mão.

Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando á janella sahires,
Sem queres, descuidada,
Tu verás, Marilia, a minha,
A minha pobre morada.
Tu dirás então comtigo :
« Alli Dirceu esperava
Para me levar comsigo :
E alli soffreu a prisão. »
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando vires igualmente
Do caro Glauceste a choça,
Onde alegres se juntavam
Os poucos da escolha nossa,
Pondo os olhos na varanda
Tu dirás de mágoa cheia :
« Todo o congresso alli anda,
Só o meu amado não. »
Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

Quando passar pela rua
O meu companheiro honrado,
Sem que me vejas com elle
Caminhar emparelhado,
Tu dirás : « Não foi tyranna
Sómente comigo a sorte ;
Tambem cortou deshumana
A mais fiel união. »

Mandarás aos surdos deuses
Novos suspiros em vão.

N'uma masmorra mettido,
Eu não vejo imagens d'estas,
Imagens, que são por certo
A quem adora funestas.
Mas se existem separadas
Dos inchados, roxos olhos,
Estão, que é mais, retratadas
No fundo do coração.

Tambem mando aos surdos deuses
Tristes suspiros em vão.

LYRA XV

Vês, Marilia, um cordeiro
De flores enramado,
Como alegre caminha
A ser sacrificado?

O povo para o templo já concorre ;
A pyra sacro-santa já se accende :
O ministro o fere ; elle bala, e morre.

Vês agora o novillo,
A quem segura o laço,
No chão as mãos espéca,
Nem quer mover um passo.

Não conhece que sae de um máu terreno ;
Que o forte pulso, que a seguir o arrasta,
O conduz a viver n'um campo ameno.

Ignora o bruto como
Lhe dispomos a sorte :
Um vai forçado á vida,
Vai outro alegre á morte :
Nós temos, minha bella, igual demencia,
Não sabemos os fins, com que nos move
A sábia, occulta mão da Providencia.

De Jacob ao bom filho
Os mãos matar quizeram :
De conselho mudáram :
Como escravo o venderam!
José não corre a ser um servo afflicto!
Vai subindo os degrãos, por onde chega
A ser um quasi rei no grande Egypto.

Quem sabe se o destino
Hoje, ó bella, me prende
Só porque n'isto, de outros
Mais damnos me defende?
Póde ainda raiar um claro dia.
Mas quer raie quer não, ao céu adoro ;
E beijo a santa mão, que assim me guia.

LYRA XVI

Alma digna de mil avós augustos!
Tu sentes, tu soluças,
Ao vêr cahir os justos ;
Honras as santas leis da humanidade :
E os teus exemplos deve
Gravar com letras de ouro no seu templo
A candida amizade.

Não é, não é de heróe uma alma forte,
Que vê com rosto enxuto,
No seu igual a morte.

Não é tambem de heróe um peito duro,
Que a sua gloria firma

Em que lhe não resiste ao ferro, e fogo,
Nem legião, nem muro.

Oh! quanto ousado chefe me namora,
Quando vê a cabeça
Do bom Pompeu, e chora!

É grande para mim, quem move os passos,
E de Dario aos filhos,
Que como escravos seus tratar pudera,
Recebe nos seus braços.

Se alcança Eneas, capitão piedoso,
Entre os heróes do mundo
Um nome glorioso,

Não é, porque levanta uma cidade ;
É sim, porque nos hombros

Salvou do incendio ao Pai, a quem detinha
A mão da longa idade.

Ah! se ao meu contrario entre as chammas vira,
Eu mesmo, sim, da morte
Aos hombros o remira :

Inda por elle muito mais obrara ;
E se nada servisse,

Fizera então, amigo, o que fizeste ;
Gemêra, e suspirára.

Oh! quanto são duraveis as cadeias
De uma amizade, quando
Se dão iguaes idéas!
Se apesar dos estorvos se sustinha
Nossa união sincera,
Foi por ser a minha alma igual á tua,
E a tua igual á minha.

Se o caro amigo te merece tanto,
Lá lhe fica a sua alma,
Limpa-lhe o terno pranto.
De quem eu falo, és tu, Marilia bella.
Ah! sim, honrado amigo,
Se enxugar não puderes os seus olhos,
Prantea então com ella.

LYRA XVII

Se lá te chegarem
Aos ternos ouvidos
Uns tristes gemidos,
Repara, Marilia,
Verás, que são meus.

Ah! dá-lhes abrigo,
Marilia, nos peitos ;
Aqui os conserva
Em laços estreitos,
Unidos aos teus.

O vento ligeiro,
De ouvil'os movido,
Os pede a Cupido,

Que a todos apanha,
E lá t'os vae pôr.

Ah! não os despreze
Porque se conspira
O céu em meu damno,
E a gloria me tira
De honrado pastor.

Tem estes suspiros
Motivo dobrado :
Perdi o meu gado ;
Perdi, que mais vale,
O bem de te vêr.

Se os não receberes,
Amante por ora,
Por serem de um triste
Os deves, pastora,
Por honra colher.

Virá, minha bella,
Virá uma idade,
Que vista a verdade,
Gostosa me entregues
O teu coração.

Os crimes deshonram,
Se são existentes ;
Os ferros que opprimem
As mãos innocentes,
Infames não são.

Chegando este dia,
Os braços daremos :
Então mandaremos

De gosto e ternura
Suspiros aos céus.
Pôr-me-hão no sepulchro,
A honrosa inscripção :
« Se teve delicto,
Só foi a paixão,
Que a todos faz réus. »

LYRA XVIII

Eu, Marília, não fui nenhum vaqueiro,
Fui honrado pastor da tua aldeia ;
Vestia finas lãs, e tinha sempre
A minha choça do preciso cheia.
Tiraram-me o casal e o manso gado,
Nem tenho, a que me encoste, um só cajado

Para ter que te dar, é que eu queria
De mór rebanho ainda ser o dono ;
Prezava o teu semblante, os teus cabellos
Ainda muito mais que um grande throno.
Agora que te offerte já não vejo
Além de um puro amor, de um são desejo.

Se o rio levantado me causava,
Levando a sementeira, prejuizo,
Eu alegre ficava, apenas via
Na tua breve boca um ar de riso.
Tudo agora perdi ; nem tenho o gosto
De vêr-te ao menos compassivo o rosto.

Propunha-me dormir no teu regaço,
As quentes horas da comprida sésta,
Escrever teus louvores nos olmeiros,

Toucar-te de papoulas na floresta.

Julgou o justo céu, que não convinha,
Que a tanto gráu subisse a gloria minha.

Ah! minha bella, se a fortuna volta,
Se o bem, que já perdi, alcanço e provo ;
Por essas brancas mãos, por essas faces
Te juro renascer um homem novo ;

Romper a nuvem, que os meus olhos cerra,
Amar no céu a Jove, e a ti na terra.

Fiadas comprarei as ovelhinhas,
Que pagarei dos poucos do meu ganho ;
E dentro em pouco tempo nos veremos
Senhores outra vez de um bom rebanho.

Para o contagio lhe não dar, sobeja
Que as atague Marilia, ou só que as veja.

Se não tivermos lãs, e pelles finas,
Podem mui bem cobrir as carnes nossas
As pelles dos cordeiros mal curtidas,
E os pannos feitos com as lãs mais grossas.

Mas ao menos será o teu vestido
Por mãos de amor, por minhas mãos cosido.

Nós iremos pescar na quente sésta
Com canas e com cestos os peixinhos :
Nós iremos caçar nas manhãs frias
Com a vara envisgada os passarinhos.

Para nos divertir faremos quanto
Reputa o varão sabio, honesto, e santo.

Nas noites de serão nos sentaremos
C'os filhos, se os tivermos, á fogueira ;

Entre as falsas historias, que contares,
Lhes contarás a minha verdadeira :
Pasmados te ouvirão ; eu entretanto
Ainda o rosto banharei de pranto.

Quando passarmos juntos pela rua,
Nos mostrarão e' o dedo os mais pastores.
Dizendo uns para os outros : « Olha os nossos
Exemplos da desgraça, e são os amores. »
Contentes viveremos d'esta sorte,
Até que chegue a um dos dois a morte.

LYRA XIX

Vejo, Marilia,
Que o nédio gado
Anda disperso
No monte, e prado ;
Que assim succede
Ao desgraçado,
Que a perder chega
O seu pastor.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Tambem conheço,
Que os pegureiros,
Que apascentavam
Os meus cordeiros,
Darão suspiros,
E verdadeiros,
Porque perderam

Um pae no amor
Mas inda soffro
A viva dôr.

Eu mais alcanço,
Que a minha herdade,
Estando eu preso,
Soffrer não hade
Nem a charrua,
E nem a grade,
Que a mão lhe falte
Do lavrador.
Mas inda soffro
A viva dôr.

Mas quando sóbe
Á minha idéa,
Que tu ficaste
Lá n'essa aldea,
De mil cuidados
E mágoa cheia,
Das paixões minhas
Não sou senhor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

A quanto chega
A pena forte!
Peza-me a vida,
Desejo a morte,
A Jove accuso,
Maldigo a sorte,
Trato a Cupido

Por um traidor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

Mas este excesso
Perdão merece,
E d'elle Jove
Se compadece :
Que Jove, ó Bella,
Mui bem conhece,
Aonde chega
Paixão de amor.
Eu já não soffro
A viva dôr.

LYRA XX

Dirceu te deixa, ó Bella,
De padecer cançado :
Frio suor já banha
Seu rosto descórado :
O sangue já não gyra pela veia ;
Seus pulsos já não batem,
E a clara luz dos olhos se baceia :
A lagrima sentida já lhe corre ;
Já pára a convulsão, suspira e morre.

Seu espirito chega
Onde se pune o erro :
Late o cão, e se lhe abrem
Grossos portões de ferro.
Aos severos juizes se apresenta,
E com sentidas vozes

Toda a sua tragedia representa :
Enche-se de ternura, e novo espanto
O mesmo inexhoravel Rhadamantho.

Abre um pasmado a bôca,
E a pedra não despede ;
Outro já não se lembra
Da fome, e mais da sêde :
Descança o curvo bico, e a garra impia
Negro abutre esfaimado :
Nem na roca medonha a Parca fia,
Até ás mesmas Furias inclementes
Deixam cair das unhas as serpentes.

Já votam os juizes ;
E o rei Plutão lhe ordena
Deixe o sitio, em que ficam
Almas dignas de pena.
Já sahe do escuro reino, e da memoria
Lhe passa tudo quanto
Ou pôde dar-lhe mágoa, ou dar-lhe gloria.
Só, bem que o gosto as turvas aguas tome,
Inda, Marilia, inda diz teu nome.

Entra já nos Elysios,
Campinas venturosas,
Que mansos rios cortam,
Que cobrem sempre as rosas.
Escuta o canto das sonoras aves,
E bebe as aguas puras,
Que o mël, e do que o leite mais suaves.
« Aqui, diz elle, espero a minha bella ;
Aqui contente viverei com ella.

Aqui . . . » porém aonde
Me leva a dôr activa?
É illusão d'esta alma ;
Jove inda quer que eu viva.
Eu devo sim gosar teus doces laços ;
E em paga dos meus males,
Devo morrer, Mariliã, nos teus braços.
Então eu passarei ao reino amigo,
E tu irás depois lá ter comigo.

LYRA XXI

Não môlho, Marilia,
De pranto a masmorra,
Que o terno Cupido
Não vôe, e não corra,
A il-o apanhar.
Estende-o nas azas,
Sobre elle suspira,
Por fim se retira,
E vai-t'ô levar.

Se o moço não mente,
Os tristes gemidos,
Os ais lastimosos
Não guardes unidos,
Marilia, c'os teus :
As lagrimas nossas
No seio amontoa ;
Fôrma azas, e vôa,
Vai pôl-as nos céus.

A deusa formosa,
Que amava aos Troyanos,

Livral-os querendo
De riscos, e damnos,
A Jove buscou.
As aguas, que o rosto
Da deusa banháram,
A Jove abrandaram,
Assim os salvou.

Confia-te, ó bella,
Confia-te em Jove,
Ainda se abranda,
Ainda se move
Com ancias de amor.
O pranto de Venus,
Que obrou no pae tanto,
Não tem que o teu pranto
Apreço maior.

LYRA XXII

N'esta triste masmorra,
De um semivivo corpo sepultura,
Inda, Marilia, adoro
A tua formosura.
Amor na minha idéa te retrata ;
Busca extremoso, que eu assim resista
Á dôr immensa, que me cerca e mata.

Quando em meu mal pondero,
Então mais vivamente te diviso :
Vejo o teu rosto, e escuto
A tua voz, e riso.
Movo ligeiro para o vulto os passos :

Eu beijo a tibia luz em vez de face ;
E apêrto sobre o peito em vão os braços

Conheço a illusão minha ;
A violencia da mágoa não supporto ;
Foge-me a vista, e cáio,
Não sei se vivo ou morto.
Enternece-se Amor de estrago tanto ;
Reclina-me no peito, e com mão terna
Me limpa os olhos do salgádo pranto.

Depois que represento,
Por largo espaço a imagem de um defunto,
Movo os membros, suspiro,
E, onde estou? pergunto.
Conheço então que Amor me tem comsigo ;
Ergo a cabeça, que inda mal sustento,
E com doente voz assim lhe digo :

« Se queres ser piedoso,
Procura o sitio em que Marilia móra,
Pinta-lhe o meu estrago,
E vê, Amor, se chora.
Se lagrimas verter a dôr a arrasta,
Uma d'ellas me traz sobre as penas,
E para allivio meu só isto basta. »

LYRA XXIII

Se me viras com teus olhos
N'esta masmorra mettido,
De mil idéas funestas,
E cuidados combatido :
Qual seria, ó minha Bella,
Qual seria o teu pezar!

À força da dôr cedêra,
E nem estaria vivo,
Se o menino Deus vendado,
Extremoso, e compassivo,
Com o nome de Marilia
Não me viesse animar.

Deixo a cama ao romper d'alva ;
O meio dia tem dado,
E o cabelo ainda fluctua
Pelas costas desgrenhado.
Não tenho valor, não tenho,
Nem para de mim cuidar.

Diz-me Cupido : « E Marilia
Não estima este cabelo?
Se o deixas perder de todo,
Não se ha de enfadar ao vê-lo? »
Suspiro, pego no pente,
Vou logo o cabelo atar.

Vem um taboleiro entrando
De varios manjares cheio ;
Põe-se da mesa a toalha,
E eu pensativo passeio :
De todo o comer, esfria,
Sem n'elle poder tocar.

« Eu entendo que a matar-te,
Diz Amor, te tens proposto :
Fazes bem : terá Marilia
Desgosto sobre desgosto. »
Qual enfermo c'o remedio,
Me afflijo, mas vou jantar.

Chegam as horas, Marilia,
Em que o sol já se tem posto ;
Vem-me á memoria que n'ellas
Vi á janella teu rosto :
Reclino na mão a face,
E entro de novo a chorar.

Diz-me Cupido : « Já basta,
Já basta, Dirceu, de pranto ;
Toma a lyra nas mãos débeis,
Vae tecer teu doce canto. »
Pendem as fontes dos olhos,
Mas eu sempre vou cantar.

Vem o forçado accender-me
A velha, suja candeia ;
Fica, Marilia, a masmorra
Inda mais triste, e mais feia.
Nem mais canto, nem mais posso
Uma só palavra dar.

Diz-me Cupido : « São horas
De escrever-se o que está feito. »
Do azeite, e da fumaça
Uma nova tinta ageito ;
Tomo o pau, que penna finge,
Vou as lyras copiar.

Sem que chegue o leve somno,
Canta o gallo a vez terceira ;
Eu respondo a Amor, que fico
Sem deitar-me a noite inteira :
Faço mimos, e promessas
Para elle me acompanhar.

Elle diz, que em dormir cuide ;
Que hei de vêr Marília em sonho ;
Não respondo uma palavra,
A dura cama componho,
Apago a triste candeia,
E vou-me logo deitar.

Como pôde a taes cuidados
Resistir, ó minha Bella,
Quem não tem de Amor a graça,
Se eu, que vivo á sombra d'ella,
Inda vivo d'esta sorte,
Sempre triste a suspirar?

LYRA XXIV

Que diversas que são, Marília, as horas,
Que passo na masmorra immunda e feia,
D'essas horas felizes, já passadas
Na tua patria aldeia!

Então eu me ajuntava com Glauceste ;
E á sombra de alto cédro na campina
Eu versos te compunha, e elle os compunha
Á sua cara Eulina.

Cada qual o seu canto aos astros leva ;
De exceder um ao outro qualquer trata ;
O écco agora diz : « Marília terna » ;
E logo : « Eulina ingrata ».

Deixam os mesmos Sátyros as grutas :
Um para nós ligeiro move os passos :
Ouve-nos de mais perto, e faz a flauta
C'os pés em mil pedaços.

« Dirceu, clama um pastor, ah! bem merece
Da candida Marilia a formosura. »

« E aonde, clama o outro, quer Eulina
Achar maior ventura? »

Nenhum pastor cuidava do rebanho,
Em quanto em nós durava esta porfia.
E ella, ó minha amada, só findava
Depois de acabar-se o dia.

Á noite te escrevia na cabana
Os versos, que de tarde havia feito ;
Mal t'os dava, e os lias, os guardavas
No casto, e branco peito.

Beijando os dedos d'essa mão formosa,
Banhados com as lagrimas do gosto,
Jurava não cantar mais outras graças,
Que as graças do teu rosto.

Ainda não quebrei o juramento,
Eu agora, Marilia, não as canto ;
Mas inda vale mais que os doces versos
A voz do triste pranto.

LYRA XXV

Por morto, Marilia,
Aqui me reputo :
Mil vezes escuto
O som do arrastado,
E duro grilhão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

A chave lá sôa
Na porta segura :
Abre-se a escura,
Infame masmorra
Da minha prisão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Já Torres se assenta ;
Carrega-me o rosto ;
Do crime supposto
Com mil artificios
Indaga a razão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Eu vejo, Marilia,
A mil innocentes,
Nas cruzes pendentas
Por falsos delictos,
Que os homens lhes dão.
Mas, ah! Que não treme,
Não treme de susto
O meu coração.

Se penso que posso
Perder o gozar-te,
E a gloria de dar-te
Abraços honestos,
E beijos na mão.
Marilia, já treme,
Ja treme de susto
O meu coração.

Repara Marília,
O quanto é mais forte
Ainda que a morte,
N'um peito esforçado,
O amor e a paixão.
Marília, já treme,
Já treme de susto
O meu coração.

LYRA XXVI

Não praguejes, Marília, não praguejes
A justiceira mão, que lança os ferros ;
Não traz de balde a vingadora espada :
Deve punir os erros.

Virtudes de juiz, virtudes de homem
As mãos se deram, e em seu peito moram.
Manda prender ao réu austera a bôcca,
Porém seus olhos choram.

Se á innocencia denigre a vil calúnnia,
Que culpa aquelle tem, que applica a pena?
Não é o julgador, é o processo,
E a lei, quem nos condemna.

Só no Averno os juizes não recebem
Accusação, nem prova de outro humano,
Aqui todos confessam suas culpas,
Não póde haver engano.

Eu vejo as Fúrias affligindo aos tristes :
Uma o fogo chega, outra as serpes move ;
Todos maldizem sim a sua estrella,
Nenhum accusa a Jove.

Eu tambem inda adoro ao grande chefe,
Bem que a prisão me dá, que não mereço,
Qual eu sou, minha Bella, não me trata,
Trata-me qual pareço.

Quem suspira, Marilia, quando pune
Ao vassallo, que julga delinquente,
Que gosto não terá, podendo dar-lhe
As honras de innocente?

Tu vences, Barbacena, aos mesmos Titos
Nas sãs virtudes, que no peito abrigas :
Não honras tamsómente a quem premeias,
Honras a quem castigas.

LYRA XXVII

Eu vou, Marilia, vou brigar co'as feras :
Uma soltaram, eu lhe sinto os passos ;
Aqui, aqui a espero
N'estes despídos braços.
É um malhado tigre ; a mim já corre,
Ao peito o aperto, estalam-lhe as costellas,
Desfallece, cáe, urra, treme e morre.

Vem agora um leão : sacode a grenha,
Com faminta paixão a mim se lança ;
Venha embora ; que o pulso
Ainda não se cansa.
Opprimo-lhe a garganta, a lingua estira,
O corpo lhe fraqueja, os olhos incham.
Açouta o chão convulso, arqueja e expira.

Mas que vejo, Marilia! Tu te assustas?
Entendes que os destinos inhumanos
 Expõem a minha vida
 No circo dos Romanos?
Com ursos, e com onças eu não lucto!
Lucto c'ò bravo monstro, que me accusa
Que os tigres e leões mais fero, e bruto.

Embora contra mim raivoso esgrima
Da vil calumnia a cortadora espada ;
 Uma alma, qual eu tenho,
 Não se receia a nada.
Eu hei de, sim, punir-lhe a insolencia,
Pisar-lhe o negro collo, abrir-lhe o peito
Co'as armas invenciveis da innocencia.

Ah! Quando imaginar, que vingativo,
Mando que desça ao Tartaro profundo.
 Hei de com mão honrada
 Erguer-lhe o corpo immundo.
Eu então lhe direi : « Infame, indino,
Obras como costuma o vil humano ;
Faço, o que faz um coração divino. »

LYRA XXVIII

Minha Marilia,
O passarinho
A quem roubáram
Ovos, e ninho,
Mil vezes pousa
No seu raminho ;

Piando finge
Que anda a chorar.
Mas logo vòa
Pela espessura,
Nem mais procura,
Este logar.

Se acaso a vacca
Perde a vitella,
Tambem nos mostra
Que se desvéla ;
O pasto deixa,
Muge por ella,
Até na estrada
A vem buscar.

Em poucos dias,
Ao que parece,
D'ella se esquece,
E vae pastar.

O voraz tempo,
Que o ferro come,
Que aos mesmos reinos
Devora o nome ;
Tembem, Marilia,
Tambem consome
Dentro do peito
Qualquer pezar.

Ah! Só não pôde
Ao meu tormento
Por um momento
Allivio dar.

Tambem, ó bella,
Não ha quem viva
Instantes breves
Na chamma activa :
Derrete ao bronze ;
Sendo excessiva,
Ao mesmo seixo
Faz estalar.

Mas do amianto
A fibra dura
Na chamma atura
Sem se queimar.

Tambem, Marilia,
Não ha quem negue,
Que, bem que o fogo
Nos oleos pegue,
Que bem que em linguas
Às nuvens chegue,
Á força de agua
Se ha de apagar.

Se a negra pedra
Nós accendemos,
Com agua a vemos
Mais s'inflammar.

O meu discurso,
Marilia, é recto ;
A pena iguala
Ao meu affecto ;
O amor, que nutro,
Ao teu aspecto,
E ao teu semblante,
É singular.

Ah! nem o tempo,
Nem inda a morte
A dôr tão forte
Póde acabar.

LYRA XXIX

Aquelle, a quem fez cégo a natureza,
C'o bordão palpa, e aos que vem pergunta
Ainda se despenha muitas vezes,
E dois remedios junta!

De ser céga a Fortuna eu não me queixo ;
Sim me queixo de que má céga seja :
Céga, que nem pergunta, nem apalpa,
É porque errar deseja.

A quem não tem virtudes, nem talentos,
Ella, Marília, faz de um sceptro dono :
Cria n'um pobre berço uma alma digna
De se sentar n'um throno.

A quem gastar não sabe, nem se anima,
Entrega as grossas chaves de um thesouro
E lança na miseria a quem conhece
Para que serve o ouro.

A quem fere, a quem rouba, a infame deixa
Que atraz do vicio em liberdade corra ;
Eu honro as leis do imperio, ella me opprime
N'esta vil masmorra.

Mas, ah! minha Marilia, que esta queixa
C'o a solida razão se não coaduna ;
Como me queixo da Fortuna tanto
Se sei não ha Fortuna?

Os fados, os destinos, essa deusa,
Que os sabios fingem, que uma roda move,
É só a occulta mão da Providencia,
A sabia mão de Jove.

Nós é que somos cégos, que não vemos
A que fins nos conduz por estes modos ;
Por torcidas estradas, ruins veredas
Caminha ao bem de todos.

Alegre-se o perverso com as ditas ;
C'o seu merecimento o virtuoso ;
Parecer desgraçado, ó minha Bella,
É muito mais honroso.

LYRA XXX

A minha amada
É mais formosa,
Que branco lirio,
Dobrada rosa.
Que o cinamomo,
Quando matiza
Co'a folha a flôr.
Venus não chega
Ao meu Amor.

Vasta campina
De trigo cheia,
Quando na sêsta
C'o vento ondeia,
Ao seu cabello,
Quando fluctua,
Não é igual.
Tem a côr negra ;
Mas quanto val!

Os astros, que andam
Na esphera pura,
Quando scintillam
Na noite escura,
Não são, humanos,
Tão lindos como
Seus olhos são ;
Que ao sol excedem
Na luz, que dão.

Às brancas faces,
Ah! Não se atreve
Jasmim de Italia,
Nem inda a neve,
Quando a desata
O sol brilhante
Com seu calor.
São neve, e causam,
No peito ardor.

Na breve bocca
Vejo enlaçadas
As finas per'las
Com as granadas ;

A par dos beijos
Rubins da India
Teem preço vil.
N'elles se agarram
Amores mil.

Se não lhe dêsse,
Compadecido,
Tanto soccorro
O deus Cupido ;
Se não vivêra
Uma esperança
No peito seu ;
Já morto estava
O bom Dirceu.

Vê quanto pôde
Teu bello rosto ;
E de gozal-o
O vivo gosto!
Que, submergido
Em um tormento
Quasi infernal,
Porqu'inda espero
Resisto ao mal.

LYRA XXXI

Detem-te, vil humano ;
Não espremas cicutas
Para fazer-me damno.
O sumo, que ellas dão, é pouco forte :
Procura outras bebidas,
Que apressem mais a morte.

Desce ao reino profundo,
Ajunta ahí venenos,
Que nunca visse o mundo ;
Trazo o negro licor, que tem nos dentes.
Nos dentes retorcidos
As raivosas serpentes.

Cachopo levantado,
Que pôz a natureza
Dentro no mar salgado,
Não se abala no meio da tormenta ;
Bem que uma onda, e outra onda
Sobre elle em flôr rebenta.

Arvore, que na terra
As robustas raizes,
Buscando o centro, aferra,
Não teme ao furacão mais violento ;
E menos, se se deixa
Vergar do rijo vento.

„Sou tronco, e rocha, ó Bella,
Que açouta o Sul, que brama,
E o mar, que se encapella :
Não temas que do rosto a côr se mude :
Vence as rochas, e os troncos
A sólida virtude.

A maior desventura
É sempre a que nos lança
No horror da sepultura :
O cobarde a morrer também caminha :
Com que males não pôde
Uma alma como a minha?

LYRA XXXII

Eu descubro procurar-me
Gentil mancebo, e louro ;
Trazia a testa adornada
Com folhas de verde louro.
Vejo ser o pae das musas,
E me entrega a lyra d'ouro.

« Já basta, me diz, ó filho,
Já basta de sentimento ;
O cansado peito exige
Um breve contentamento :
Louva a formosa Marilia
Ao som do meu instrumento. »

Firo as cordas ; mas que importa ?
A dôr não socega emtanto :
Ergo a voz ; então reparo
Que, quanto mais corre o pranto,
É mais doce, e mais sonoro,
Meu terno e saudoso canto.

Apollo fitou os olhos
Na mão, que regia o braço ;
E depois de estar suspenso,
De me ouvir um largo espaço,
Assim diz : « O deus Cupido
Faz inda mais, do que eu faço.

« Eu te dou a minha lyra ;
Louva, louva a tua bella ;
Porém vê que t'a concedo
Com condição, e cautela . . . »

Eu lhe corto a vóz dizendo,
Que só canto em honra d'ella.

LYRA XXXIII

O pae das musas,
O pastor louro
Deu-me, Marilia,
Para cantar-te
A lyra de ouro.

As cordas firo ;
O branco vento
Teus dotes leva
Nas brancas azas
Ao firmamento.

« O teu cabelo
Vale um thesouro :
Um só me adorna
A sabia frente
Melhor que o louro.

« N'esses teus olhos
Amor assiste ;
D'elles faz guerra ;
Ninguem lhe foge,
Ninguem resiste.

« Algumas vezes
Eu o diviso
Tambem occulto
Nas lindas covas,
Que faz teu riso.

« N'esses teus peitos
Teem os seus ninhos
Destros Amores ;
N'elles se geram
Os Cupidinhos.

« Vences a Venus,
Quando com arte
As armas toma,
Porque mais prenda
Ao fero Marte. »

Eu produzia
Estas idéas,
Quando, Marilia
O som escuto
Das vis cadeias.

Dou um suspiro,
Corre o meu pranto ;
E, inda bebendo
Lagrimas tristes,
De novo canto :

« Sou da constancia
Um vivo exemplo :
E vós, ó ferros,
Honrareis inda
De Amor o templo. »

LYRA XXXIV

Roubou-me, ó minha amada, a sorte impia
Quanto de meu gozava
N'um só funesto dia.

Honras de maioral, manada grossa,
Fertil, extensa herdade,
Bem reparada choça.

Metteu-me n'esta infame sepultura,
Que é sepulchro sem honras,
Breve masmorra, escura.

Aqui, ó minha amada, nem consigo
Venha outro desgraçado
Sentir tambem comigo :

Mas se esta companhia não mereço,
Os deuses me dão outra,
Ainda de mais apreço.

Não é, não, illusão o que te digo ;
Tu mesma me acompanhas ;
Peno, mas é contigo.

Não vejo as tuas faces graciosas,
Os teus soltos cabellos,
As tuas mãos mimosas.

Se eu as visse, infeliz me não dissera
Bem que subira ao pótro,
Bem que na cruz pendêra.

Não ouço as tuas vozes magoadas,
Com ardentes suspiros
Às vezes mal formadas.

Mas vejo, ó cara, as tuas letras bellas
Uma por uma beijo,
E choro então sobre ellas.

Tu me dizes que siga o meu destino ;
Que o teu amor na ausencia,
Será leal e fino.

De novo a carta ao coração aperto,
De novo a molha o pranto,
Que de ternura verto.

Ah! Leve muito embora o duro fado
A tudo, quanto tenho
Com meu amor ganhado.

Eu juro que do roubo nem me queixe,
Com tanto, ó minha cara,
Que este só bem me deixe.

Que males voluntarios não subiram
Os que te amam, sómente
Porque menos te ouviram?

Dê pois aos mais seus bens a deusa cega
Que eu tenho aquella gloria,
Que a mil felizes nega.

LYRA XXXV

Não has de ter horror, minha Marilia,
De tocar pulso, que soffreu os ferros?
Infames impostores m'os lançaram,
E não puniveis erros.

Esta mão, esta mão, que ré parece,
Ah! não foi uma vez, não foi só uma,
Que em defeza dos bens, que são do Estado,
Moveu a sábia pluma.

É certo, minha amada, sim, é certo,
Que eu aspirava a ser de um sceptro o dono ;
Mas este grande imperio, que eu firmava,
Tinha em teu peito o throno.

As forças, que se oppunham, não batiam
Da grossa peça, e do mosquete os tiros :
Só eram minhas armas os soluços,
Os rogos, e os suspiros.

De cuidados, desvelos, e finezas
Formava, ó minha bella, os meus guerreiros ;
Não tinha no meu campo estranhas tropas ;
Que amor não quer parceiros.

Mas póde ainda vir um claro dia,
Em que estas vis algemas, estes laços
Se mudem em prisões de allivios cheias
Nos teus mimosos braços.

Vaidoso então direi : « Eu sou monarcha ;
Dou leis, que é mais, n'um coração divino ;
Solio que ergueu o gosto, e não a força,
É que é de apreço dino. »

LYRA XXXVI

Meu sonoro passarinho,
Se sabes do meu tormento,
E buscas dar-me, cantando,
Um doce contentamento,

Ah! não cantes mais, não cantes,
Se me queres ser propicio ;
Eu te dou em que me faças
Muito maior beneficio.

Ergue o corpo, os ares rompe,
Procura o Porto da Estrella,
Sobe á serra, e se cançares,
Descança n'um tronco d'ella.

Toma de Minas a estrada,
Na igreja nova, que fica
Ao direito lado, e segue
Sempre firme a Villa Rica.

Entra n'esta grande terra,
Passa uma formosa ponte,
Passa a segunda, a terceira
Tem um palacio defronte ;

Elle tem ao pé da porta
Uma rasgada janella,
É da sala, aonde assiste
A minha Marilia bella.

Para bem a conheceres,
Eu te dou os signaes todos
Do seu gesto, do seu talhe,
Das suas feições e modos.

O seu semblante é redondo,
Sobrancelhas arqueadas,
Negros e finos cabellos,
Carnes de neve formadas.

A boca risonha e breve,
Suas faces còr de rosa,
N'uma palavra, a que vires
Entre todas mais formosa.

Chega então ao seu ouvido,
Dize, que sou quem te mando,
Que vivo n'esta masmorra,
Mas sem allivio penando.

LYRA XXXVII

Se o vasto mar se encapella,
E na rocha em flôr rebenta,
Grossa nau, que não tem leme,
Em vão sustentar-se intenta ;
Até que naufraga, e corre
Á discripção da tormenta,

Quem não tem uma belleza,
Em que ponha o seu cuidado ;
Se o céu se cobre de nuvens,
E se assopra o vento irado,
Não tem forças, que resistam
Ao impulso do seu fado.

N'esta sombria masmorra
Aonde, Marilia, vivo,
Encósto na mão o rosto,
Fico ás vezes pensativo.
Ah! Que imagens tão funestas
Me finge o pezar activo.

Parece que vejo a honra,
Marilia, toda enlutada ;
A face de um pae rugosa,
N'um mar de pranto banhada,
Os amigos macilentos ;
E a familia consternada.

Quero voltar os meus olhos
Para outro diverso lado ;
Vejo n'uma grande praça
Um theatro levantado ;
Vejo as cruces, vejo os potros,
Vejo o alfange afiado.

Um frio suor me cobre,
Lassam-se os membros, suspiro ;
Busco allivio ás minhas ancias,
Não o descubro, deliro.
Já, meu bem, já me parece,
Que nas mãos da morte expiro.

Vem-me então ao pensamento
A tua testa nevada,
Os teus meigos, vivos olhos,
A tua face rosada,
Os teus dentes crystallinos,
A tua bôca engraçada.

Qual, Marilia, a estrella d'alva,
Que a negra noite afugenta ;
Qual o sol, que a nevoa espalha
Apenas a terra aqueça ;
Ou qual iris, que o céu limpa,
Quando se vê na tormenta.

Assim, Marilia, destérro
Triste illusão e demencia,
Faz de novo o seu officio
A razão e a prudencia ;
E firmo esperanças doces
Sobre a candida innocencia.

Restauro as forças perdidas,
Sobe a viva côr ao rosto,
Gyra o sangue pela veia,
E bate o pulso composto :
Vê, Marilia, o quanto pôde
Contra os meus males teu rosto.

LYRA XXXVIII

Eu vejo aquella Deusa
Astrea pelos sabios nomeada ;
Traz nos olhos a venda,
Balança n'uma mão, na outra espada :
O vél-a não me causa um leve abalo,
Mas antes atrevido,
Eu a vou procurar, e assim lhe falo :

« Qual é o povo, dize,
Que comigo concorre no attentado?
Americano povo!
O povo mais fiel e mais honrado!
Tira as praças das mãos do injusto dono,
Elle mesmo as submette
De novo á sujeição do luso throno.

Eu vejo nas historias
Rendida Pernambuco aos Hollandezes ;
Eu vejo saqueada
Esta illustre cidade dos Francezes ;
Lá se derrama o sangue brasileiro ;
Aqui não basta, supre
Das roubadas familias o dinheiro . . . »

Emquanto assim falava,
Mostrava a deusa não me ouvir com gosto :
Punha-me a vista teza,
Enrugava o severo e acceso rosto :
Não suspendo comtudo no que digo,
Sem o menor receio,
Faço que a não entendo, e assim prosigo :

« Acabou-se, tyranna,
 A honra, o zelo d'este luso povo?
 Não é aquelle mesmo,
 Que estas acções obrou, é outro novo?
 E póde haver direito, que te mova
 A suppôr-nos culpados,
 Quando em nosso favor conspira a prova?

Ha em Minas um homem,
 Ou por seu nascimento, ou seu thesouro,
 Que aos outros mover possa
 Á força de respeito, á força de ouro?
 Os bens de quantos julgas rebellados
 Pódem manter na guerra,
 Por um anno sequer, a cem soldados?

Ama a gente assisada
 A honra, a vida, o cabedal tão pouco,
 Que ponha uma acção d'estas
 Nas mãos de um pobre, sem respeito e louco
 E quando a commissão lhe confiasse,
 Não tinha pobre somma,
 Que por paga, ou esmola lhe mandasse!

Nos limites de Minas,
 A quem se convidasse não havia
 Ir-se-ião buscar socios
 Na Colonia tambem, ou na Bahial,
 Está voltada a cõrte brazileira
 Na terra dos Suissos,
 Onde as potencias vão erguer bandeira?

O mesmo auctor do insulto
 Mais a riso, do que a terror me move ;

Deu-lhe n'esta loucura,
Podia-se fazer Neptuno, ou Jove.
A prudencia é tratál-o por demente ;
Ou prendel-o, ou entregal-o
Para d'elle zombar a moça gente. »

Aqui, aqui a deusa,
Um extenso suspiro aos ares solta ;
Repete outro suspiro,
E sem palavra dar as costas volta.
Tu te irritas ! lhe digo, e quem te offende?
Ainda nada ouviste
Do que respeita a mim ; socega, attende.

E tinha que offertar-me
Um pequeno, abatido, e novo Estado,
Com as armas de fóra,
Com as suas proprias armas consternado!
Achas tambem, que sou tão pouco esperto,
Que um bem tão contingente
Me obrigasse a perder um bem já certo?

Não sou aquelle mesmo,
Que a extincção do debito pedia?
Já viste levantado
Quem á sombra da paz alegre ria?
Um direito arriscado eu busco, e feio,
E quero que se evite
Toda a razão do insulto, e todo o meio?

Não sabes quanto apresso
Os vagarosos dias da partida?
Que a fortuna risonha,
A mais formosos campos me convida?

Não me uniria, se os houvesse, aos vis traidores
D'aqui nem ouro quero ;
Quero levar sómente os meus amores.

Eu, ó céga, não tenho
Um grosso cabedal dos mais herdado :
Não o recebi no emprego,
Nem tenho as instrucções de um bom soldado.
Far-me-iam os rebeldes o primeiro
No imperio que se erguia
Á custa do seu sangue, e seu dinheiro? »

Aqui, aqui de todo
A deusa se perturba, e mais se altera ;
Morde o seu proprio beijo ;
O sitio deixa, nada mais espera.
« Ah! Vae-te, então lhe digo, vae-te embora
Melhor, minha Marilia,
Eu gastasse contigo mais esta hora. »

Vou fazer d'estes bens melhor thesouro.

SONETO

Obrei quanto o discurso me guiava,
Ouvi aos sabios quando errar temia ;
Aos bons no gabinete o peito abria,
Na rua a todos como iguaes tratava.

Julgando os crimes nunca os votos dava,
Mais duro, ou pio do que a lei pedia :
Mas devendo salvar ao justo ria,
E devendo punir ao réu chorava.

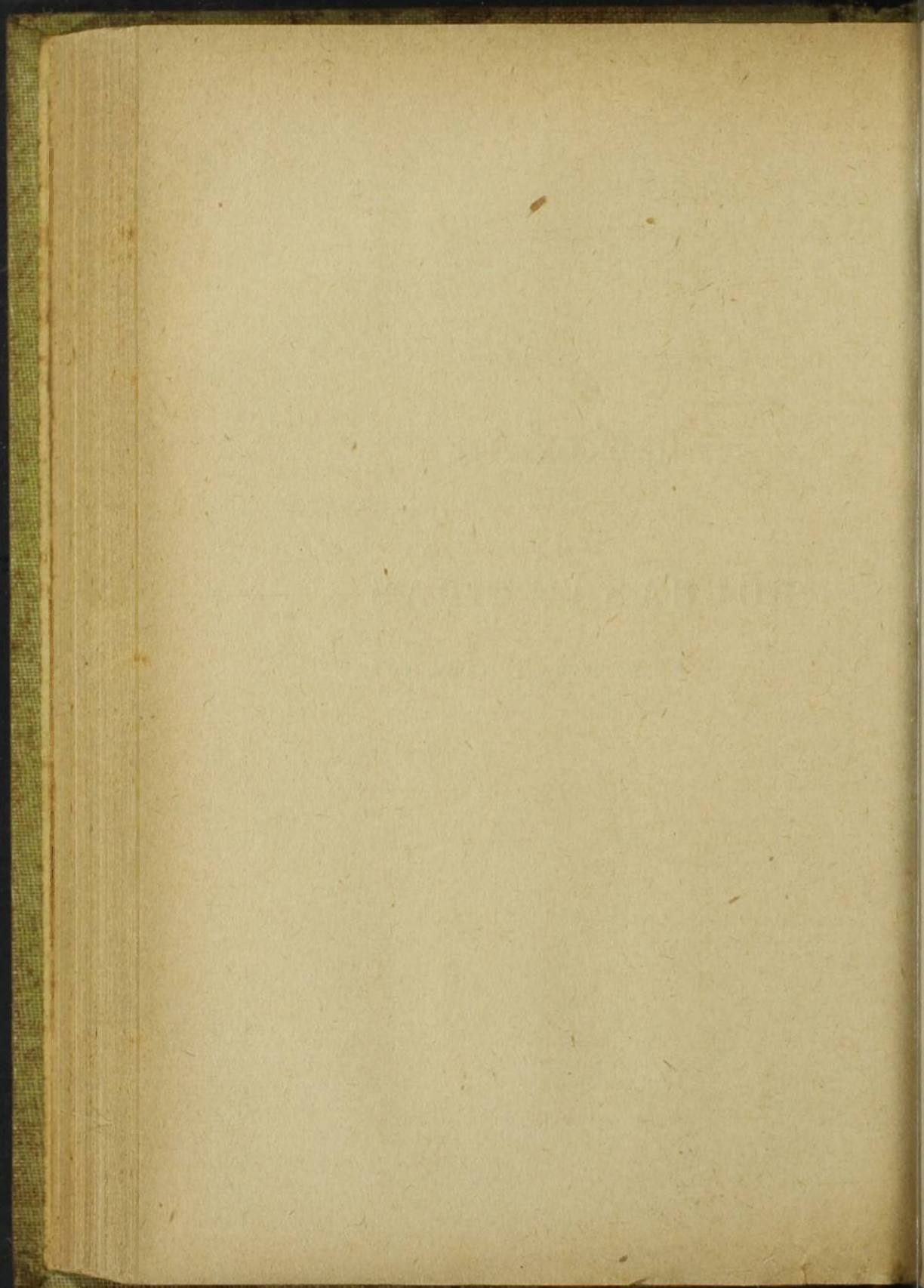
Não foram, Villa Rica, os meus projectos,
Metter em ferreo cofre copia de ouro,
Que farte aos filhos, e que chegue aos netos :

Outras são as fortunas, que me agouro,
Ganhei saudades, adquiri affectos,
Vou fazer d'estes bens melhor thesouro.

ALMEIDA GARRETT

FOLHAS CAHIDAS

Segundo a 1.^a edição, de 1853.



ALMEIDA GARRETT

Mercê do seu temperamento e da época em que viveu, Almeida Garrett teve uma vida agitadíssima. Nasceu no Pôrto em 4 de Fevereiro de 1799. Por motivo da invasão francesa comandada por Massena (1810), retirou-se com a família para a Ilha Terceira em 1811. Nos Açores, em convívio com seus tios, que eram muito ilustrados, recebeu uma sólida cultura e começou a revelar-se um espírito superior. O seu tio D. Fr. Alexandre da Sagrada Família, bispo de Angra, quis fazer dêle padre, mas Garrett conseguiu escapar-se a essa imposição.

Em 1815 veio para o continente e matriculou-se na Universidade de Coimbra, na Faculdade de **Leis**, em 23 de Novembro de 1816, e concluiu o seu curso em **Direito** em 1821. Como sempre se revelara entusiástico liberal, fàcilmente conseguiu ser nomeado oficial do Ministério do Reino (1822). Depois, porém, do movimento miguelista de Vila-Franca, conhecido pela *Vilafrancada* (1823), o moço poeta viu-se constrangido a emigrar para a Inglaterra. Pouco depois voltou a Portugal, mas foi expulso do país. Datam dêsses tempos os poemas « *Camões* » (1825) e « *D. Branca* » (1826), o primeiro dos quais marca o início do movimento romântico em Portugal.

Em 1826, depois da morte de D. João VI, regressou à pátria e foi reintegrado no seu lugar de oficial do Ministério do Reino. O perjúrio de D. Miguel, restabelecendo o abso-

lutismo, obrigou Garrett a emigrar de novo para a Inglaterra, onde continuou a estudar e publicou várias obras. Em 1831 reüne-se aos liberais na Ilha Terceira, desembarca na Praia do Mindelo e vem a bater-se no Pôrto. Em 1832, acompanhou o Marquês de Palmela, como secretário da embaixada que D. Pedro IV enviou a Inglaterra a pedir apoio à sua causa. No ano seguinte regressou a Lisboa, depois de, sem recursos, ter passado uma vida difícil em Paris. Depois da vitória dos constitucionais foi nomeado encarregado dos negócios da Bélgica (1834). Transferido para Copenhague, não chegou a tomar posse do lugar, porque foi demitido.

Depois da revolução de Setembro (1836), exerceu grande influência na reforma do teatro português. Dessa época data a fundação do Conservatório e do Teatro Normal e a criação do cargo de inspector dos teatros, que o reformador occupou gratuitamente, mas do qual foi exonerado pelo Governo de Costa Cabral (1841).

Na Regeneração foi Ministro dos Negócios Estrangeiros (1852, 4 de Março), lugar de que foi exonerado em 17 de Agosto do mesmo ano.

Morreu em 9 de Dezembro de 1854, contando, portanto, cinqüenta e cinco anos.

*

A influência de Garrett na nossa literatura foi enorme. A êle e a Herculano, também liberal e igualmente obrigado a exilar-se, se deve a implantação do Romantismo no nosso país. Em tão rápido prefácio não podemos desenvolver o assunto, tanto mais que os leitores o encontram tratado, mais ou menos profundamente, nas Histórias da Literatura Portuguesa. Limitar-nos heimos a enumerar as principais obras produzidas por êste afamado escritor e esquisito artista.

Como poeta, legou-nos Almeida Garrett o *Retrato de Venus*; a *Lírica de João Mínimo*; as *Fábulas e Contos*; as *Flores sem Fruto*; as tragédias *Mélope* e *Catão*, que accusam uma profunda influência clássica; os poemas *Camões* e *D. Branca*, já citados, e as *Fôlhas Caídas* (1853).

Como dramaturgo, já depois da influência romântica, devemos-lhe as peças que escreveu a seguir a 1836, como intuito de reformar o teatro: *Aulo de Gil Vicente* (1838), *Filipa de Vilhena* (1840), *Alfageme de Santarém* (1842) e *Fr. Luís de Sousa* (1844), — além de outras de menor importância.

Escreveu o romance histórico *Arco de Sant'Ana* (1845) e as famosas *Viagens na minha Terra* (1846), onde se acha engastada a formosíssima novela da *Menina dos olhos verdes*.

Foi notabilíssimo orador parlamentar, rival de José Estêvão, e um devotadíssimo coleccionador do *Romanceiro nacional*.

São ainda dignas de registo especial as obras *Da Educação e Portugal na Balança da Europa*.

*

As *Fôlhas Caídas*, que a seguir se reproduzem integralmente com excepção apenas de algumas composições que não pertencem a Garrett, foram o seu « canto do cisne » e atingem uma beleza e vibração que difficilmente seriam igualladas. À parte as poesias *O Album e Saudades* do livro I (n.ºs VI e VII) e *Retrato; Adeus, Mãe; Ave-Maria* e *A um Amigo* do livro II (n.ºs VI, XIII, XIV e XVIII) e poucas mais, — tôdas as demais foram inspiradas por uma mulher casada. Gomes de Amorim, na sua obra — « *Garrett — Memórias Biográficas* », escreveu: — « Tudo nas *Fôlhas Caídas* é belo, inexcedível de singeleza e de sentimento, viçoso, como nenhuma outra composição das de seus primeiros anos. Porque então fôra poeta da cabeça, e agora era-o de alma » (3.º vol., pág. 410). E, depois de analisar a beleza da poesia *Cascals* (XIX do livro I), conclui: — « E contudo, a-pesar-de serem essas estrofes admiráveis, sente-se que elas nasceram duma chama impura. À mulher legitima, ou à mulher amada castamente, nunca o poeta faria tais versos » (pág. 412).

Mas esqueçamo-nos disso e admiremos as sempre viçosas *Fôlhas Caídas* com que êsse delicado « poeta do amor » para sempre enriqueceu a nossa literatura.

ADVERTENCIA ⁽¹⁾

Antes que venha o inverno e disperse ao vento essas folhas de poesia que por ali cahiram, vamos escolher uma ou outra que valha a pena conservar, ainda que não seja senão para memoria.

A outros versos chamei eu já as ultimas recordações de minha vida poetica. Enganei o publico, mas de boa fé, porque me enganei primeiro a mim. Protestos de poetas que sempre estão a dizer adeus ao mundo, e morrem abraçados com o louro — ás vezes imaginario, porque ninguem os corôa.

Eu pouco mais tinha de vinte annos quando publiquei certo poema, e jurei que eram os ultimos versos que fazia. Que juramentos!

Se dos meus se rirem, têm razão ; mas saibam que eu tambem primeiro me ri d'elles. Poeta na primavera, no estio e no outomno da vida, hei-de sel-o no inverno se lá chegar, e hei-de sel-o em tudo. Mas d'antes cuidava que não, e n'isso ia o erro.

Os cantos que formam esta pequena collecção per-

(1) Do auctor, na primeira edição.

tencem todos a uma epocha de vida intima e recolhida que nada tem com as minhas outras collecções.

Essas mais ou menos mostram o poeta que canta deante do publico. Das *Folhas cahidas* ninguem tal dirá, ou bem pouco entende de stylos e modos de cantar.

Não sei se são bons ou maus estes versos ; sei que gosto mais d'elles do que de nenhuns outros que fizesse. Porque? É impossivel dizel-o, mas é verdade. E como nada são por elle nem para elle, é provavel que o publico sinta bem diversamente do auctor. Que importa?

Apezar de sempre se dizer e escrever ha cem mil annos o contrario, parece-me que o melhor e mais recto juiz que póde ter um escriptor, é elle proprio, quando o não cega o amor proprio. Eu sei que tenho os olhos abertos, ao menos agora.

Custa-lhe a uma pessoa, como custava ao Tasso, e ainda sem ser Tasso, a queimar os seus versos, que são seus filhos ; mas o sentimento paterno não impede de vêr os defeitos das crianças.

Emfim, eu não queimo estes. Consagrei-os *Ignoto deo*. E o deus que os inspirou que os anniquille se quizer : não me julgo com direito de o fazer eu.

Ainda assim, no *Ignoto deo* não imaginem alguma divindade meia-velada com cendal transparente, que o devoto está morrendo que lhe caia para que todos a vejam bem clara. O meu deus desconhecido é realmente aquelle mysterioso, occulto e não definido sentimento d'alma que a leva ás aspirações de uma felicidade ideal, o sonho de oiro do poeta.

Imaginação que porventura se não realisa nunca. E d'ahi quem sabe? A culpa é talvez da palavra, que é abstracta de mais. Saude, riqueza, miseria, pobreza, e ainda coisas mais materiaes, como o frio e o calor, não são senão estados comparativos, approximativos. Ao

infinito não se chega, porque deixava de o ser em se chegando a elle.

Logo o poeta é louco, porque aspira sempre ao impossivel. Não sei. Essa é uma disputação mais longa.

Mas sei que as presentes *Folhas cahidas* representam o estado d'alma do poeta nas variadas, incertas e vacillantes oscillações do espirito que, tendendo ao seu fim unico, a posse do IDEAL, ora pensa tel-o alcançado, ora estar a ponto de chegar a elle — ora ri amargamente porque reconhece o seu engano — ora se desespera de raiva impotente por sua credulidade van.

Deixae-o passar, gente do mundo, devotos do poder, da riqueza, do mando, ou da gloria. Elle não entende bem d'isso, e vós não entendeis nada d'elle.

Deixae-o passar, porque elle vae onde vós não ides ; vae, ainda que zombeis d'elle, que o calumnieis, que o assassineis. Vae, porque é espirito, e vós sois materia.

E vós morrereis, elle não. Ou só morrerá d'elle aquillo em que se pareceu e se uniu comvosco. E essa falta que é a mesma de Adão, tambem será punida com a morte.

Mas não triumphais, porque a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quasi nada no poeta.

Folhas Cahidas

LIVRO PRIMEIRO

I

Ignoto deo

D. D. D.

Creio em ti, Deus : a fé viva
De minha alma a ti se eleva.
És : — o que és não sei. Deriva
Meu sêr do teu : luz . . . e treva,
Em que — indistinctas! — se envolve
Este espirito agitado,
De ti vem, a ti devolve
O Nada, a que foi roubado
Pelo sôpro creador.
Tudo o mais, o ha-de tragar.
Só vive de eterno ardor
O que está sempre a aspirar
Ao infinito d'onde veiu.
Belleza és tu, luz és tu,
Verdade és tu só. Não creio

Senão em ti ; o olho nu
Do homem não vê na terra
Mais que a dúvida, a incerteza,
A fôrma que engana e erra.
Essencia! a real belleza,
O puro amor — o prazer
Que não fatiga e não gasta . . .
Só por ti os póde vêr
O que inspirado se affasta,
Ignoto Deus, das ronceiras,
Vulgares turbas : despidos
Das coisas vans e grosseiras
Sua alma, razão, sentidos,
A ti se dão, em ti vida,
E por ti vida têm. Eu, consagrado
A teu altar, me prostro e a combatida
Existencia aqui ponho, aqui votado
Fica este livro — confissão sincera
Da alma que a ti vòou e em ti só spera.

II

Adeus !

Adeus! para sempre adeus!
Vae-te, oh! vae-te, que n'esta hora
Sinto a justiça dos céus
Esmagar-me a alma que chora.
Chóro porque não te amei,
Chóro o amor que me tiveste ;
O que eu perco, hem n'ó sei,
Mas tu . . . tu nada perdeste ;
Que este mau coração meu
Nos sécretos escaninhos

Tem venenos tam damninhos
Que o seu podêr só sei eu.

Oh! vae . . . para sempre adeus!
Vae, que ha justiça nos céus.
Sinto gerar na peçonha
Do ulcerado coração
Essa v' hora medonha
Que por seu fatal condão
Hade rasgal-o ao nascer :
Hade sim, serás vingada,
E o meu castigo hade ser
Ciume de vêr-te amada,
Remorso de te perder.

Vae-te, oh! vae-te, longe embora,
Que sou eu capaz agora
De te amar — Ai! se eu te amassel
Vê se no árido pragal
D'este peito se ateasse
De amor o incendio fatal!
Mais negro e feio no inferno
Não chammeja o fogo eterno.
Que sim? Que antes isso? — Ai, triste!
Não sabes o que pediste.
Não te bastou supportar
O cepo-rei ; impaciente
Tu ousas a deus tentar
Pedindo-lhe o rei-serpente!

E cuidas amar-me ainda?
Enganas-te : é morta, é finda,
Dissipada é a illusão.
Do meigo azul de teus olhos

Tanta lagrima verteste,
Tanto esse orvalho celeste
Derramado o viste em vão,
N'esta seara de abrolhos,
Que a fonte seccou. Agora
Amarás . . . sim, hasde amar,
Amar debes . . . Muito embora . . .
Oh! mas n'outro hasde sonhar
Os sonhos de oiro encantados
Que o mundo chamou amores.

E eu réprobo . . . eu se o verei?
Se em meus olhos encovados
Der a luz de teus ardores . . .
Se com ella cegarei?
Se o nada d'essas mentiras
Me entrar pelo vão da vida . . .
Se, ao vêr que feliz deliras,
Tambem eu sonhar . . . Perdida,
Perdida serás — perdida.

Oh! vae-te, vae, longe, embora!
Que te lembre sempre e agora
Que não te amei nunca . . . ai! não ;
E que pude a sangue frio,
Covarde, infame, villão,
Gosar-te — mentir sem brio,
Sem alma, sem dó, sem pejo,
Committendo em cada beijo
Um crime . . . Ai! triste, não chores,
Não chores, anjo do céu,
Que o deshonorado sou eu.

Perdoar-me tu? . . . Não mereço.
A immundo cerdo voraz

Essas perolas de preço
Não as deites : é capaz
De as desprezar na torpeza
De sua bruta natureza.
Irada, te hade admirar,
Despeitosa, respeitar,
Mas indulgente . . . Oh! o perdão
É perdido no villão,
Que de ti hade zombar.

Vae, vae . . . para sempre adeus!
Para sempre aos olhos meus
Sumido seja o clarão
De tua divina estrella,
Faltam-me olhos e razão
Para a vêr, para entendê-la :
Alta está no firmamento
Demais, e demais é bella
Para o baixo pensamento
Com que em má hora a fitei ;
Falso e vil o encantamento
Com que a luz lhe fascinei.
Que volte a sua belleza
Do azul do céu á pureza,
E que a mim me deixe aqui
Nas trevas em que nasci,
Trevas negras, densas, feias,
Como é negro este aleijão
D'onde me vem sangue ás veias,
Este que foi coração,
Este que amar-te não sabe
Porque é só terra — e não cabe
N'elle uma idéa dos céus . . .
Oh! vae, vae ; deixa-me, adeus!

III

Quando eu sonhava

Quando eu sonhava, era assim
Que nos meus sonhos a via ;
E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar,
Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar . . .
Para quê? — Quando era vaga,
Uma idéa, um pensamento,
Um raio de estrella incerto
No immenso firmamento,
Uma chimera, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia :
Prazer não sabia o que era,
Mas dôr, não n'a conhecia . . .
.

IV

Aquella noite

Era a noite da loucura,
Da seducção, do prazer,
Que em sua mantilha escura
Costuma tanta ventura,
Tantas glórias esconder.
Os felizes . . . e ai ! são tantos!
— Eu por tantos os contava!
Eu que o signal de meus prantos

Do afflicto rosto lavava —
Os felizes presumpçosos
Iam nos coches ruidosos
Correndo aos salões doirados
De mil fogos alumiados,
D'onde em torrentes sahia
A clamorosa harmonia
Que á festa, ao prazer tangia.

Eu sentia esse ruido
Como o confuso bramar
De um mar ao longe movido
Que á praia vem rebentar :
E disse commigo : — « Vamos,
Os luctos d'alma dispamos,
Á festa heide ir tambem eu! »

E fui : e a noite era bella,
Mas não vi a minha estrella
Que eu sempre via no céu :
Cubriu-a de espesso véu
Alguma nuvem a ella.
Ou era que já vendado
Me levava o negro fado
Onde a vida me perdeu?

Fui ; meu rosto macerado,
A funda melancholia
Que todo o meu sér revia,
Qual o atahude levado
A egypcio festim, dizia :
— Como vós fui eu tambem ;
Folgae, que a morte ahi vem! —
Dizia-o, sim, meu semblante,

Que, onde eu chegava, o prazer
Cessava no mesmo instante ;
E o labio que ia a dizer
Doçuras de amor, gelava ;
E o riso que ia a nascer
Na face linda, expirava.
Era eu — e a morte em mim,
Que só ella espanta assim!

Quantas mulheres tam bellas
Ebrias de amor e desejos,
Quantas vi saltar-lhe os beijos
Da bôcca ardente e lasciva!
E eu, que ia chegar-me a ellas . . .
Para logo a fronte esquivava
De recatos se envolvia
E, toda pudor, tremia.

Quantas o seio anhelante,
Nu, ardente e palpitante
Andavam como entregando
Á cubiça mal desperta,
Gasta já e desdenhosa ;
Dos que as estavam mirando
Com vaga luneta incerta
Que diz : — « Aquella é formosa,
Não se me dava de a ter.
E esta? É só baroneza,
Vale menos que a duqueza :
Não sei a qual attender. »

E a isto chamam prazer!
A grande ventura é esta?
Vale a pena vir á festa

E vale a pena viver.
Como então quiz á tristura
Do meu viver isolado!
Fique-se embora a ventura,
Que eu quero ser desgraçado.

Levantei alto a cabeça,
Senti-me crescer — e a frente
Desanuviar-se contente
Do feio negrume espesso
Que assustava aquella gente.
Logo os sorrisos cahiam
Para o meu lado tambem ;
Já como um dos seus me viam
Que em mim não viam ninguém.
Eu, de olhos desencantados,
A ellas, como as eu via!
Meus enthusiasmos passados,
Oh! como eu d'elles me ria!

Frio o sarcasmo sahia
De meus labios descórados,
E sem dó e sem pudor
A todas falei de amor . . .
De amor bruto, degradante
Que no seio palpitante,
Na espadua nua se accende . . .
Amor lascivo que offende,
Que faz córar . . . Ellas riam
E oh que não, não se offendiam!

Mas a orchestra bradou alta :
— Festa, festa! e salta, salta! —
Os seus guizos delirantes

Sacode a louca Folia. . .
Adeus, requebros de amantes!
Suspiros, quem n'os ouvia?
As palavras meias ditas,
Meias nos olhos escritas,
Voavam todas perdidas,
Dispersas, rotas no ár ;
Que se foram almas, vidas
Tudo se foi a walsar.

Quem é esta que mais voltas
Gira, gira sem cessar?
Como as roupas leves, sôltas,
Aérias leva a ondular
Em tórno á fórmula graciosa,
Tam flexível, tam airosa,
Tam fina! — Agora parou,
E tranquillã se assentou.
Que rosto! Em linhas severas
Se lhe desenha o perfil ;
E a cabeça, tam gentil,
Como se fôra devéras
A rainha d'essa gente,
Como a levanta insolente!
Vive Deus! que é ella . . . aquella,
A que eu vi na tal janella,
E que triste me sorria
Quando passando me via
Tam pasmado a olhar para ella.
A mesma melancholia
Nos olhos tristes — de luz
Obliqua, viva mas fria ;
A mesma alta intelligencia
Que da face lhe transluz ;

A mesma altiva impaciencia
Que de tudo, tudo cansa,
De tudo o que foi, que é,
E na erma vida só vê
O raio da vaga esp'rança.

« Pois isto sim, que é mulher »
Disse eu — « e aqui ha que vêr. »

Já vinha a pallida aurora
Annunciando a manhan fria,
E eu falava e eu ouvia
O que até áquella hora
Nunca disse, nunca ouvi . . .
Toda a memoria perdi
Das palavras proferidas . . .
Não eram d'estas sabidas,
Nem quaes eram não n'ó sei . . .
Sei que a vida era outra em mim,
Que era outro sêr o meu sêr,
Que uma alma nova me achei
Que eu bem sabia não ter.

E d'ahi? — D'ahi, a historia
Não deixou outra memoria
D'essa noite de loucura,
De seducção, de prazer . . .
Que os segredos da ventura
Não são para se dizer.

V

O anjo cahido

Era um anjo de Deus
Que se perdêra dos céus
E terra a terra voava.
A setta que lhe acertava
Partira de arco traidor,
Porque as pennas que levava
Não eram pennas de amor.

O anjo cahiu ferido,
E se viu aos pés rendido
Do tyranno caçador.
De aza morta e sem splendor
O triste, peregrinando
Por estes valles de dôr,
Andou gemendo e chorando.

Vi-o eu, o anjo dos céus,
O abandonado de Deus,
Vi-o, n'essa tropelia
Que o mundo chama alegria,
Vi-o a taça do prazer
Pôr ao labio que tremia . . .
E só lagrimas beber.

Ninguem mais na terra o via,
Era eu só que o conhecia . . .
Eu que já não posso amar!
Quem n'ô havia de salvar?
Eu, que n'uma sepultura
Me fôra vivo enterrar?
Loucura! ai, cega loucura!

Mas entre os anjos dos céus
Faltava um anjo ao seu Deus ;
E remil-o e resgatal-o,
D'aquella infamia salval-o
Só fôrça de amor podia.
Quem d'esse amor hade amal-o,
Se ninguem o conhecia?

Eu só — E eu morto, eu descrido,
Eu tive o arrojo atrevido
De amar um anjo sem luz.
Cravei-a eu n'essa cruz
Minha alma que renascia,
Que toda em sua alma puz.
E o meu sêr se dividia.

Porque ella outra alma não tinha,
Outra alma senão a minha . . .
Tarde, ai! tarde o conheci,
Porque eu o meu sêr perdi,
E elle á vida não volveu . . .
Mas da morte que eu morri
Tambem o infeliz morreu.

VI

O album

Minha Julia, um conselho de amigo ;
Deixa em branco este livro gentil ;
Uma só das memorias da vida
Vale a pena guardar, entre mil.

E essa n'alma em silencio gravada
Pelas mãos do mysterio hade ser ;
Que não tem lingua humana palavras,
Não tem letra que a possa escrever.

Por mais bello e variado que seja
De uma vida o tecido matiz,
Um só fio da tella bordada,
Um só fio hade ser o feliz.

Tudo o mais é illusão, é mentira,
Brilho falso que um tempo seduz,
Que se apaga, que morre, que é nada,
Quando o sol verdadeiro reluz.

De que serve guardar monumentos
Dos enganos que a esp'rança forjou?
Vãos reflexos de um sol que tardava
Ou vans sombras de um sol que passou!

Crè-me, Julia : mil vezes na vida
Eu co'a minha ventura sonhei ;
E uma só, d'entre tantas, o juro,
Uma só com verdade a encontrei.

Essa entrou-me pela alma tam firme,
Tam segura por dentro a fechou,
Que o passado fugiu da memoria,
Do porvir nem desejo ficou.

Toma pois, Julia bella, o conselho :
Deixa em branco este livro gentil,
Que as memorias da vida são nada,
E uma só se conserva entre mil.

VII

Saudades

Leva este ramo, Pepita,
De saudades portuguezas ;
É flôr nossa, e tam bonita
Não n'a ha n'outras devezas.

Seu perfume não seduz,
Não tem variado matiz,
Vive á sombra, foge á luz,
As glorias de amor não diz,

Mas na modesta belleza
De sua melancholia
É tam suave a tristeza,
Inspira tal sympathia! . . .

E tem um dote esta flôr
Que de outra igual se não diz :
Não perde o viço ou frescor
Quando a tiram da raiz.

Antes mais e mais floresce
Com tudo o que as outras mata ;
Até ás vezes mais cresce
Na terra que é mais ingrata.

Só tem um cruel senão,
Que te não devo esconder :
Plantada no coração,
Toda outra flôr faz morrer.

E, se o quebra e despedaça
 Com as raizes mofinas,
 Mais ella tem brilho e graça,
 É como a flôr das ruinas.

Não, Pepita, não t'a dou . . .
 Fiz mal em dar-te essa flôr,
 Que eu sei o que me custou
 'Tratal-a com tanto amor.

VIII

Este inferno de amar

Este inferno de amar — como eu amo!
 Quem m'o pôz aqui n'alma . . . quem foi?
 Esta chamma que alenta e consome,
 Que é a vida — e que a vida destroe —
 Como é que se veiu a atear,
 Quando — ai quando se ha de ella apagar?

Eu não sei, não me lembra : o passado,
 A outra vida que d'antes vivi
 Era um sonho talvez . . . — foi um sonho
 Em que paz tam serena a dormi!
 Oh! que doce era aquelle sonhar . . .
 Quem me veiu, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
 Eu passei . . . dava o sol tanta luz!
 E os meus olhos, que vagos giravam,
 Em seus olhos ardentes-os puz.
 Que fez ella? eu que fiz? — Não n'o sei ;
 Mas n'essa hora a viver comecei . . .

IX

Destino

Quem disse á estrella o caminho
Que ella hade seguir no céu?
A fabricar o seu ninho
Como é que a ave aprendeu?
Quem diz á planta — Florece!
E ao mudo verme que tece
Sua mortalha de sêda
Os fios quem lh'os eureda?
Ensinou alguém á abelha
Que no prado anda a zumbir
Se á flôr branca ou á vermelha
O seu mel hade ir pedir?
Que eras tu meu sêr, querida,
Teus olhos a minha vida,
Teu amor todo o meu bem . . .
Ai! não m'o disse ninguem.

Como a abelha corre ao prado,
Como no céu gira a estrella,
Como a todo o ente o seu fado
Por instincto se revela :
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino . . .
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

X

Gôso e dôr

Se estou contente, querida,
Com esta immensa ternura
De que me enche o teu amor?
— Não. Ai! não ; falta-me a vida,
Succumbe-me a alma á ventura :
O excesso do gôso é dôr.

Doe-me alma, sim ; e a tristeza
Vaga, inerte e sem motivo,
No coração me poisou.
Absorto em tua belleza,
Não sei se morro ou se vivo,
Porque a vida me parou.

É que não ha sêr bastante
Para este gosar sem fim
Que me inunda o coração ;
Tremo d'elle, e delirante
Sinto que se exhaure em mim
Ou a vida — ou a razão.

XI

Perfume da rosa

Quem bebe, rosa, o perfume
Que de teu seio respira?
Um anjo, um sylpho? Ou que nume
Com esse aroma delira?

Qual é o deus que, namorado,
De seu throno te ajoelha,
E esse nectar encantado
Bebe occulto, humilde abelha?

Ninguem? — Mentiste : essa frente
Em languidez inclinada,
Quem t'a pôz assim pendente?
Dize, rosa namorada.

E a côr de purpura viva
Como assim te desmaiou?
E essa pallidez lasciva
Nas folhas quem t'a pintou?

Os espinhos que tam duros
Tinhas na rama lustrosa,
Com que magos esconjuros
T'os desarmaram, ó rosa?

E porquê, na hástea sentida
Tremes tanto ao pôr do sol?
Porque escutas tam rendida
O canto do rouxinol?

Que eu não ouvi um suspiro
Sussurrar-te na folhagem?
Nas aguas d'este retiro
Não espreitei a tua imagem.

Não a vi afflicta, anciada . . .
— Era de prazer ou dôr? —
Mentiste, rosa, és amada,
E tambem tu amas, flôr.

Mas ai! se não for um nume
O que em teu seio delira,
Hade matal-o o perfume .
Que n'esse aroma respira.

XII

Rosa sem espinhos

Para todos tens carinhos,
A ninguem mostras rigor!
Que rosa és tu sem espinhos?
Ai, que não te entendo, flôr!

Se a borboleta vaidosa
A desdem te vae beijar,
O mais que lhe fazes, rosa,
É sorrir e é corar.

E quando a sonsa da abelha,
Tam modesta em seu zumbir,
Te diz : — O' rosa vermelha,
Bem me pódes acudir :

Deixa do calix divino
Uma gotta só libar . . .
Deixa, é nectar peregrino,
Mel que eu não sei fabricar . . . —

Tu de lástima rendida,
De maldita compaixão,
Tu á súpplca atrevida
Sabes tu dizer que não?

Tanta lástima e carinhos,
Tanto dó, nenhum rigor!
És rosa e não tens espinhos!
Ai! que não te entendo, flôr.

XIII

Rosa pallida

Rosa pallida, em meu seio
Vem, querida, sem receio
Esconder a afflicta côr.
Ai! a minha pobre rosa!
Cuida que é menos formosa
Porque desbotou de amor.

Pois sim . . . quando livre, ao vento,
Sôlta de alma e pensamento,
Forte de tua isempção,
Tinhas na folha incendida
O sangue, o calor e a vida
Que ora tens no coração.

Mas não eras, não, mais bella
Coitada, coitada d'ella,
A minha rosa gentil!
Coravam-n'a então desejos,
Desmaiam-n'a agora os beijos . . .
Vales mais mil vezes, mil.

Inveja das outras flores!
Inveja de quê, amores?
Tu, que vieste dos céus,

Comparar tua belleza
Ás filhas da natureza!
Rosa, não tentes a Deus.

E vergonha! . . . de quê, vida?
Vergonha de ser querida,
Vergonha de ser feliz!
Porquê? . . . porquê em teu semblante*
A pallida còr da amante
A minha ventura diz?

Pois quando eras tam vermelha
Não vinha zangão e abelha
Emtórno de ti zumbir?
Não ouvias entre as flores
Historias dos mil amores
Que não tinhas, repetir?

Que hão de elles dizer agora?
Que pendente e de quem chora.
É o teu languido olhar?
Que a tez fina e delicada
Foi, de ser muito beijada,
Que te veiu a desbotar?

Deixa-os : pallida ou córada,
Ou isempta ou namorada,
Que brilhe no prado flòr,
Que fulja no céu estrella,
Ainda é ditosa e bella
Se lhe dão só um amor.

Ai! deixa-os, e no meu seio
Vem, querida, sem receio

Vem a frente reclinar.
Que pallida estás, que linda!
Oh! quanto mais te amo ainda
Des que te fiz desbotar.

XIV

Flôr de ventura

A flôr de ventura
Que amor me entregou,
Tam bella e tam pura
Jámais a creou :

Não brota na selva
De inculto vigor,
Não cresce entre a relva
De virgem frescor ;

Jardins de cultura
Não póde habitar
A flôr de ventura
Que amor me quiz dar.

Semente é divina
Que veiu dos céus ;
Só n'alma germina
Ao sôpro de Deus.

Tam alva e mimosa
Não ha outra flôr ;
Uns longes de rosa
Lhe avivam a côr ;

E o aroma . . . Ai! delirio
Suave e sem fim!
É a rosa, é o lirio,
É a nardo, o jasmim ;

É um philtro que apura,
Que exalta o viver ;
E em doce tortura
Faz de âncias morrer.

Ai! morrer . . . que sorte
Bem dita de amor!
Que me leve a morte
Beijando-te, flôr.

XV

Bella d'amor

Pois essa luz scintillante
Que brilha no teu semblante
D'onde lhe vem o splendor?
Não sentes no peito a chamma
Que aos meus suspiros se inflamma
E toda reluz de amor?
Pois a celeste fragrancia
Que te sentes exhalar,
Pois, dize, a ingenua elegancia
Com que te vês ondular,
Como se baloiça a flôr
Na primavera em verdor,
Dize, dize : a natureza
Póde dar tal gentileza?
Quem t'a deu senão amor?

Vê-te a esse espelho, querida,
Ai! vê-te por tua vida,
E diz se ha no céu estrella,
Diz-me se ha no prado flôr
Que Deus fizesse tam bella
Como te faz, meu amor.

XVI

Os cinco sentidos

São bellas — bem o sei, essas estrellas,
Mil côres — divinaes têm essas flôres ;
Mas eu não tenho, amor, olhos para ellas :
 Em toda a natureza
 Não vejo outra belleza
 Senão a ti — a ti!

Divina — ai! sim, será a voz que afina
Saudosa — na ramagem densa, umbrosa.
Será ; mas eu do rouxinol que trina
 Não oiço a melodia,
 Nem sinto outra harmonia
 Senão a ti — a ti!

Respira — n'aura que entre as flôres gira,
Celeste — incenso de perfume agreste.
Sei . . . não sinto : minha alma não aspira, —
 Não percebe, não toma
 Senão o doce aroma
 Que vem de ti — de ti!

Formosos — são os pômos saborosos,
É um mimo — de nectar o racimo :

E eu tenho fome e sêde . . . sequiosos,
Famintos meus desejos
Estão . . . mas é de bejos,
É só de ti — de ti!

Macia — deve a relva luzidia
Do leito — ser por certo em que me deito ;
Mas quem, ao pé de ti, quem poderia
Sentir outras caricias,
Tocar n'outras delicias
Senão em ti — em ti!

A ti! ai, a ti só os meus sentidos
Todos n'um confundidos,
Sentem, ouvem, respiram ;
Em ti, por ti deliram.
Em ti a minha sorte,
A minha vida em ti ;
E quando venha a morte,
Será morrer por ti.

XVII

Rosa e Ilrio

A rosa
É formosa ;
Bem sei.
Porque lhe chamam. — flôr
D'amor,
Não sei.

A flôr,
Bem de amor
É o lirio ;
Tem mel no arôma, — dôr
Na côr
O lirio.

Se o cheiro
É fagueiro
Na rosa ;
Se é de belleza — mor
Primor
A rosa :

No lirio
O martyrio
Que é meu
Pintado vejo : — côr
E ardor
É o meu.

A rosa
É formosa,
Bem sei . . .
E será de outros flôr
D'amor . . .
Não sei.

XVIII

Coquette dos prados

Coquette dos prados,
A rosa é uma flôr
Que inspira e não sente
O encanto d'amor.

De purpura a vestem
Os raios do sol ;
Suspiram por ella
Ais do rouxinol :

E as galas que traja
Não as agradece,
E o amor que accende
Não o reconhece.

Coquette dos prados
Rosa, linda flôr,
Porquê, se não sentes,
Inspiras amor?

XIX

Cascaes

Acabava alli a terra
Nos derradeiros rochedos ;
A deserta arida serra
Por entre os negros penedos
Só deixa viver mesquinho
Triste pinheiro maninho.

E os ventos despregados
Sopravam rijos na rama,
E os céus turvos, annueados,
O mar que incessante brama . . .
Tudo alli era braveza
De selvagem natureza.

Ahi, na quebra do monte,
Entre uns juncos mal-medrados,
Sêcco o rio, sêcca a fonte,
Ervas e matos queimados,
Ahi n'essa bruta serra,
Ahi foi um céu na terra.

Alli sós no mundo, sós,
Santo Deus! como vivemos!
Como eramos tudo nós
E de nada mais soubemos!
Como nos folgava a vida
De tudo o mais esquecida.

Que longos beijos sem fim,
Que falar dos olhos mudo!
Como ella vivia em mim,
Como eu tinha n'ella tudo,
Minha alma em sua razão,
Meu sangue em seu coração!

Os anjos aquelles dias
Contaram na eternidade :
Que essas horas fugidias,
Seculos na intensidade,
Por millenios marca Deus
Quando as dá aos que são seus,

Ai! sim, foi a tragos largos,
Longos, fundos, que a bebi
Do prazer a taça : — amargos
Depois . . . depois os senti
Os travos que ella deixou . . .
Mas como eu ninguem gosou.

Ninguem : que é preciso amar
Como eu amei -- ser amado
Como eu fui ; dar, e tomar
Do outro sêr a quem se ha dado
Toda a razão, toda a vida
Que em nós se annulla perdida.

Ai, ai! que pesados annos
Tardios depois vieram!
Oh! que fataes desenganos,
Ramo a ramo a desfizeram
A minha choça na serra,
Lá onde se acaba a terra!

Se o visse . . . não quero vê-lo
Aquelle sitio encantado ;
Certo estou não conhecel-o,
Tam outro estará mudado,
Mudado como eu, como ella,
Que a vejo sem conhecel-a!

Inda alli acaba a terra,
Mas já o céu não começa ;
Que aquella visão da serra
Sumiu-se na treva espessa,
E deixou núa a bruteza
D'essa agreste natureza.

XX

Estes sitios!

Olha bem estes sitios queridos,
Vê-os bem n'este olhar derradeiro . . .
Ai! o negro dos montes erguidos,
Ai! o verde do triste pinheiro!
Que saudades que d'elles teremos . . .
Que saudade! ai, amor, que saudade!
Pois não sentes, n'este ár que bebêmos,
No acre cheiro da agreste ramagem,
Estar-se alma a tragar liberdade
E a crescer de innocencia e vigor!
Oh! aqui, aqui só se engrinalda
Da pureza da rosa selvagem,
E contente aqui só vive Amor.
O ár queimado das salas lhe escalda
De suas azas o niveo candor,
E na frente arrugada lhe cresta
A innocencia infantil do pudor.
E oh! deixar taes delicias como esta!
E trocar este céu de ventura
Pelo inferno da escrava cidade!
Vender alma e razão á impostura,
Ir saudar a mentira em sua côrte.
Ajoelhar em seu throno á vaidade,
Ter de rir nas angústias da morte,
Chamar vida ao terror da verdade . . .
Ai! não, não . . . nossa vida acabou,
Nossa vida aqui toda ficou.
Diz-lhe adeus n'este olhar derradeiro,
Dize á sombra dos montes erguidos,
Dize-ó ao verde do triste pinheiro,

Dize-o a todos os sitios queridos
D'esta ruda, feroz soledade,
Paraizo onde livres vivemos,
Oh! saudades que d'elle teremos,
Que saudade! ai, amor, que saudade!

XXI

Não te amo

Não te amo, quero-te : o amar vem d'alma.
E eu n'alma --- tenho a calma,
A calma -- do jazigo.
Ai! não te amo, não.

Não te amo, quero-te : o amor é vida.
E a vida --- nem sentida
A trago eu já commigo.
Ai, não te amo, não!

Ai! não te amo, não ; e só te quero
• De um querer bruto e fero
Que o sangue me devora,
Não chega ao coração.

Não te amo. És bella : e eu não te amo, ó bella.
Quem ama a aziaga estrella
Que lhe luz na má hora
Da sua perdição?

E quero-te, e não te amo, que é forçado,
De mau feitiço azado
Este indigno furor.
Mas oh! não te amo, não,

E infame sou, porque te quero ; e tanto
Que de mim tenho espanto,
De ti medo e terror . . .
Mas amar! . . . não te amo, não.

XXII

Não és tu

Era assim, tinha esse olhar,
A mesma graça, o mesmo ár,
Córava da mesma côr,
Aquella visão que eu vi
Quando eu sonhava de amor,
Quando em sonhos me perdi.

Toda assim ; o porte altivo,
O semblante pensativo,
E uma suave tristeza
Que por toda ella descia
Como um véu que lhe envolvia,
Que lhe adoçava a belleza.

Era assim ; o seu falar,
Ingenuo e quasi vulgar,
Tinha o poder da razão
Que penetra, não seduz ;
Não era fogo, era luz
Que mandava ao coração.

Nos olhos tinha esse lume,
No seio o mesmo perfume,
Um cheiro a rosas celestes,

Rosas brancas, puras, finas,
Viçosas como boninas,
Singelas sem ser agrestes.

Mas não és tu . . . ai! não és :
Toda a illusão se desfez,
Não és aquella que eu vi,
Não és a mesma visão,
Que essa tinha coração,
Tinha, que eu bem lh'o senti.

XXIII

Belleza

Vem do amor a Belleza,
Como a luz vem da chamma.
É lei da natureza :
Queres ser bella? — ama.

Fórmulas de encantar,
Na tela o pincel
As póde pintar ;
No bronze o buril
As sabe gravar ;
E estatua gentil
Fazer o cinzel
Da pedra mais dura . . .

Mas Belleza é isso? — Não ; só formosura.

Sorrindo entre dores
Ao filho que adora
Inda antes de o vêr,

Qual sorri a aurora
Chorando nas flores
Que estão por nascer —

A mãe é a mais bella das obras de Deus.
Se ella ama! — O mais puro do fogo dos céus
Lhe atea essa chamma de luz crystallina :

E a luz divina
Que nunca mudou,
É a luz . . . é a Belleza
Em toda a pureza
Que Deus a creou.

XXIV

Anjo és

Anjo és tu, que esse poder
Jámais o teve mulher,
Jámais o hade ter em mim.
Anjo és, que me domina
Teu sêr o meu sêr sem fim ;
Minha razão insolente
Ao teu capricho se inclina,
E minha alma forte, ardente,
Que nenhum jugo respeita,
Covardemente sujeita
Anda humilde a teu poder.
Anjo és tu, não és mulher.

Anjo és. Mas que anjo és tu?
Em tua frente annueada,
Não vejo a c'róa nevada

Das alvas rosas do céu.
Em teu seio ardente e nú
Não vejo ondear o véu
Com que o sóffrego pudor
Vela os mysterios de amor.
Teus olhos têm negra a côr,
Côr de noite sem estrella ;
A chamma é vivaz e é bella,
Mas luz não tem. — Que anjo és tu?
Em nome de quem vieste?
Paz ou guerra me trouxeste
De Jehovah ou Belzebú?

Não respondes — e em teus braços
Com freneticos abraços
Me tens apertado, estreito! . . .
Isto que me cae no peito
Que foi? . . . — Lagrima? — Escaldou-me . . .
Queima, abraza, ulcéra . . . Dou-me,
Dou-me a ti, anjo maldito,
Que este ardor que me devora
É já fogo de precito,
Fogo eterno, que em má hora
Trouxeste de lá . . . De d'onde?
Em que mysterios se esconde
Teu fatal, estranho sêr!
Anjo és tu ou és mulher?

XXV

Vibora

Como a víbora gerado,
No coração se formou
Este amor amaldiçoado
Que á nascença o espedaçou.

Para elle nascer morri ;
E em meu cadaver nutrido,
Foi a vida que eu perdi
A vida que tem yivido.

LIVRO SEGUNDO

I

Barca bella

Pescador da barca bella,
Onde vás pescar com ella,
Que é tam bella,
Oh pescador?

Não vês que a última estrella
No céu nublado se vela?
Colhe a vela,
Oh pescador!

Deita o lanço com cautela,
Que a sereia canta bella . . .
Mas cautela,
Oh pescador!

Não se enrede a rêde n'ella,
Que perdido é remo e vela
Só de vêl-a,
Oh pescador.

Pescador da barca bella,
Inda é tempo, foge d'ella,
Foge d'ella
Oh pescador!

II

A corôa

Bem sei que é toda de flores
Essa corôa de amores
Que na frente vaes cingir.
Mas é corôa — é reinado ;
E a pôsto mais arriscado
Não se pôde hoje subir.

N'esses reinos populosos
Os vassallos revoltosos
Tarde ou cedo dão a lei.
Quem hade conter, domal-os,
Se são tantos os vassallos
E um só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
Para fugir essa estrella
Que os reis persegue sem dó,
Mais que um meio — falo serio :
É pôr limites ao imperio
E ter um vassallo só.

III

Sina

Por todas quantas estrellas
Tem o céu que possam mais,
Pelas flores virginaes
De que se c'roam donzellas,
Pelas lagrimas singelas
Que o primeiro amor derrama,
Por aquella etherea chamma
Que a mão de Deus accendeu
E que na terra alumia
Quanto ha na terra do céu!
Por tudo quanto eu queria
Quando eu sabia querer,
E por tudo quanto eu cria
Quando me era dado crêr!
Bem fadada seja a vida
Que por estas folhas brancas (1)
Sua historia hade escrever!
Que as dores lhe venham mancas
E com azas o prazer!
Esta sina que lhe dou,
Bruxa não n'a adivinhou,
Nem duende m'a ensinou :
Li-a eu por meu condão
Em seus olhos innocentes,
Transparentes — transparentes
Até dentro ao coração.

(1) As folhas do album em que se escreveram estes versos.

IV

Ai Helena !

Ai, Helena! de amante e de espôso
Já o nome te faz suspirar,
Já tua alma singela presente
Esse fogo de amor delicioso
Que primeiro nos faz palpar! . . .
Oh! não vás, donzella innocente,
Não te vás a esse engano entregar :
É amor que te illude e te mente,
É amor que te hade matar!
Quando o sol n'estes montes desertos
Deixa a luz derradeira apagar,
Com as trévas da noite que espanta
Vêm os anjos do inferno encobertos
A sua victima incauta affagar.
Doce é a voz que adormece e quebranta,
Mas a mão do traidor . . . faz gelar,
Treme, fuge do amor que te encanta,
É amor que te hade matar.

V

The Rose — A sigh (1)

If this delicious, grateful flower,
Which blows but for a little hour,
Should to the sight so lovely be,
As from it's fragrance seems to me,

(1) By a young lady born blind.

A sigh must then it's colour show,
 For that is the softest joy I know.
 And sure the rose is like a sigh,
 Born just to soothe and then — to die

V

A rosa — Um suspiro (¹)

Se esta flôr tam bella e pura,
 Que apenas uma hora dura,
 Tem pintado no matiz
 O que o seu perfume diz,
 Por certo na linda côr
 Mostra um suspiro de amor :
 Dos que eu chego a conhecer
 É este o maior prazer.
 E a rosa como um suspiro
 Hade ser ; bem se discorre :
 Tem na vida o mesmo giro,
 É um gôsto que nasce e — morre.

VI

Retrato

(N'UM ALBUM)

Ah! despreza o meu retrato
 Que lhe eu queria aqui pôr!
 Tem medo que lhe desfeie
 O seu livro de primor?

(¹) Por uma menina cega de nascença.

Pois saiba que por despique
Eu sei tambem ser pintor :
Co'esta penna por pincel,
E a tinta do meu tinteiro,
Vou fazer o seu retrato
Aqui já de corpo inteiro.

Vamos a isto — Sentada
Na cadeira *moyen-âge*,
O cabelo *en chatelaines*,
As mangas sôltas. — É o traje.

Em longas prégas negras
Caia o velludo e arraste ;
De si com desdem regio
Com o pésinho o affaste . . .

N'essa attitude! Está bem:
Agora mais um geitinho ;
A airosa cabeça a um lado
E o lindo pé no banquinho.

Aqui estão os contôrnos, são estes,
Nem Daguerre lh'os tira melhor.
Este é o ár, esta a *pose*, eu lh'o juro,
E o trajar que lhe fica melhor.

Vamos agora ao difficil :
Tirar feição por feição ;
Entedel-as, que é o ponto,
E dar-lhe a justa expressão.

Os olhos são côr da noite,
Da noite em seu começar,

Quando inda é joven, incerta,
E o dia vem de acabar ;

Têem uma luz que vae longe,
Que faz gosto de queimar ;
E uma especie de lume
Que serve só de abraçar.

Na bocca ha um sorriso amavel.
Amavel é . . . mas queria
Saber se é todo bondade
Ou se meio é zombaria.

Ninguem m'ó diz? O retrato
Incompleto ficará,
Que n'estas duas feições
Todo o sêr, toda a alma está.

Pois fiel como um espelho
É tudo o que n'elle fiz ;
E o que lhe falta — que é muito,
Tambem o espelho o não diz.

VII

Lucinda

Ergue a frente, lirio,
Ergue a branca frente!
O astro do delirio
Já surgiu no oriente.

Vês o sol ardente,
Lá cahiu no mar ;
A frente pendente
Ergue a respirar!

Alvo é o luar,
Teu alvor não cresta ;
A hora de gosar,
De viver é esta.

Longa foi a sésta,
Longo o teu dormir ;
Ergue a branca testa,
Tempo é de surgir!

Já se abre a sorrir
Tua bocca linda . . .
Despertar, sentir
Ou sonhar é ainda?

Sonho que não finda
Será o teu sonhar,
Se a dormir, Lucinda,
Te sentes amar.

VIII

As duas rosas

Sobre se era mais formosa
A vermelha ou branca rosa,
Ardeu seculos a guerra
Em Inglaterra.

Paz entre as duas, jámais!
Reinar ambas as rivaes,
Tambem não ; e uma ceder
Como hade ser?

Faltei eu lá na Inglaterra
Para acabar com a guerra.
Eil-as aqui bem iguaes,
Mas não rivaes.

Atei-as em laço estreito :
Que artista fui, com que geito!
E oh! que lindas são, que amores
As minhas flores!

Dirão que é cópia ; — bem sei :
Que todo inteiro o roubei
Meu pensamento brilhante
Do teu semblante . . .

Será. Mas se é tam bello
Que lhe dêem esse modelo,
Do meu quadro, na verdade,
Tenho vaidade.

IX

Voz e aroma

A brisa voga no prado,
Perfume nem voz não tem ;
Quem canta é o ramo agitado,
O arôma é da flôr que vem.

A mim tornem-me essas flores
Que uma a uma eu vi murchar,
Restituam-me os verdores
Aos ramos que eu vi seccar . . .

E em torrentes de harmonia
Minha alma se exhalará,
Esta alma que muda e fria
Nem sabe se existe já.

X

Seus olhos

Seus olhos — se eu sei pintar
O que os meus olhos cegou —
Não tinham luz de brilhar,
Era chamma de queimar ;
E o fogo que a ateou
Vivaz, eterno, divino,
Como o facho do Destino.

Divino, eterno! — e suave
Ao mesmo tempo : mas grave
E de tam fatal poder,
Que, um só momento que a vi,
Queimar toda alma senti . . .
Nem ficou mais de meu sêr,
Senão a cinza em que ardi.

XI

A Délia

Cuidas tu que a rosa chora,
Que é tamanha a sua dôr,
Quando, já passada a aurora,
O sol ardente de amor,
Com seus beijos a devora?
— Feche virgineo pudor
O que ainda é botão agora
E amanhã hade ser flôr ;
Mas ella é rosa n'esta hora,
Rosa no arôma e na côr.

— Para amanhã o prazer
Deixe o que amanhã viver.
Hoje, Délia, é nossa a vida ;
Ámanhã . . . o que hade ser?
A hora de amor perdida
Quem sabe se hade volver?
Não desperdices, querida,
A duvidar e a soffrer
O que é mal gastô da vida
Quando o não gasta o prazer.

XII

A joven americana

D'onde é que te eu vi, donzella,
E o que eras tu n'esta vida
Quando não tinhas vestida
A fôrma de virgem bella
Que ora te vejo trajar?

Estrella foste no céu,
Serias no prado flôr?
Ou, no diaphano splendor
De que Iris faz o seu véu,
Estavas, Silpha, a bordar?

Não houve poeta ainda
Que te não visse e cantasse,
Mulher que não te invejasse,
Nem pintor que a face linda
Te não fôsse copiar.

Seculos tens. — E ah! . . . já sei
Quem és, quem foste e hasde ser :
Bem te eu estava a conhecer
Quando princiro te olhei
Sem te podêr estranhar.

Com Deus e co'a Liberdade
De nossas terras fugiste
Quando perdidos nos viste,
E te foste á soledade
Do novo mundo acoitar.

Pois que ora piedosa vens
E nos sentes resurgir,
Oh! não tornes a fugir,
Que melhor patria não tens
Nem que mais te saiba amar.

Teu natal celebraremos
Hoje e sempre : teus amigos
Somos na lealdade antigos,
E no ardor novos seremos,
No desvélo em te adorar :

Porque tu és o Ideal
 Da só belleza — do Bem ;
 Não és estranha a ninguem,
 E de ti só foge o mal
 Que te não póde encarar.

XIII

Adeus, mãe

Adeus, mãe!, adeus, querida,
 Que eu já não posso co'a vida
 E os anjos chamam por mim.
 Adeus, mãe, adeus! . . . Assim,
 Junta os teus labios aos meus,
 E recebe o último adeus
 N'este suspiro . . . Não chores,
 Não chores : aquellas dores
 Já sinto acalmar em mim.
 Adeus, mãe, adeus! , . . Assim,
 Junta os teus labios aos meus . . .
 Um beijo — um ultimo . . . Adeus!

E o corpo desanimado
 No collo da mãe cahia ;
 E ella o corpo . . . só pesado,
 Só mais pesado o sentia!
 Não se lamenta, não chora,
 E quasi a sorrir, dizia :
 — Que tem este filho agora,
 Que tanto pesa? Não posso . . . —
 E uma a uma, osso por osso,
 Com a mão trémula tenta
 As mãosinhas descarnadas,

As faces cavas, myrradas,
A testa inda morna e lenta
— Que febre, que febre! — diz ;
E em tudo pensa a infeliz,
Tudo que ha mau lhe occorreu,
Tudo — menos que morreu.

Como nos gelos do norte
O somno traidor da morte
Engana o desfalecido
Que imagina adormecer,
Assim cansado, esvahido
De tam longo padecer,
Já não ha no coração
Da mãe força de sentir ;
Não tem já lume a razão
Senão só para a illudir.

Acorda, ó mãe desgraçada,
Que é tempo de despertar!
Anda vêr a eça armada,
As luzes que ardem no altar.
Ouves? É a rouca toada
Dos padres a psalmear! . . .
Vamos, que a hora é chegada,
É tempo de o amortalhar.

E os anjos cantavam :

— Alleluia!

E os santos clamavam :

— Hossanna!

Ao triste cantar da terra
Responde o cantar do céu ;

Todos lhe bradam : — Morreu!
E a todos o ouvido cerra.

E os sinos a tocar,
E os padres a rezar,
E ella ainda a acalentar
Nos braços o filho morto,
Que já não tem mais conforto,
Mais socego n'este mundo
Que o jazigo humido e fundo
Onde hade ir a sepultar.

Levae, ó anjos de Deus,
Levae essa dôr aos céus.
Com a alma do innocente
Aos pés do Juiz Clemente
Ahi fique a santa dôr
Rogando á Eterna Bondade
Que estenda a immensa piedade
A quantos peccam de amor.

XIV

Ave, Maria !

Maria, doce mãe dos desvalidos,
A ti clamo, a ti brado!
A ti sobem, senhora, os meus gemidos,
A ti o hymno sagrado
Do coração de um pae vôa, ó Maria,
Pela filha innocente.
Com sua debil voz que balbucia,
Piedosa mãe clemente,
Ella já sabe, erguendo as mãos tenrinhas,
Pedir ao Pae dos céus

O pão de cada dia. As preces minhas
 Como irão ao meu Deus,
Ao meu Deus que é teu filho e tens nos braços.
 Se tu, mãe de piedade,
Me não tomas por teu? Oh! rompe os laços
 Da velha humanidade ;
Despe de mim todo outro pensamento
 E van tenção da terra ;
Outra glória, outro amor, outro contento
 De minha alma desterra.
Mãe, oh! mãe, salva o filho que te implora
 Pela filha querida.
De mais tenho vivido, e só agora
 Sei o preço da vida,
D'esta vida, tam mal gasta e prezada
 Porque minha só era . . .
Salva-a, que a um santo amor está votada,
 N'elle se regenera.

XV

Os exilados

A SENHORA ROSSI-CACCIA (1)

Elles tristes, das praias do desterro,
Os olhos longós e arrazados de agua
Estendem para aqui . . . Cravado o ferro
Da saudade têm n'alma ; e é negra mágua
A que lhes rala os corações afflictos,
É a maior da vida — são proscritos.

(1) Cantando em um baile de subscrição que se deu em Lisboa em 29 de Março de 1845 a favor dos que n'esse anno estavam emigrados por fugir ás perseguições do Governo.

Dôr como outra não ha, é a dôr que os mata!
 Dizer eu : « Essa terra é minha . . . minha,
 Que nasci n'ella, que a servi, a ingrata!
 Que lhe dei . . . dei por ella quanto tinha,
 Sangue, vida, saude, os bens da sorte . . .
 E ella, por galardão, me entrega á morte! »

Morte lenta e cruel — a de Ugolino! (1)
 Bem lhes quizeram dar . . .

Mas não será assim : sôpro divino
 De bondade e nobreza
 Não o póde apagar
 Nos corações da gente portugueza
 Esse rancor de féra
 Que em almas negras, negro e vil impera.

Tu, genio da Harmonia,
 Tu solta a voz em que triumpha a glória,
 Com que suspira amor!
 Bella de entusiasmo e de fervor,
 Ergue-te, ó Rossi, tua voz nos guia :
 A tua voz divina
 Hoje um ecco immortal deixa na historia.
 Inda no mar d'Egina
 Sôa o hymno de Alceu ;
 E atravessaram seculos
 Os cantos de Tyrteu,
 Mais poderosa e válida
 A tua voz será ;
 A tua voz etherea,
 Tua voz não morrerá.

(1) Foi morto á fome com os filhos.

Nós no templo da patria pendurâmos
Esta c'roa singela
Que de myrtho e de rosas entrançâmos
Para essa fronte bella :
Aqui, de voto, ficará pendente,
E um culto de saudade
Aqui, perennemente,
Lhe daremos no altar da Liberdade.

XVI

Preito

É lei do tempo, Senhora,
Que ninguem domine agora
E todos queiram reinar.
Quanto vale n'esta hora
Um vassallo bem sujeito,
Leal de homenage e preito
E facil de governar?

Pois o tal sou eu, Senhora :
E aqui juro e firmo agora
Que a um despotico reinar
Me rendo todo n'esta hora,
Que a liberdade sujeito . . .
Não a reis! — outro é meu preito :
Anjos me hão de governar.

XVII

No Lumiar

Era um dia de Abril ; a primavera
Mostrava apenas seu virgineo seio
Entre a folhagem tenra ; não vencêra,
De todo, o sol o mysterioso enleio
Da nevoa rara e fina que estendera
A manhã sobre as flores ; o gorgueio
Das aves inda tímido e infantil . . .

Era um dia de Abril,
E nós iamos lentos passeando,
De vergel em vergel, no descuidado
Socêgo d'alma que se está lembrando
Das luctas do passado,
Das vagas incertezas do porvir.
E eu não cansava de admirar, de ouvir,
Porque era grande, um grande homem de véras
Aquelle Duque — alli maior ainda,
Alli no seu Lumiar, entre as sinceras
Bellezas d'esse parque, entre essas flores,
A qual mais bella e de mais longe vinda
Esmaltar de mil côres
Bosque, jardim, e as relvas tam mimosas,
Tam suave ao pé — muito ha cansado
De pisar alcatifas ambiciosas,
De tropeçar no perigoso estrada
Das vaidades da terra.
E o velho Duque, o velho homem d'Estado,
Ao falar d'essa guerra
Distante — e das paixões da humanidade,
Sorria malicioso
D'aquelle sorrir fino sem maldade,

Que tam seu era, que, entre desdenhoso
E benevolo, a quanto lhe sahia
Dos labios dava um cunho de nobreza,
De razão superior.

E então como elle a amava e lhe queria
A esta pobre terra portugueza!
Velha tinha a razão, velha a experiencia,
Joven só esse amor.

Tam joven, que inda cria, inda esperava,
Inda tinha a fé viva da innocencia! . . .

Eu, na força da vida,
Tristemente de mim me envergonhava.
— Passeavamos assim, e em reflectida
Meditação tranquilla descuidados
Iamos sós, já sem falar, descendo
Por entre os velhos olmos tam copados,
Quando sentimos para nós crescendo
Rumor de vozes finas que zumbia
Como enxame de abelhas entre as flores,
E vimos, qual Diana entre os menores
Astros do céu, a fórma que se erguia,
Sôbre todas gentil, d'essa estrangeira
Que se esperava alli. Perfeita, inteira
No velho amavel renasceu a vida
E a graça facil. Cuidei vêr o antigo,
O nobre Portugal que resurgia
No venerado amigo ;
E na formosa dama que sorria,
O genio da subida,
Rara e fina elegancia que a nobreza,
O gôsto, o amor do Bello, o instincto da Arte
Reune e faz irmãos em toda a parte :
Que affere a grandeza

Pela medida só dos pensamentos,
Do stylo de viver, dos sentimentos,
Tudo o mais como futil desprezando.

Pensei que a saudar o velho illustre
Em seus ultimos dias
E a despedir-se, até Deus sabe quando,
De nossas praias tristes e sombrias,
Vinha esse genio . . . Tristes e sombrias,
Que o sol lhe foge, lhe esmorece o lustre,
E onde tudo o que é alto vae baixando . . .

O triste, o que não tem já sol que o aqueça
Sou eu talvez — que, á mingua de fé sinto,
O cerebro gelar-me na cabeça,
Porque no coração o fogo é extincto.
Elle não era assim,
Ou, sabia fingir melhor do que eu!

— Como o nobre corcel que envelheceu
Nas guerras, ao sentir o aureo telim
E as armas sôbre o dorso descarnado,
Remoça o garbo, em juvenil meneio
Franja de espuma o freio,
E honra os braços da casa em que foi nado.

Nunca me hade esquecer aquelle dia!
Nem os olhos, as falas, e a sincera
Admiração da bella dama ingleza
Por tudo quanto via ;
O fructo, a flôr, o arôma, o sol que os gera,
E esta vivaz, vehemente natureza,
Toda de fogo e luz,

Que ama incessante, que de amar não cansa,
 E continua produz
 Nos fructos o prazer, na flôr a esp'rança.

Alli as nações todas se juntaram,
 Alli as várias linguas se falaram ;
 A Europa convidada
 Veiu ao festim — não ao festim, ao preito.
 Vassallagem rendida foi prestada
 Ao talento, á belleza,
 A quanto n'alma infunde amor, respeito,
 Porque é devéras grande : — que a grandeza
 Os homens não a dão ;
 Põe-na por sua mão
 N'aquelles que são seus,
 Nos que escolheu — só Deus.

Oh! minha pobre terra, que saudades
 D'aquelle dia! Como se me aperta
 O coração no peito co'as vaidades,
 Co'as miserias que ahi vejo andar álerça,
 Á solta, apregoando-se! Na intriga,
 Na traição, na calúnnia é forte a liga,
 É fraca em tudo o mais . . .

Tu, socegado

Descansa no sepulchro ; e cerra, cerra
 Bem os olhos, amigo venerado,
 Não vejas o que vae por nossa terra.
 Eu fecho os meus, para trazer mais viva
 Na memoria a tua imagem
 E a d'essa bella Ingleza que se esquivava
 De nós entre a folhagem
 Dos bosques de Parthenope. Cansado,
 Fito n'esta miragem

Os olhos d'alma, em quanto que arrastado
Vae o tardio pé
Por este que inda é,
Que cedo não será, bem cedo — em mal!
O velho Portugal. (1)

XVIII

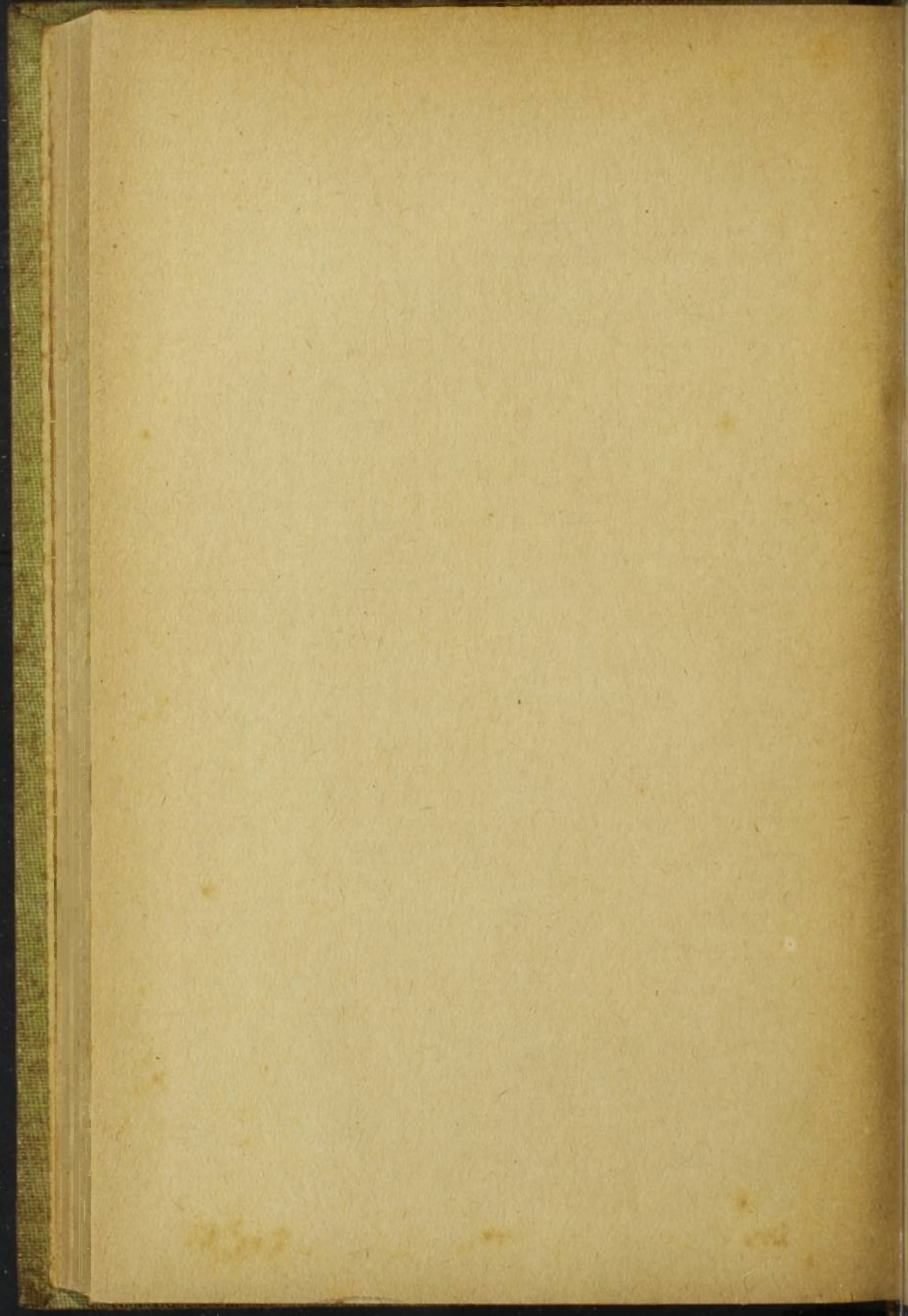
A um amigo

Fiel ao costume antigo,
Trago ao meu joven amigo
Versos propios d'este dia.
E que de os vêr tam singelos,
Tam simples como eu, não ria :
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.

Que sobre a flôr de seus annos
Soprem tarde os desenganos ;
Que emtôrno os bafeje amor,
Amor da espôsa querida,
Prolongando a doce vida
Fructo que succeda á flôr.

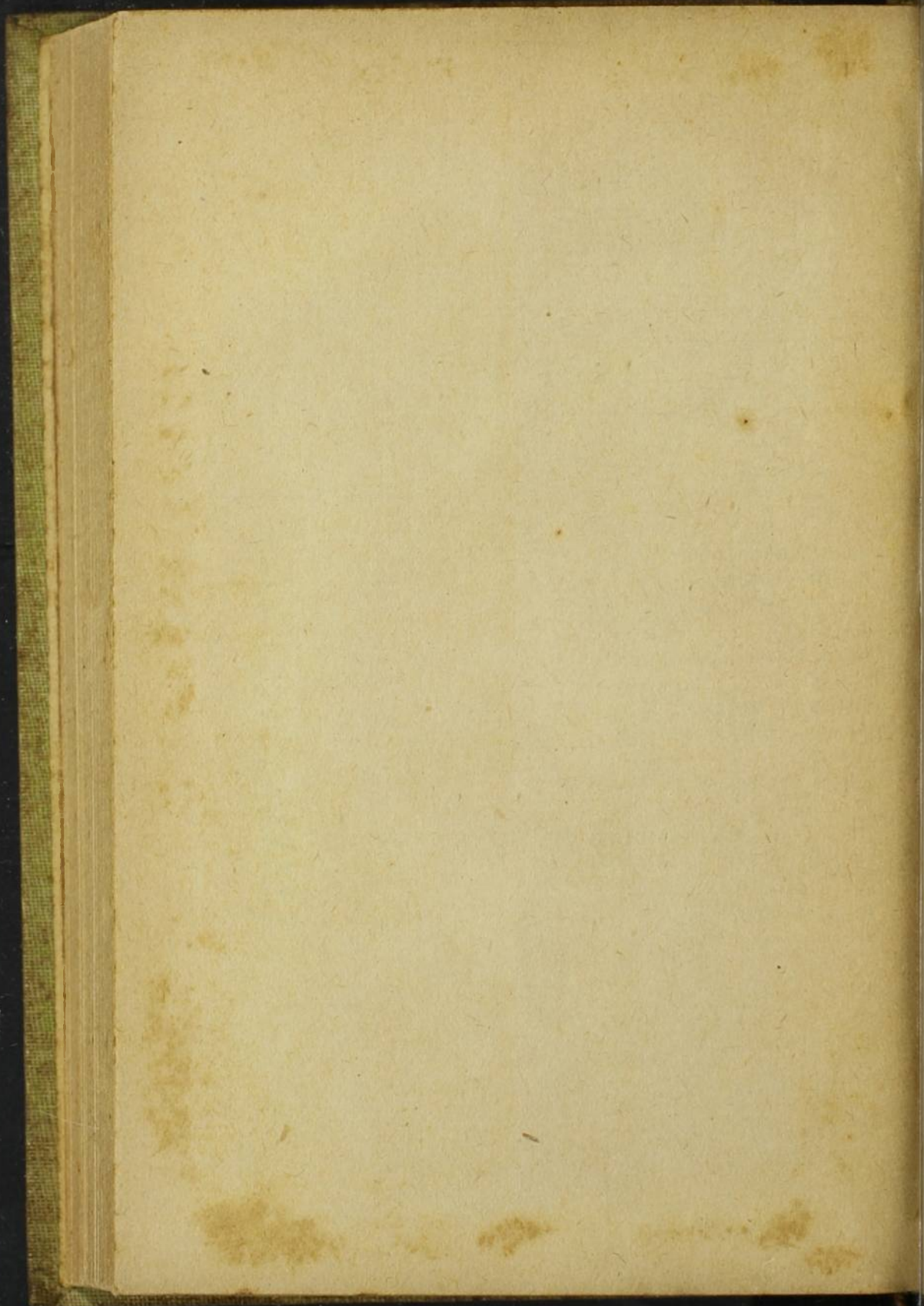
(1) Estes versos foram inspirados pela visita da celebrada Mrs. Northon á quinta do Lumiar, onde o fallecido duque de Palmella reuniu, para a festejar, alguns poucos amigos escolhidos. Foi nos ultimos tempos de sua vida. Mrs. Northon reside actualmente em Napoles, a Parthenope de que fala o texto. (*Nota do autor*).

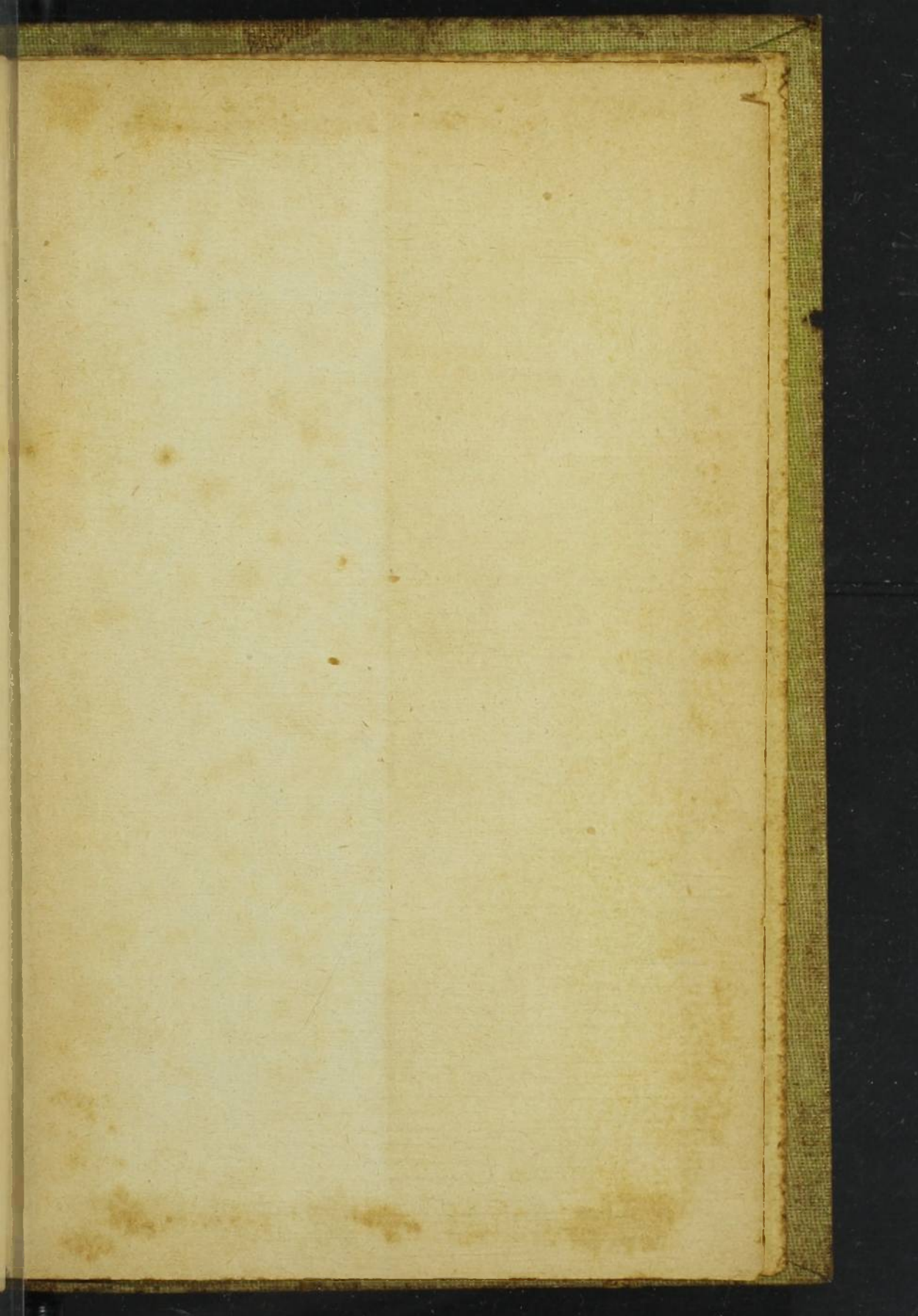
Recebe este voto, amigo,
Que eu fiel ao uso antigo
Quiz trazer-te n'este dia
Em poucos versos singelos ;
Qualquer os fará mais bellos,
Ninguem tam d'alma os faria.



ÍNDICE

	Pag.
Poetas do Amor	5
A Égloga Crisfal	9
Cristóvão Falcão e M. Brandoa	11
A Égloga	19
Carta do mesmo, estando preso	54
Notas	58
Marília de Dirceu	61
Tomás António Gonzaga	63
« Marília »	67
Folhas Cahidas	217
Almeida Garrett	192
Advertência às « Folhas » (1853)	222
Folhas Cahidas	225
Livro primeiro	225
Livro segundo	262

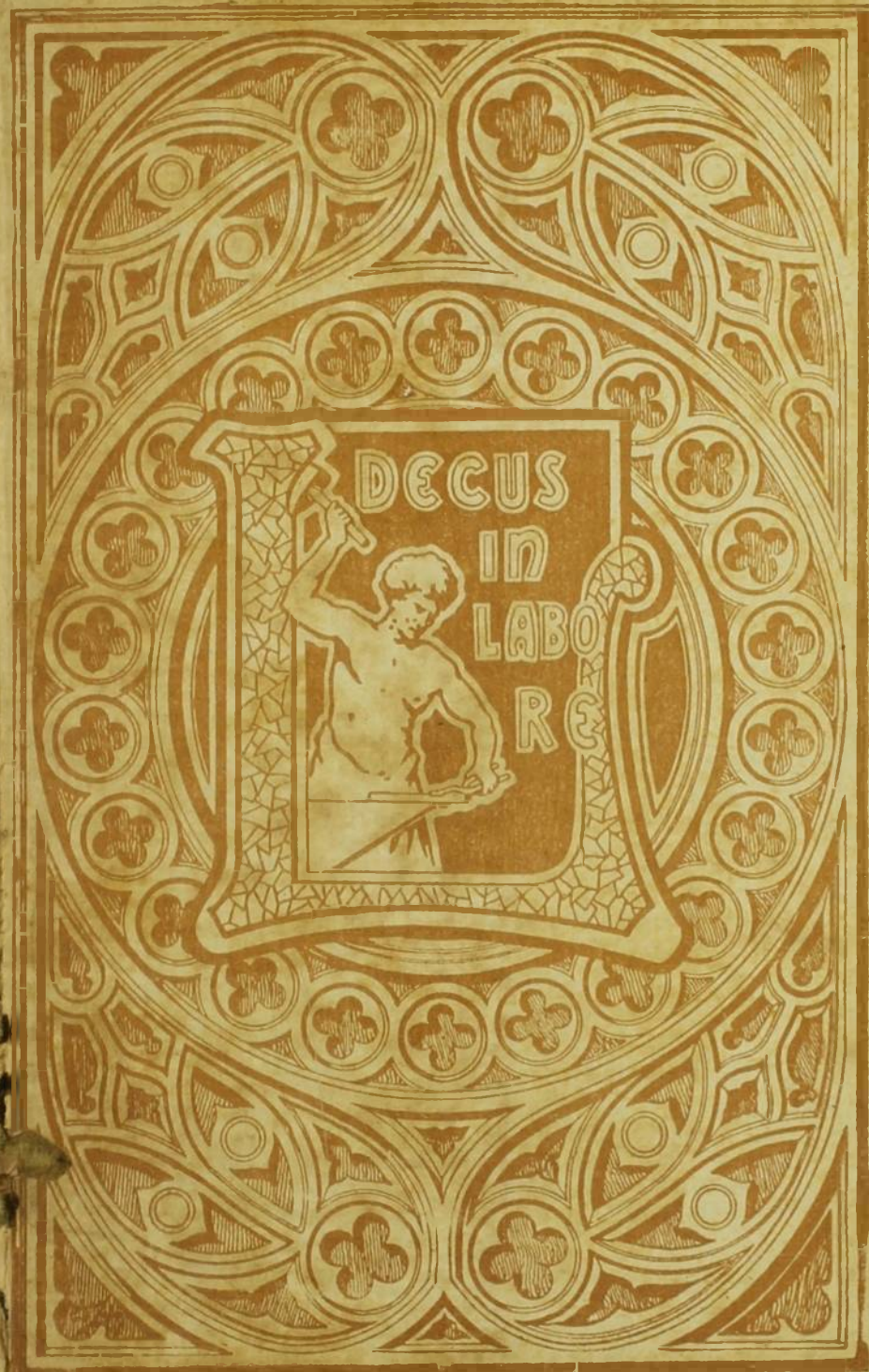




TORRE DE BELEM LISBOA



25158



DECUS
IN
LABORE

